This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

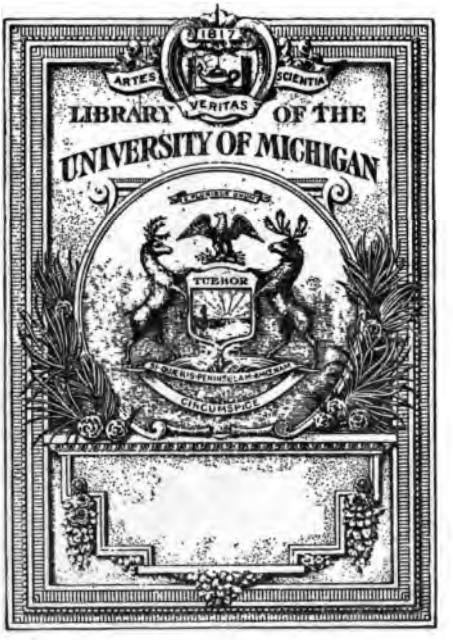
- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

A 476287


1817
ARTES
VERITAS
SCIENTIA
LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF MICHIGAN
TUEBOR
SI QUAERIS PENINSULAM AMOENAM
CIRCUMSPICE

JOHN BULL

Porto: 1887 — Typ. de A. J. da Silva Teixeira

Rua da Cancella Velha, 70

RAMALHO ORTIGÃO, José Duarte.

JOHN BULL

DEPOIMENTO DE UMA TESTEMUNHA

acerca de alguns aspectos da vida e da civilisação ingleza

PORTO
Livraria Internacional de Ernesto Chardron
Casa editora
LUGAN & GENELIOUX, SUCCESSORES
1887

DA
110
R16

A SIR JOHN BULL

EM SUA ILHA

Canal da Mancha, lado esquerdo.

MEU CARO JOHN

MUITO antes que meus olhos tivessem tido o prazer ineffavel de te contemplar no proprio seio da tua patria, já eu te conhecia, desde a minha infancia, da rua Nova dos Inglezes no Porto e das quintas vinhateiras de alguns dos meus amigos de cima do Douro.

D'esse tempo remoto data o principio do meu respeito e da minha admiração por ti.

Porque nunca do alto da vetusta torre dos Clerigos, n'um raio de tres legoas em redondo, se descobriu outro como tu para chegar ali assim á esquina das Congostas, agarrar o capital portuense por um botão da sobrecasaca, chamal-o á parte, dizer-lhe uma palavra ao ouvido, emborcar-lhe nas fauces meia *pale-ale,* applicar-lhe sobre a bôca do estomago uma palmada de patrocinadora familiaridade, e raspar-se para casa com o seu arranjo feito, ao trote esgalgado de uma egoa da Maia, emmagrecida, tosquiada e derrabada competentemente para produzir na praça do commercio o effeito de uma besta exotica, emigrada do *derby* d'Epson para ennobrecer com o contacto das suas quatro ferraduras os humildes mas predestinados lagedos do largo de S. Domingos e da travessa da Alfandega!

De sua natureza desconfiadissimo, o negociante do Porto não deixa penetrar quem quer no santuario da sua confiança mercan-

til. O seu compatriota que *charuta* na praça, que usa o bigode torcido, que põe gravatas garridas, que é *typo de chicotinho e de cavallicoque,* infunde-lhe tenebrosas suspeitas e apprehensões tragicas. Todo o estrangeiro que pela sua maneira de carregar nos *rr* inculque a possibilidade de ser francez é implacavelmente despedido dos escriptorios com murmurios de mau agouro, e logo que elle vire costas investiga-se com sobresalto se sim ou não foram empalmadas as pennas d'aço de cima da carteira.

Comtigo, nem a minima sombra de um receio! Apresentas-te a esses homens austeros e taciturnos vestido como um jockey em viagem, de chapeu côco alvadio, rabona côr de mostarda, gravata vermelha ou azul Cambridge passada por um annel de ouro polido, cachimbo nos dentes, *stik* debaixo do braço, monoculo no olho. Dizes-lhes: — *Aoh! vossemecê!... all right!* E em presença de uma tal gravidade d'aspecto, de uma tão

respeitosa cultura de linguagem, o burguez indigena da tua Rua Nova rende-se-te incondicionalmente com armas e bagagens para toda a especie de negocio, e elle mesmo folga de repetir como tu, n'uma bonhomia immensa: — *Aoh!... yes... all right!...*

Toda a transacção feita sobre taes bases é a mais segura e a mais firme transacção do mundo para o homem cauto da praça do Porto. Elle não sabe ao certo se tu vens de Southampton, se vens de Liverpool ou se vens de Manchester, nem se tens de teu mais alguma coisa do que o teu cachimbo, o teu *stick* e a tua egoa derrabada. Para seu inviolavel e perennal socego basta-lhe que tu sejas o Inglez... o Inglez do Candal, ou o Inglez de Mathosinhos... John, emfim! o grande John, o forte John, o inteiriço e desdenhoso John, — da veneranda firma *John and John!*

Na região vinhateira do Douro as tuas attitudes são tão largamente senhoriaes, tão convictamente dominativas que eu sempre cuidei, em pequeno, que eras tu o dono de toda aquella coisa desde os Padrões da Teixeira até Cima-Corgo!

No tempo da uva madura, desde meado de setembro até meado de outubro, o jantar ou o almoço das familias é frequentemente interrompido pelo *fac-totum* que te precede, com a tua maleta em punho e vem berrar de chapeu na cabeça á porta da casa de jantar:

— O Inglez! o Inglez! ahi está o Inglez! O snr. John!

O lavrador ergue-se então de um pulo, limpa os beiços á pressa, sacode as migalhas do collete, e vôa ao teu encontro, sabendo que te desgostaria fazendo-te esperar.

O teu grande ar magestatico durante essas entrevistas é coisa que jámais esquecerei.

Vestido de pantalonas de equitação forradas de camurça, abotoadas á perna desde o tornozêlo até o joelho, de esporas calçadas, chapeu sobre o olho, as pernas abertas como um A no meio da vinha, chicoteando as cepas, começas desdenhosamente o teu inquerito, cuspindo para o horisonte as cascas dos bagos que te dignas de provar:

— Qual a producção?... quanto o preço de cada pipa?...

E tomas as tuas notas n'uma carteira. Depois do quê prosegues a tua excursão de quinta em quinta, despedindo-te do lavrador com um breve gesto acenado com a ponta da luva ou com o cabo do chicote.

Na segunda visita, d'ahi a dois ou tres dias, analoga scena para fixar o preço e fechar a transacção:

— Eu compra vossemecê quinze soberanos pipa.

Proferida esta solemne palavra na lingua portugueza de teu uso, entrecortada de ple-

bleismos aprendidos com os barqueiros de Massarellos e com os matulas dos armazens de Villa Nova de Gaya, está fechado o negocio.

Quando mais tarde vim a saber que não eras no Douro senão um simples comprador de vinho, a prazo, que do cumprimento da transacção não davas outra garantia além de um *shake-hands* trocado com o vendedor e de uma garatuja traçada a lapis no teu caderno d'algibeira, que dentro da tua inseparavel maleta não trazias mais que uma navalha de barba, uma camisa de dormir, um par de piugas e um collarinho postiço; e que é por este simples processo que negoceias no Douro os vinhos que vendes no estrangeiro, antes de os haver pago ao productor, sob os nomes de *London legitimo*, de *London especial* e de *London superfino*, achei-te sublime e comecei a venerar-te.

Porque, emfim, esse ingenuo burguez do Porto, esse misero proprietario do Douro,

que tu, John, tão lucrativamente exploras e tratas com o mesmo desprezo com que se trata um cão, é um sêr humano de casta incomparavelmente mais fina, mais bella, mais intelligente e mais nobre do que a tua.

Elle é o portuguez.

A sua familia, no seculo XVI, quando os teus antepassados — segundo Drapper — eram ainda tão barbaros como os americanos do Mexico, tornou-se illustre em todo o mundo por alguns dos mais altos serviços prestados á civilisação pela intelligencia e pela coragem do homem, na sciencia, nas artes, no commercio e nas letras. Indolente como um arabe, dissipador e desgovernado em sua casa como todo o nobre latino, emigrando para trabalhar, refugiando-se para refazer fortuna em remotos paizes estranhos, no Brazil, na California ou na Australia, como o caranguejo que se occulta quando perde a casca, e só reapparecendo depois de encouraçado de novo, elle póde ter todas

as imperfeições do Romano, não tem manha alguma do Carthaginez, e pelo conjunto total das suas prendas e das suas baldas, é por excellencia no destino da civilisação o que na familiaridade da linguagem se chama — o bom rapaz. Arruinado por administradores ineptos e boçaes, opprimido por credores, explorado por agiotas, contrahiu alguns dos defeitos adstrictos ás situações irregulares. É imprevidente, é desleixado, é jogador, e preoccupam-o talvez mais profundamente e mais sériamente os compromissos das suas cartas de namoro do que os das suas letras de cambio. Na qualidade de teu colono, de teu alliado, de teu protegido, de teu credor e de teu freguez, elle mentirá de quando em quando, sem mesmo dar por isso, não para te embair mas para se comprometter a si proprio. Assim terás notado que para te prestar serviços, para ter o gosto de se occupar dos teus negocios ou dos teus prazeres, elle procurará fazer-te acre-

ditar que não tem mais nada que fazer; e quando te sentar á sua mesa,—ainda que para isso hypotheque uma vinha, venda uma junta de bois, ou ponha no Monte-Pio as suas joias de familia—elle fingirá viver na larga e despreoccupada abundancia do duque de Hamilton, do barão Nathaliel de Rothshild ou do barão Overstone, para o fim de te não dar remorsos de motivares as suas dissipações, abarrotando-te de trufas como um paio e atestando-te de champagne como um ôdre. Elle é jactancioso, verboso, rhetorico, bohemio, sentimentalista e atenorado, mas com todos esses defeitos allia qualidades de meiguice e de imaginação, que não tornam talvez a vida mais rica mas que a tornam com certeza mais facil, mais dôce e mais bella.

Tens mais dinheiro e tens mais pulso tu, não ha duvida. Quem sabe todavia se debaixo de um tepido céo azul, alimentado com um prato de assorda d'alho ou com

um punhado de azeitonas, fazendo versos e tocando guitarra, elle não é talvez mais feliz e no fundo mais sabio do que tu com o teu milhão e com o teu *spleen!* E emquanto a força, John, não te seria inutil considerar que se pela tua parte tens musculos para o desmandibular com um sôco, por uma equitativa e providencial distribuição de recursos na lucta pela vida elle tem a bem conhecida ferramenta peninsular e a porção d'alma precisa para te pôr as tripas ao sol.

Como tu mesmo, emfim, elle é no mundo moderno um decadente. Como tu é porventura igualmente na historia um condemnado, mas por causas differentes: elle pela razão de que, dessorado pela influencia debilitante de trezentos annos de esmagadora educação jesuitica perdeu a consciencia nacional e abdicou politicamente da hegemonia que os seus feitos da Renascença o destinavam a exercer na pacifica alliança da familia iberica; tu porque pelo teu egoismo insular

pelo mercantilismo interesseiro da tua politica exterior tens constantemente corrompido e atraiçoado em proveito da tua hulha, dos teus algodões e da tua agiotagem, a solidariedade da Europa.

Quando do que foi a nação portugueza não restar á beira do mar mais que uma estreita facha de terra, *campus ubi Troja fuit*, a Inglaterra terá tambem por seu turno cessado de ser para a civilisação alguma outra coisa além da ilha indigesta de que disse Heine que o nojo de vomital-a impedia o Oceano de engulil-a.

E se para esse tempo não tiver acabado a historia do mundo juntamente com a vida das nacionalidades exhaustas para o progresso da especie humana, os navegantes que passarem pela tua ilha, só terão para recordar que ahi esteve na gloriosa era da rainha Victoria — *the Victorian age* — o mais sortido trapiche e o mais grosso negocio de seccos e molhados de toda a Europa; ao passo

que, costeando a antiga praia lusitana nenhum maritimo esquecerá que foi do alto de uma pequena bôlha de solo chamada o Promontorio de Sagres que um pobre diabo de povo ensinou ao velho mundo continental o caminho da navegação para a India, unificando assim o globo terrestre pelo consorcio aquatico da civilisação occidental com a civilisação do Oriente. E nas Molucas, nas Filipinas, na Terra de Fogo, no Cabo Forward, na larga vastidão do Mar Pacifico, nas costas da Patagonia, nas perdidas ilhas da Aguada dos Bons Indios, dos Tubarões, dos Ladrões, de Samar, das Desventuradas, de tantas outras, assim como no estreito de Magalhães, ficará para todo sempre commemorado o nome portuguez do navegador que primeiro circumgirou o orbe, praticando o maior de todos os feitos geographicos, luctando a seu bordo com a insurreição, com a febre e com a fome, bebendo agua apodrecida e comendo cozinhados em agua do

mar os ratos do porão, e o couro do forro da verga grande, tendo por pão em muitos dias serradura de madeira desde que faltou a bolacha fermentada nas dejecções das sevandijas e reduzida a pó pelo gorgulho.

Como escriptor de livros de viagem, de historia ou de critica d'arte em Portugal, as tuas obras firmadas pelos nomes de Major, de Lord Stanley, de Beckford, de Murphy, de Robinson, etc., são perfeitos exemplos de consciencioso e delicado estudo, de uma força de competencia e de um espirito de exacção e d'equidade de que escriptores viajantes de outras procedencias nos teem systematicamente deshabituado. N'este ponto de vista é grande o meu sincero respeito, a minha consideração, o meu reconhecimento por ti. E a minha grande pena, consignando alguns dos aspectos da tua patria n'este pequeno livro superficial e chouteiro, e adver-

tindo no valor correspondente da tua litteratura, é que a minha offerta se ache tanto abaixo da minha admiração.

Tu viajas digna e honradamente para aprender. És o primeiro de todos os *touristes* profissionaes, és o mais completo e perfeito viajante de todo o mundo. Entras n'uma cidade sériamente, religiosamente quasi, como entra n'uma bibliotheca o estudioso que se quer instruir. Não tens preferencias antecipadas nem opiniões preconcebidas. Todos os phenomenos te interessam por igual modo, e com igual escrupulo os escripturas e relacionas dia a dia no teu caderno de notas. Equipas-te com incomparavel perfeição, ninguem tem melhores estojos, nem melhores malas, nem mais confortaveis *plaids*, nem mais leves capacetes de sabugo, nem mais solidos sapatos de marcha. A isso reunes a petulancia da personalidade no exercicio da tua missão. Pouco se te dá que te apontem ao dedo, que te achem caturra ou

maniaco: prosegues impassivel com o teu mappa e o teu guia debaixo do braço, o teu binoculo, os teus lapis de desenho e de escripta, o teu album, a tua fita de medir, a tua lente, o teu *memorandum-book* nas algibeiras.

Vês tudo, não passas por alto um monumento, uma galeria, uma collecção, uma curiosidade local. Desces a todas as profundidades e sobes a todas as eminencias assignaladas, para vêr, e quando não haja que vêr, unicamente para ter lá estado! A casa e o serviço da mais modesta mesa redonda d'uma estalagem de provincia toma aos teus olhos em viagem uma importancia igual á que teria para ti em Londres um *lever* ou um *drawing-room* de St Jame's-Palace ou de Buckingham-Palace, na sala do throno forrada de setim listrado de purpura tendo no friso esculpida a historia da Guerra das Duas Rosas, ou nas antecamaras em que lentamente perpassam roçagantes de broca-

do, de hombros nús, constelladas de brilhantes e turquezas, as mais bellas mulheres da nobreza da Inglaterra por entre as filas dos criados empoados, de librés agaloadas de ouro em todas as costuras, empunhando os grandes ramos de flôres das recepções de gala. É assim que tu fazes por todos os paizes que atravessas uma provisão enorme e preciosissima de factos. E todo o facto humano, por mais esteril e por mais pueril que elle pareça, desde que é authentico e positivo, constitue um documento de observação, suggere uma hypothese correspondente, é o principio da applicação do methodo na sociologia experimental, e sob a acção do espirito correlacionador d'um Buckle, de um Stuart Mill, de um Herbert Spencer, elle póde tornar-se o caminho de uma theoria politica ou o alicerce de uma lei social. Essa immensa compilação de notas recolhidas por ti em viagem nos paizes estrangeiros é indubitavelmente, sem que isso appareça á

primeira vista, a mais consideravel riqueza intellectual do povo inglez.

Nós outros, pelo contrario, viajamos habitualmente na mais soberana desattenção por tudo o que nos rodeia, aligeirados de toda e qualquer indicação de exame e de estudo, sem guias, sem roteiros e sem curiosidades geraes; e, não empregando o minimo esforço para aprender o que quer que seja, percorremos o mundo na desdenhosa indifferença de quem já sabe tudo. O mesquinho receio, tão caracteristicamente provincial, de que alguem nos desfructe toma em nós o caracter de uma preoccupação fixa e para não termos o aspecto de embasbacar, preferimos não vêr. Julgar-nos-hiamos para sempre deshonrados se em London-Bridge, a ponte sobre o Tamisa em que passam por dia 100:000 pessoas e 20:000 carruagens, tivessemos o ar caloiro de quem se sente n'uma solidão menos garantida que a do nosso Bêco-do-Falla-só; ou se na tenebrosa

Torre de Londres, onde foram decapitados Thomaz Morus, o conde d'Essex, o protector Somerset, Anna Bolena, Jane Grey e Thomaz Cromwell, e da qual rolou ao Tamisa com o corpo do duque de Clarence a famosa pipa que servira a vinho de Malvasia, nós parecessemos denotar perante a exposição das joias da corôa da Inglaterra avaliadas em 13:500 contos uma commoção apparentemente mais viva do que a que sentimos ás tardes, ao voltar das secretarias, na rua do Ouro em frente da bem conhecida vitrine do Cento e tres. E no admiravel parque de Richmond, com os seus doze kilometros de circumferencia; no meio dos mil velocipedes reunidos sob os castanheiros portentosos de Hampton Court; ou nos incomparaveis jardins de Kew com os seus tres hortos botanicos e as suas immensas estufas de cactus, de fetos, de palmeiras e de nenufares, — faço-te presente de uma das nossas colonias além das que já lá tens,

se fôres capaz de vêr um lisboeta pestanejar com um interesse mais manifesto do que aquelle que nos merecem os talhões suburbanos da couve penca ou do feijão carrapato quando nos dignamos de ir banquetearnos em sortida dominical ao *privat-bar* (em portuguez *retiro dos pacatos*) da Perna de Pau ou da Rabicha.

Se escrevendo em lingua portugueza, me fosse dado fazer um livro ao teu modo, seria com a eloquencia das cifras, em vez de ser com a meridional rhetorica das impressões pessoaes, que se preencheriam as paginas d'este livro. Para dar uma idéa da progressiva grandeza da cidade de Londres, eu exporia como, sendo a população d'ella ao tempo da promulgação da Magna Charta por João-sem-Terra, de 50:000 pessoas apenas, não habitando ainda senão cabanas de madeira no seculo XV no tempo dos Planta-

genets e das Duas Rosas, ella ascende a perto de 300:000 almas sob o reinado da rainha Anna no começo do seculo XVIII, attinge o numero de 960:000 um seculo depois em 1801, subindo successivamente a 1:380:000 em 1821, a 1:950:000 em 1841, a 2:800:000 em 1861, a 3:300:000 em 1871 e a 3:815:000 em 1881, sendo hoje calculado o numero dos habitantes de Londres em mais de quatro milhões, tendo 700:000 casas n'uma superficie de 122 milhas quadradas, perfazendo 2:600 milhas de extensão a somma do comprimento das suas 7:400 ruas.

Acrescentaria que n'essas ruas, policiadas por 13:300 *policemen* e infestadas por 18:000 ladrões, ratoneiros ou vagabundos e por innumeraveis mulheres noctivagas, de moral errante, se perdem em cada anno 12:000 pessoas, das quaes nunca mais reapparecem 200, sendo de 500 o numero das que se encontram mortas no Tamisa, e de 30:000 o dos ebrios annualmente recolhidos pela policia.

Referiria que só na *City* ha 700 imprensas e mil livreiros; que são mais de 800 os institutos de caridade sustentados por donativos voluntarios; 1:100 as egrejas; 500 os hoteis; e perto de 10:000 os cafés e restaurantes, além de 7:500 cervejarias e vendas d'aguardente.

Como pela somma dos alimentos que ingére se póde ajuizar do volume que tem o estomago de Londres, traria ainda á collecção os 400 mil bois, os 250 mil porcos, as 130 mil vitellas, o milhão e 500 mil carneiros, os 8 milhões d'aves e coelhos, os 400 milhões d'arrateis de peixe, os 3 milhões de salmões, os 500 milhões d'ostras, os 180 milhões de litros de cerveja, os 31 milhões de litros de vinho, e os 8 milhões de litros de bebidas espirituosas, que a grande metropole absorve em cada anno.

Levaria o meu leitor á typographia do *Times,* onde duas legoas de papel contínuo deslisam por entre os cylindros do prelo Wal-

ter fazendo gotejar em cada minuto, impressas e dobradas ao lado da famosa machina, 200 folhas do maior jornal do mundo; ao *Banknote-printing-room* do Banco de Inglaterra onde em cada dia são impressas quinze mil notas — algumas de mil, de 50 mil ou de 100 mil libras — dando as notas inutilisadas em cada mez com que encher o celebrado forno de 10 pés de diametro e 5 de altura; ou á Bibliotheca do *British Museum*, onde o numero das obras augmenta em 5 mil volumes por anno, e onde o catalogo consta de 2 mil tomos.

A importancia d'alguns ordenados é tambem expressiva. Pelo que me não esqueceria notar que a familia real figura no orçamento inglez em face d'uma verba de 3:960 contos de reis; o bispo de Londres recebe por anno 45 contos, como o Lord Maire, e o arcebispo d'York 68; um professor d'Oxford ganha de 4 a 14 contos; um reitor do Collegio d'Eton tem 27 contos d'honorarios; e

muitos professores de lyceu recebem annualmente de 6 a 8 contos.

Um volume inteiro assim eriçado de algarismos extrahidos das tuas estatisticas coloniaes, maritimas, industriaes, agricolas, commerciaes, judiciaes, militares, ecclesiasticas, prediaes e sumptuarias, das tarifas das tuas profissões mechanicas e liberaes e dos infindaveis mappas do teu *sport* e do teu pauperismo, seria, com effeito, o verdadeiro e condigno poema da tua civilisação e da tua patria.

Tão sómente, amigo John, essa interessantissima obra ninguem a leria em Portugal, porque o leitor portuguez tem horror ao facto. O facto representa para elle a verdade rispida e implacavel; o facto é para elle o inclemente rebate ás duras realidades da sua existencia historica, á recordação dos successivos tramites da sua pavorosa deca-

dencia desde as fulgidas glorias do seu papel no movimento social do seculo XV e do seculo XVI até a chata e chilra tristeza de nossos dias scepticos e desconsolados.

Tratando-se de ti, então, mais particularmente do que em qualquer outra circumstancia o leitor portuguez antipathisa com a evidencia das coisas, não podendo esquecer-se de que o facto mais acerbo da sua historia és tu mesmo, ó John Bull!

Porque foi da nossa alliança com a Inglaterra — alliança tanto mais funesta quanto mais poderosa — que nos veio, como a enfermidade mais perigosa que póde invadir uma nacionalidade, o entorpecimento parasitico de todo o sêr protegido e tutelado por qualquer outra força e por qualquer outra auctoridade que não seja a que elle mesmo extrae do desenvolvimento do seu cerebro e dos seus musculos.

Com a protecção, aliás tão caramente paga, da nossa autonomia, com a enervante e

dissolvente paz assegurada no concerto europeu pela tua suserania fizeste com que de longos annos nos consuma esse vago e pesado tedio de que mais ou menos lentamente morrem os homens e os povos em cuja constituição se immobilisou o espirito de lucta e de sacrificio.

Encarregando-te de te sacrificares por nós, segundo os successivos tratados de 1642, 1661 e 1703, reduziste-nos para todas as grandes e fortes iniciativas de caracter verdadeiramente nacional á passividade e á inercia de um puro orgão rudimentar. E esta especie de atrophia da solidariedade ethnica e da consciencia historica da nossa raça é a maior e a mais profunda das catastrophes com que nos brindou em duzentos annos de exercicio o protectorado britanico.

Póde-se, no fim de contas, viver dignamente, honradamente e independentemente sem colonias, assim como sem linhos da Ir-

landa, sem algodões de Manchester, sem panos de Alifax ou de Leicester, sem ferragens de Birmingham, sem carvão de Cardiff, e até sem o hymno patriotico do Primeiro de Dezembro. O que se não póde é respeitar e amar a vida na collectividade social quando n'ella não ha um ideal supremo a que cada um promptamente submetta ambições, interesses, riquezas, commodos e regalos da existencia, por uma pequena coisa abstracta e irreductivel a valor palpavel que se chama o ponto d'honra. Sem a prova da existencia d'esse accordo no sacrificio commum uma sociedade não é mais que um desprezivel conjunto inaggregavel de egoismos centrifugos, de reciprocas explorações, de hostis invejas ou de dissolventes desprezos.

Ora, vinculando a independencia da nação portugueza ao destino da familia de D. João IV e de D. Pedro II, e incumbindo-te de manter inalteravel esse vinculo por meio da tua influencia no equilibrio politico da

Europa, não foi unicamente de Tanger e de Bombaim que a tua alliança nos privou no mundo physico, privou-nos ella tambem no mundo moral do sagrado terreno em que se morre pelo dever, e onde as gerações decadentes se retemperam para a gloria da terra que occupam derramando o seu sangue para sustentar *um principio* ou para defender *uma ideia.*

Não é pois este livro o que tu mereces, mas o que póde dar-te em humilde testemunho de affecto aquelle que é, por todos os seus compatriotas,

Lisboa 27 de fevereiro
de 1887.

Teu amigo, alliado e freguez
constantemente explorado e sempre agradecido

R. O.

CAPITULO I

Em que unicamente se trata do donjuanismo e das suas relações com a vaidade

De todos os typos humanos que a arte converteu pelo romance ou pelo poema em eternas e radiantes affirmações psychologicas, nenhum me tem preoccupado por tanto tempo como o de D. Juan Tenorio, e devo dizer que ainda até hoje não cheguei a comprehender o secreto encanto que recommenda á attenção dos poetas esse desagradavel guitarrista.

Por mais que tenha lido Molière, lord Byron e Alfred Musset, por mais que tenha querido embalar-me no delicioso spartito

de Mozart, a pessoa de D. Juan recae sempre aos meus olhos n'uma acanalhada attitude de simples faia, e não o vejo a cear com o commendador sem me lembrar do fado corrido e do Calcinhas a comer mexilhão de caldeirada, com a bandurra ao lado, a farripa em anzol ao canto do olho, na tasca da Pincha.

Isto porém não obsta a que o donjuanismo continue a manter-se nos costumes e a constituir tanto para a mocidade como para muitos cavalheiros de idade madura o suprasummum do prestigio glorioso do homem.

Declaro que não sei explicar semelhante phenomeno.

*

Se do que se trata na ordem dos triumphos que constituem a essencia do donjua-

nismo é da propriedade — inutil ou incommoda para quem tem mais que fazer — de amar successivamente e em todas as estações do anno, eu relanço os olhos á modestia exemplar do coelho, e não posso absterme de sorrir com amargura da jactancia da minha especie.

Se é da preferencia dada pelas mulheres a um certo homem que me querem fallar, o meu espanto recrudesce perante a gloria que d'essa preferencia quer tirar o sujeito.

Para sondar os abysmos do nada sobre que repousa uma tal ufania basta advertir, primeiro que tudo, que a mulher não entende absolutamente nada de homens, como não entende tão pouco de mulheres.

Verdadeiramente a mulher não entende bem senão de si mesma, o que não é pouco, considerado o valor da encantadora obra d'arte que tantas vezes ella realisa pelo simples estudo exclusivo da sua preciosa e captivante pessoinha.

Outra cousa, de que a mulher entende tambem como nenhum de nós outros, é de *babys*. Com que fina graça, com que discreto amor, com que espirituosa ternura ella veste os seus filhos, em Londres principalmente, mas não só em Londres como em Paris, em Madrid, em Roma e em Lisboa! Ninguem senão uma mãe intelligente sabe escolher o fustão ou a flanella da blusa, a chita e a renda do bibe, a altura e a roda da saia, o quadrado do decote ou a volta do collarinho, o tufo da manga curta, a côr das piuguinhas, a fórma dos pequenos sapatos apresilhados. Ninguem como ella possue o segredo de perfumar uma criança, de lhe puxar para a testa a mouta crespa dos cabellos louros, de lhe atar á trança um laço de fita ou de lhe prender para debaixo da barba a côcasinha de uma capote.

Para tudo isso o homem é uma desgraça! Sempre que elle se mette a vestir um *baby* á lei da sua phantasia faz invariavelmente

do innocentinho um cão sabio ou um macaco de realejo.

*

Querem desenganar-se, por outro lado, da completa ausencia de gosto e de criterio que anima o sexo fragil com relação aos diversos attributos que constituem o grau de seducção a que póde aspirar um peccador? Peçam a qualquer mulher, por mais intelligente, por mais educada que ella seja, que lhes escolha uma gravata, um collete ou um córte de calças... Não! não se faz idéa, sem vêr, dos resultados inteiramente insensatos a que póde chegar n'este campo da analyse experimental a esthetica de uma linda creatura!

Passando das côres e das fórmas do vestuario á expressão das physionomias repa-

rem n'um grupo de jovens senhoras folheando um album de retratos, e sempre que um accordo unisono se manifeste sobre a superioridade de uma figura, quando todas as vozes exclamem compactamente e convictamente «lindo! lindo!» deitem os olhos á pagina: teem a certeza de vêr um imbecil.

Tenho frequentado bastante o tribunal da Boa Hora, já como jurado, já como jornalista, tenho assistido a muitos julgamentos de audiencia secreta: nunca vi um seductor de officio que não tivesse cara de basbaque. Bem sei que os habitos de campanha no galanteio fazem crescer o nariz e tornam estupidos os individuos; mas muitos dos que eu vi no tribunal entravam apenas na carreira e na policia correccional por um primeiro feito, e não obstante tinham já estampada na physionomia a morbida senilidade de antigos pascacios.

Considere-se além d'isso o destino dos escriptores que mais finamente amaram as mu-

lheres, que mais delicadamente estudaram e descreveram o mysterio do seu encanto: Shakspeare, Gœthe, Balzac. Esses escriptores são precisamente aquelles que ellas menos lêem e de que menos gostam. Fallem-lhes no snr. Octave Feuillet ou no snr. Gustave Droz... « Oh! lindo! lindo! »

Ahi teem o que é a preferencia, e quaes as leis geraes por que ella se regula.

*

Mas no donjuanismo, em regra geral nem preferencia ha.

O pômo do amor clandestino não é verdadeiramente a astucia d'este ou d'aquelle individuo que o colhe. Esse pômo, á semelhança do que quasi sempre vem a succeder por espaço de tempos aos narizes donjuanescos, cae de per si, e cae em cima do paciente que passa, seja elle quem fôr.

Cuida ali o amigo que o pômo cahiu porque elle estava á esquina em jogos de physionomia, rebolindo e pondo em alvo os seus lindos olhos... Basta de illusões! O pômo cahiu porque tinha de cahir. O pômo cahiu porque lhe deu o bicho e despegou do galho. Puzessem-lhe na rua, em vez dos lindos olhos do cavalheiro, os olhos do goraz cozido que elle comeu ao jantar, e o pômo cahiria da mesmissima maneira.

*

O francez, *né malin,* ha muito que o comprehendeu.

No tempo do rei Sol e sob a Regencia eram os de Richelieu, os de Rohan e os de Montmorency que mais ostensivamente se encarregavam de varejar a tranquillidade das familias, usando como de um privilegio de casta d'esse direito de vindima.

Os descendentes dos *talons rouges,* chegando porém ao conhecimento de que os pianistas, os confessores e os jockeys tinham infinitamente mais partido n'esse jogo do que os directos descendentes dos antigos cruzados, cessaram inteiramente de desencaminhar donzellas, e em vez de escalarem muros de jardins e de conventos, e de permutarem madrigaes, pastilhas e estocadas nos *boudoirs* e nas encruzilhadas dos caminhos, passaram a casar-se philosophicamente com as *ecuyères* do Hippodromo e com as cantoras do Alcazar.

O donjuanismo em França é hoje quasi exclusivamente exercido pelos *souteneurs,* por alguns *commis voyageurs,* por um ou outro boticario de provincia, e por epilepticos.

*

Os escandalos de Londres recentemente desvendados ao publico pelo terrivel inquerito da *Pall Mall Gazette* chamaram a minha attenção para o estado do donjuanismo na sociedade ingleza e é a esta questão que me proponho consagrar algumas breves paginas, accrescentando ás revelações da *Pall Mall* os modestos fructos da minha propria observação na grande capital do Reino Unido.

CAPITULO II

Very improper! — O escandalo da *Pall Mall Gazette* e o escandalo Dilke. — Mistress Crawford ou «O vicio punido e a virtude recompensada», bello trecho moral para escarmento da perfidia. — Casamento britanico e casamento portuguez. — Descobre-se emfim n'este instructivo capitulo a secreta vantagem de andarem os noivos durante um anno a «tratar dos papeis.» — Jubiloso caso de polygamia. — Gabinetes reservados, lares domesticos, e velocipedes.

O ESCRIPTOR inglez Georges Moore, poeta celebre, rival de Swinburne, publicou recentemente um romance de intenções realistas intitulado (com bem pouco modernismo para dizer a verdade) *Um amante moderno, A modern lover*. Este quadro pessimista dos costumes sentimentaes da Inglaterra foi vivamente discutido e rigorosamente condem-

nado por quasi toda a imprensa periodica de Londres, com especial excepção da *Pall Mall Gazette,* que por muito tempo foi um grave jornal conservador, academicamente litterario, — o discreto jornal de sociedade, o jornal para meninas — e que ultimamente fazendo-se liberal em politica, tomou ao mesmo tempo o partido da revolução em todas as suas fórmas, começando por tirar as tradicionaes luvas brancas e applicar alguns piparotes menos ceremoniosos ao ventre da veneravel hypocrisia britanica.

O texto dos *Escandalos de Londres* é attribuido por alguns ao proprio Georges Moore, collaborador da *Pall Mall,* o qual em resposta ás accusações insultantes de que fôra objecto *Um amante moderno* resolve atirar ao nariz do pudor indigena com os resultados do mais minucioso inquerito de estatistica commercial e de historia anecdotica feito aos *brothels* de Londres. Como represalias da sincera ingenuidade da arte

contra a diffamação de que tantas vezes são objecto por parte da sociedade os escriptores mais inviolavelmente honestos, deve-se dizer que não seria nada mal achado.

Outros porém historiam diversamente os factos, e, pondo de parte em todo este negocio a intervenção do snr. Georges Moore, enastram todas as palmas da campanha da *Pall Mall Gazette* sobre a cabeça do seu redactor em chefe, o snr. Stead, que n'esta sortida famosa através do peccado da lascivia ingleza quizera dar a prova suprema do novo poder da *interview* na influencia e no destino do jornalismo contemporaneo, attrahindo simultaneamente ao seu periodico a adhesão e o applauso das *pious persons* e das innumeraveis associações philantropicas para a depuração da virtude, como a *White ribbon army,* a *Social purity,* a *Minor's joint protection commitee,* a *London city mission,* a *Roformatory and Refuge union,* a *Moral Reform union,* e a formidavel e prodigiosa *Sal-*

vation army, da qual no lugar competente se fará mais ampla e explicita menção.

Pela minha parte é a esta segunda versão e não á primeira que me inclino.

O stylo cavernoso e prophetico da celeberrima narrativa da *Pall Mall,* a premeditada grandiosidade da sua fórma indica bem a olhos experientes a mesquinhez da sua origem. Aquella emphase apocalyptica, aquellas invocações biblicas, aquelle pomposo desrolhamento de metaphoras theogonicas contradizem a serenidade de um artista e descobrem a loquacidade campanuda, o pregão da barraca, o rhetorico ardor de proselytismo feirense caracteristico do *reporter.*

Um romancista que mereceu a Zola a honra de lhe prefaciar um livro diria as coisas com mais parcimonia.

A serie dos artigos da *Pall Mall Gazette,* conhecidos na imprensa continental por *Escandalos de Londres,* tem no original o seguinte titulo um pouco mais explicito: *The*

maiden tribut of modern Babylon — « A venda das raparigas da Babylonia moderna. » Estes artigos dividem-se nas secções seguintes:

Venda, compra e violação de menores; Procura de virgens; Armadilha ás mulheres virtuosas com emprego de meios criminosos para as deshonrar; Trafico internacional de virgens; Atrocidades, violencias, brutalidades, etc.

*

Á vista de tão ousadas e tremebundas revelações retumbaram prodigiosos berros de pavôa levantados pela pudicicia ingleza. A sensação foi immensa.

— *Improper! very improper!*

Emquanto os grandes clubs aristocraticos, o *Jockey,* o *Athenæum,* o *Reform,* o *Carlton Club,* devolviam os numeros da *Pall*

Mall Gazette com a declaração de que não recebiam nos seus gremios uma folha obscena, emquanto os discretos e sacerdotaes periodicos da cidade, com o reteso e tympanico *Times* em pontifical á sua frente, cobriam com o véo impenetravel do silencio a inqualificavel audacia, o *scandalum magnatum* da *Pall Mall*, esta gazeta fazia uma tiragem de 200:000 exemplares por dia, insufficiente para a procura, e vendia a libra o exemplar do preço ordinario de 1 penny. Em frente das officinas a onda de gente produziu tumultos em que teve de intervir a policia. Uma agencia telegraphica expedia para os jornaes americanos 25:000 palavras ou cerca de 20 columnas de texto sobre as revelações da *Pall Mall*.

Á ameaça de um processo por calumnia o snr. Stead responde que, se proseguir esta accusação, elle publicará a lista dos culpados comprehendendo metade dos membros das duas camaras e numerosos personagens

da côrte; cita entre as testemunhas da sua defeza o principe de Galles e o rei da Belgica; nomeia finalmente como arbitros da veracidade das suas affirmações o presidente da camara dos communs, o arcebispo de Canterbury, o bispo de Londres, o cardeal Manning e o advogado da rainha Mr. Reid. Estes individuos, constituidos em commissão, e tendo examinado as provas apresentadas, assignam um termo que conclue por estas palavras: *Tomados em globo os factos enunciados pela «Pall Mall Gazette» são materialmente veridicos.*

*

Agora temos o escandalo Dilke a fazer sobrepeso aos escandalos da *Pall Mall.*

A *season* d'este anno não haja duvida que tem sido linda!

*

Sir Charles Dilke, o celebre ex-ministro radical, tem 39 annos e é viuvo de uma senhora encantadora, *professional beauty,* que tornou celebre na Inglaterra o seu salão. Suavisada pelo tempo a dôr d'esta perda, sir Charles apaixonou-se por mistress Crawford, de quem era amante desde algum tempo. Esta ligação tornára-se mais ou menos conhecida na sociedade e esperava-se em qualquer dia o divorcio de mistress Crawford. Esta senhora, infelizmente, era casada. Mas é tão simples desfazer na Inglaterra um casamento! Fazel-o é já n'este paiz uma cousa tão summaria, tão rapida, tão passageira na vida, que o que admira é que o casamento inglez se não dissolva por si mesmo!

Para casar em Portugal ha toda uma campanha burocratica que é preciso fazer. Certidão de idade de parte a parte, folha corrida, certidão do parocho, certidão do administrador do concelho, proclamação de banhos...

Ha noivos que passam annos n'essa tarefa: — a *tratar dos papeis* e a *tratar do enxoval.* Não fallo no tempo que se consome a *tratar do dote,* o que tambem é objecto.

Comprehende-se que se perca o gosto ao sacramento diante de tantas difficuldades para o contrahir.

Em Inglaterra principia por não haver dote nem enxoval. A menina vai para a casa conjugal exactamente como vai para o Cairo ou para Nice: com as bençãos de seus paes, uma mala, uma chapeleira e um sacco de noite. Além da sua roupa branca a familia da noiva reconhece-lhe o direito a um jogo de escovas, a um sabão Windsor e a uma esponja de banho, — com o quê está

prompta em ordem de marcha para seguir seu marido.

Para o fim de celebrar o casamento dirigem-se os nubentes ao ministro ecclesiastico ou á auctoridade leiga.

No registro civil inscrevem-se os nomes das duas partes contratantes com a declaração de que desejam casar-se; duas testemunhas assignam o termo; dão-se duas libras aos *Doctors' Commons* pela dispensa de banhos; e está a cousa prompta.

No templo as praxes são approximadamente as mesmas, com a differença de que a familia assiste e o ecclesiastico faz uma breve pratica extrahida da Biblia e tendo por objecto os diversos methodos por que a humanidade se tem multiplicado desde o tempo de Abrahão até os nossos dias.

Dentro do breve espaço de uma hora decorre tudo quanto ha que decorrer entre dizer a gente « casemo-nos! » e dizer « casamo-nos! » Não ha nada mais commodo.

Tão sómente, pela minha parte, eu tomaria a precaução de dar um nó na ponta do lenço, para me não succeder o que tem succedido a muita gente, — que é esquecer-se de que deixou de ser solteiro.

*

D'essas facilidades do livre cambio applicado ao commercio dos dous sexos resultam innumeros casos de bigamia e de polygamia com que vemos animada a prolificidade da nossa especie.

Ainda ultimamente compareceu nos tribunaes um individuo accusado de se ter casado cinco vezes sem ter enviuvado vez nenhuma. As cinco co-esposas assistiam juntas ao julgamento na qualidade de co-queixosas. O reu fez-lhes ternamente olho de conta durante toda a santissima audiencia, e

quando se ergueu do banco para recolher ao carcere, condemnado a seis mezes de prisão, pediu venia ao jury e enviou nas pontas dos dedos um osculo saudoso a cada uma das suas quintas partes.

*

Na sociedade ingleza esperava-se pois todos os dias — como vinha dizendo — a noticia do divorcio de mistress Crawford e a subsequente nova do seu enlace com sir Charles. N'isto porém mistress Crawford descobre que é vilmente enganada; o perfido snr. Dilke escripturava por partidas dobradas as perdas e ganhos da sua viuvez; e ella vinga-se nobremente de tão reprehensivel fraude appellando para o pundonor do seu legitimo marido e entregando-lhe toda a correspondencia sentimental que recebera do seu odioso amante.

Como succede sempre e invariavelmente n'este apreciavel genero de farças, o excellente snr. Crawford *ignorava tudo.*

Ao receber a inesperada revelação, elle vôa a casa de sir Charles Dilke, armado das cartas escriptas a sua esposa e de um rewolver. Dilke sahira no emtanto em procura de um agente para propôr a Crawford a compra das cartas dirigidas a sua mulher pela quantia de 20:000 libras.

E assim se evitou um encontro extremamente desagradavel para os dous *gentlemen.*

Mr. Crawford não quiz vender as cartas, preferindo entregal-as aos tribunaes como base de um processo de adulterio contra Dilke.

Ora condiz a instauração d'esta causa-crime precisamente com o momento em que a Inglaterra prepara o acto eleitoral. Transtorno inesperado e gravissimo para o partido liberal, de que sir Charles é um dos chefes mais populares e mais illustres! No-

bre desforço para Mr. Crawford, que por esta bem combinada tactica é muito capaz de fazer gorar a eleição de Dilke, dando o mais decisivo triumpho ao partido conservador!

Que n'esta lição tremenda aprendam as esposas a medir os perigos da irregularidade conjugal!

Se não se portarem bem, faz-se-lhes como a mistress Crawford: deitam-se-lhe abaixo os *whigs* e dá-se o ministerio aos *tories*.

*

Além d'isso a Inglaterra tem tomado as precauções devidas para que se não repitam com demasiada frequencia os desgostos d'esta natureza.

Nos poucos restaurantes de Londres em que existe essa peste dos *gabinetes particula-*

res a administração parochial intervem para que as portas não tenham ferrolho nem chave pelo lado de dentro.

Em *Bristol Hotel,* onde o privilegio de um gabinete reservado custa o preço de meia libra, a mesa tem quatro talheres, e quando um cynico chega acompanhado de uma só dama ou ainda de duas, o *maître d'hôtel* cruza os braços no peito, terrivel, e não manda pôr a terrina do rabo de boi na mesa emquanto se não enchem todos os quatro logares; porque com duas unicas damas a pudicicia do cavalheiro não dá ao *maître d'hôtel* as sufficientes garantias.

De modo que, se um homem quizer licença do hotel para jantar honestamente a uma mesa particular com a sua mulher e com a sua irmã, tem de ir ao *bar* da esquina da rua buscar duas ebrias para cohonestarem a refeição por meio da sua presença!

*

Demais os grandes banqueiros da *city* adoptaram ultimamente uma outra medida extremamente proficua á moral: prohibiram de commum accordo, sob pena de expulsão, que se casem os caixeiros de escriptorio que tenham menos de 160 libras de vencimento annual.

Quanto menor fôr o numero dos maridos menor será o dos adulterios.

Portanto caixeiro de banco que não ganhe senão 159 libras, 19 shillings e 11 pence, deixe-se de pensar em ter mulher legitima.

Contente-se com miss Arabella á hora, com a sua raquette de *lawn-tennies* e com o seu volocipede!

Já lhe não vai mal.

CAPITULO III

De como ao chegar a Londres o auctor d'esta obra se viu na obrigação moral de dizer *all rigth.* — O aspecto das ruas. — O respiro do *home.* — O *plum-pudding.* — O *elderberry-wine.* — A *tea-party.* — O *mistletoe.* — O *Christmas log.* — As physionomias. — O *horse-guard.* — O banqueiro da *City.* — *A pious person.*

O MEU enorme espanto em vista dos artigos da *Pall Mall* não procede da natureza das cousas que elles narram, mas sim do effeito que essa narrativa produziu.

Londres surprehendido com o caso do *maiden tribut* dá-me ares do snr. Crawford ao lêr as cartas do snr. Dilke.

Pela minha parte pelo menos, ingenua-

mente o declaro, sempre cuidei que Londres o sabia!

Simples viajante, para mim que o digo, nada do que ha verdadeiramente importante nas ultimas revelações concernentes ao vicio londrino me era de todo estranho.

E notem que foi sómente pelo breve espaço de quinze dias que os meus indignos sapatos tiveram a gloria de palmilhar o sólo venerando do West End, o pavimento sagrado de Trafalgar Square, de Grosvenor Square, de Piccadilly e de Regent-Street.

*

Desembarcar em terra ingleza, em Falkestone ou em Newhaven, percorrer em caminho de ferro as South-Downs e a floresta de Tilgate, atravessar de um vôo as colossaes dependencias suburbanas de Londres,

entrar emfim e apear em uma d'essas enormes estações metropolitanas como Victoria-Station ou Charing-Cross, é uma sensação inteiramente especial na vida.

A patria dos grandes homens, a terra em que se produziram grandes sentimentos e grandes idéas, tem um não sei quê de mysterioso e de sacrosanto que se communica ao nosso espirito por um movimento inexprimivel de elevação e de respeito.

Para um escriptor estrangeiro, por mais obscuro e por mais humilde que elle seja, a Inglaterra apparece-lhe primeiro que tudo como o berço dos primeiros educadores da alma humana no decurso do presente seculo.

Foi debaixo d'este céo, foi n'este chão, em que eu bato com a ponteira do meu bordão, que nasceu Darwin, o reformador de toda a mentalidade moderna, que nasceu Herbert Spencer, o Aristoteles do nosso tempo, e que nasceu Charles Dickens, o que

fez verter da piedade e da ternura humana uma lagrima nova.

Os primeiros aspectos da grande Inglaterra e do soberbo Londres harmonisam-se bem com as lembranças que suggerem ao nosso espirito esses grandes nomes.

*

Sabe-se que em toda a parte, mais ou menos, a sociedade conserva ainda a cicatriz da velha escravidão. Já não ha servos nem senhores, mas ha ainda mandões e mandados. O que é o *administrado* nas civilisações modernas senão o directo e legitimo successor e herdeiro do escravo antigo?... Pois bem: a Inglaterra é de todos os paizes da Europa aquelle em que esse vestigio degradante é menos evidente. Ao saltar pela primeira vez de um wagon n'uma gare de Londres a pri-

meira grande e nobre impressão de um extrangeiro é essa. Quem é que manda aqui? Ninguem!

Entre a multidão enorme despejada em Londres por um comboio das 9 horas da manhã, não se vê um homem armado, nem um unico representante da força publica ou da auctoridade constituida. As malas procedentes do logar d'onde eu venho acham-se no chão perto da carruagem que me trouxe. Não ha peso, não ha registro, não ha bilhete de bagagem! Cada um escolhe o que lhe pertence. Não se ouve uma palavra. Não ha um encontrão. O publico dirige-se e fiscalisa-se a si mesmo. Uma longa serie de lettreiros nos muros ou nos bonnés prestam todas as indicações precisas: *Acompanhe as suas malas.* — *Examine o troco do seu dinheiro.* — *Acautele as algibeiras.* — *Vendem-se aqui as revistas e os jornaes.* — *É aqui a toilette.* — *Aqui o restaurante.* — *Aqui a porta da sahida.* — *Acolá as carruagens.* — *Eu sou o interprete.*

— *Eu o carrejão.* — *Póde fumar.* — *Tome á direita.* — *Volte á esquerda.* — *Siga em frente.*

Cheguei, apeei-me, tomei conta do que é meu, lavei-me, escovei-me, engraxaram-me as botas, acho-me dentro de um *coupé* com a minha bagagem no tejadilho. Dispendi em tudo isso tres gestos e quatro minutos. Ninguem me disse uma palavra. O publico inglez não admitte que nenhum funccionario o desconsidere até o ponto de lhe fallar. Quem falla é unicamente o publico, se quer. O funccionario limita-se a responder. Pela parte que me respeita não tenho que dizer senão uma cousa. E ainda essa ninguem me obriga a dizel-a. Tambem ninguem me prohibe que a diga. O que eu digo é — *all right!* — Mas digo-o porque quero. Estou em Londres.

*

As grandes ruas dos bairros do commercio elegante, da *gentry* e da *nobility,* nas circumvisinhanças de Hyde-Park, de St. James Park, de Kensington Park, de Regent's Park, em Westminster, em Paddington, em Belgravia, em Little-Asia, são do aspecto mais monumental, ou mais gracioso.

Os numerosos palacios, de frontão e de perystilo em columnas doricas, recordam a sumptuosidade da Roma antiga. Consta que muitos d'esses edificios são de argamassa ou de simples estuque, mas o severo inducto com que os cobre e os ennegrece o nevoeiro de Londres, feito de sebo e de pós de sapatos, não deixa discernir a materia-prima das fórmas architecturaes.

As edificações mais modestas, em tijolo entrecortado de gelosias verdes e de trepadeiras de hera ou de vinha selvagem, teem uma graça picante que não prejudica o seu arzinho independente e senhoril. Todas estas ruas cheiram bem a esse caracteristico

perfume peculiar de Londres feito de exhalações de algodão novo, de sabão e de hulha.

*

Dentro d'estas habitações, tão escrupulosamente vedadas a toda a impertinente curiosidade exterior, imagina a gente o decorrer de uma alta vida, *fastienta e sublimada,* como dizia Garrett, n'esse tepido conforto que os romancistas inglezes tão admiravelmente descreveram immortalisando-o como a expressão mais sabia do carinho e do aconchego do lar.

Quem ha de passar por Chelsea ao norte do Tamisa, o bairro predilecto dos mercadores presumidos e vaidosos, sem pensar na *Feira das Vaidades* e nos *Snobs* de Thakeray?

Quem ha de vêr em torno de Queen-Squa-

re e de Bloomsbury-Square os antigos palacios do tempo da rainha Anna, habitados hoje pela pequena burguezia e pelos empregados de commercio, sem pensar em Dickens, que tão bem pintou os costumes d'essa classe circumspecta, de cujo seio sahiu Master Pickwick, o immortal D. Quixote da moderna cavallaria pacata dos mercadores de pano patente?

Por cada pequena porta envernizada e chapeada de cobre polido que se abre para a rua me parece sahir o respiro interior do *home,* o ruido das refeições que constantemente entrecortam a intriga mais sentimental do romance inglez: as pratasadas d'ostras, a vitella fria, o succulento carneiro cozido com molho branco, o stilton com aipo, a torta d'amoras, o *plum-pudding;* a *tea-party;* os successivos grogs e o *elderberry-wine,* enchendo a casa de um aroma festival de Xerez, de vinho do Porto, de limão, de canella e de noz muscada.

*

*

Quantas outras recordações d'arte ligadas ainda á historia familial de cada um d'estes predios!

As saudosas festas do velho *Christmas,* que em cada anno vem debaixo do capuz, sorrindo na sua barba de geada, trazer os lindos presentes que os meninos esperam nas meias penduradas ás camas e aos berços! Engrinalda-se de hera a moldura dos espelhos, desossam-se e recheiam-se patos, amassam-se puddings, ensaiam-se bailes infantis, representações de magicas e de pantomimas em que a pequena Mary fará de *Columbina* e o pequeno Georges fará de *Bobby,* o indispensavel e infeliz policeman. Decoram-se versos, terminam-se aquarellas, enfeixam-se ramalhetes; e no grande dia, quando a noite cae e a neve espessa abafa

os rumores da rua, alveja a mesa posta na alegre sala de jantar, pende do tecto do *parlour* illuminado solemnemente, o galho de *mistletoe,* por baixo do qual se hão de dar e receber os beijos ao compasso da valsa lenta, emquanto na chaminé reluzente de faianças arde, como o astro benefico da familia, o tição sagrado, o *Christmas log.*

*

O aspecto geral da multidão que percorre estas ruas produz nos viajantes a impressão de que não ha em Londres nem pobres nem povo.

Todos os homens, sem excepção alguma, teem uma jaquette ou uma sobrecasaca bem feita, um chapéo alto luzidio, maciças botas bem lustradas, solidas luvas, irreprehensivel gravata. Todos estão barbeados de

fresco. Todos parece terem acabado de cortar o cabello. Todos, moços e velhos, caminham com agilidade e com firmeza, pousando em cheio o pé esmagador, de busto aprumado, cabeça alta, avançando em triumpho como quem vai conquistando pégada a pégada o sólo que trilha.

Um suisso, caixeiro de uma das grandes casas da City, residente em Londres depois de dez annos e meu companheiro de cabine na travessia de Newhaven a Dieppe, informa-me de que, para satisfazer as tyrannicas exigencias da toilette nas ruas de Londres, os pequenos empregados de commercio se sujeitam a alimentar-se quasi exclusivamente de chá e de fatias de pão com manteiga. Não obstante esta dieta, nenhum d'elles se recusa desde o sabbado ás 3 horas da tarde até segunda-feira ás 9 da manhã a tomar parte nos mais fatigantes exercicios athleticos, as corridas a pé e em velocipede, o *cricquet,* o *football,* a natação e o

salto. O resultado é rebentarem em proporções horriveis dizimados pela tisica. Mas estoiram geralmente em pé, martyres do fanatismo da elegancia e do *sport,* como em Versailles no tempo de Luiz XIV os martyres da pragmatica.

*

Depois das figuras de cêra de Madame Tussaud o que ha de mais notavel em Londres como expressão pittoresca e artificial da figura humana é o *horse-guard* em sentinella, o rico banqueiro da *city* á carteira do seu escriptorio, e o devoto em oração.

*

No templo, á predica ou durante os officios, o devoto, invariavelmente vestido de preto, com o seu guarda-chuva humildemente estendido no chão como um obulo de respeitabilidade offerecido ao Senhor, pousa com os dois joelhos no chão, sentado nos calcanhares e tendo a cara mettida no fundo do chapéo elevado extaticamente nas duas mãos.

*

O *horse-guard* é o mais fino, o mais delicado, o mais perfeito e genuino typo do alto cocodettismo guerreiro que jámais produziu o engenho e a sciencia dos costureiros militares para espanto do universo. O seu garbo na sella, a sua mão de redea calçada em longas luvas de castor bordadas, o seu capacete refulgente como uma estrella, o

seu pennacho branco pendendo até o arção ao meio das suas nobres espadoas recortadas em pinta de cópas, o seu niveo calção d'anta, a solaria, os tacões, as rugas de suas altas botas forradas de pellica branca, tudo emfim nas incomparaveis graças mavorcias do *horse-guard* impõe á minha debil e plebêa penna um espanto e uma atrapalhação que não buscarei dominar.

*

O rico banqueiro, á secretária-ministro do seu gabinete, assenta em uma cadeira estofada de marroquim verde ou côr de tabaco da Havana, tem as duas mãos juntas e enclavinhadas sobre o *buvard* de couro da Russia em frente do tinteiro de crystal lapidado e da sumptuosa collecção das canetas.

Ostenta de ordinario ao peito uma rosa-chá e olha sempre em frente, em linha recta e sem pestanejar.

*

Dizem-me que todas estas tres figuras teem movimento como a do soldado que expira na *exhibition* de Madame Tussaud. Consta que o *horse-guard* na occasião de se renderem as sentinellas á porta do Ministerio dos Negocios Extrangeiros, se apeia pelo seu pé e desapparece magestatico pelo fundo; que á hora de ir para a mesa, fumegante, a *mock-turtle,* o devoto em contemplação mystica despega com ardor o nariz de dentro do chapéo, bem como os quartos posteriores de cima dos calcanhares e retira veloz para casa com o chapéo de chuva e o *Common Prayer Book* debaixo do braço.

Emquanto ao banqueiro, que tive a dita de poder contemplar, creio que effectivamente mexia os dedos pollegares fazendo-os girar em torno um do outro. Pessoas fidedignas me asseguram que elle articula sons, chegando a perceber-se quasi distinctamente que entre a segunda e a terceira refeição da manhã esta engenhosa figura requer algumas vezes uma coisa que se julga ser *potasse-water*. Eu porém não o juro, porque não vi.

*

A julgar por dois esquadrões que encontrei em passeio militar, todo o exercito inglez compete vantajosamente em elegancia com o *horse-guard* acima descripto.

O pequeno bonné do uniforme, sem visei-

ra, seguro pela correia envernizada para debaixo da barba, delicadamente pousado a um lado como um cravo de Valencia no *chignon* de uma andaluza, descobre-lhes na testa a raiz do cabello louro penteado em bandós e separado por uma risca côr de rosa. Os seus olhos languescem d'um sceptico *spleen,* e quando as suas bôcas, arqueadas a cada canto por um gancho de bigode finamente torcido, se dignam de sorrir, as criadas que a esse momento assomam ás janellas enxugam uma furtiva lagrima de enternecimento á ponta do avental branco.

Quando estes regimentos se mobilisam para as expedições da India, ha todo um movimento de prosperidade em muitos ramos de commercio para o fim de prover as ambulancias de cosmeticos, de veus verdes e azues, de capacetes de sabugo, de flanellas de regata, de raquettes de *lawn-tennies,* de finas jaquetas de casimira encarnada forradas de sêda côr de perola para os jantares

elegantes, de aguas de toilette e de aguas medicinaes, de garrafas de soda, de sapatos de valsa, de esticadores de calças, de frascos de verniz Barrett, de marmeladas de laranja, e de pastilhas d'eucalyptus.

CAPITULO IV

No qual o auctor principia por enumerar coisas que não viu e se não atreve a fallar das damas da alta aristocracia britanica. — As lindas mulheres. — A *horse woman* e o nosso cavallo de senhora. — A menina ingleza e a menina de Lisboa. — Hyde-Park. — A verba bebidas. — O Criterion e o Royal. — O *dining-room*. — A boa creação.

O MEU bom e hoje fallecido amigo Lewtas, livreiro em Lisboa, tinha tido a bondade de dar-me uma carta de apresentação para um velho habitante de Londres, o qual deveria pilotar-me nos bairros pobres e communicar-me, além d'isso, o segredo de um sôco, invenção d'elle, por meio do qual se

extrahem instantaneamente — e com dôr — todos os dentes da bôca á pessoa que o recebe.

Eu porém extraviei viajando na Allemanha esse precioso papel, e passou-me, depois de estar em Londres, a curiosidade de visitar as tenebrosas cavernas dos bairros miseraveis de East-End.

Ha tantas outras coisas que absorvem o tempo e a attenção de um passageiro na grande capital ingleza!

A Exposição das pescarias, então aberta e reunindo todos os documentos mais curiosos da historia maritima de todo o mundo, bastaria para occupar com proveito e com prazer todas as minhas horas.

Além d'isso as galerias e as collecções d'arte e d'estudo, montadas com uma sumptuosidade sem rival na Europa, requerem longas e successivas visitas.

O *British Museum* com as suas variadas collecções scientificas e com a sua livraria

incomparavel, a *National Gallery,* o admiravel *South Kensington,* os palacios de Hampton-Court e de Buckingham, os parques de Greenwich e de Richmond, os jardins de Vauxall e de Kew, o *Zoological Garden,* primeiro dos jardins zoologicos da Europa, são monumentos que a gente não acaba de examinar em dois ou tres mezes.

*

Na exposição das pescarias, *Great International Fisheries Exhibition,* tomaram parte todos os paizes do mundo, os mais pequenos como a Grecia, a Belgica, a Suecia, a Noruega, a Dinamarca, os mais remotos como a China e o Japão, os menos conhecidos como o Zanzibar, o Canadá, Ceylão, Jamaica, Venezuela, Haiti e Marrocos. Este monumental certame occupava a vasta super-

ficie quadrilatera dos jardins da Sociedade de Horticultura e de todos os terrenos annexos entre Hyde-Park, Exhibition Road e Queen's Gate.

Nas enormes naves rectangulares, cingidas por uma immensa galeria semi-circular, e entrecortadas de lagos, de ribeiros, de piscinas, de parques d'ostras e de mexilhões, viam-se: exemplares das embarcações, dos instrumentos e dos utensilios de pesca e de navegação de todas as regiões do globo; modelos de toda a variedade de construcções hydraulicas e de piscicultura, e todos os multiplos objectos utilisados no transporte dos peixes, na conservação d'elles, na sua historia biologica, industrial e artistica, na navegação mercantil e de recreio, na pilotagem, nos salva-vidas, no *sport* maritimo e fluvial, em toda a sorte de trato com as aguas dos rios e com as aguas do mar.

Não menos de 400 typos diversos de pescadores e de pescadoras de todas as praias

do mundo vendiam, n'um pittoresco mercado, toda a variedade de peixes frescos e salgados, de conserva e de fumeiro, das costas da Irlanda, da Escossia e da Bretanha, do mar da Mancha, do Mediterraneo, do Adriatico, do mar Negro, do mar Caspio, do Baltico, do mar do Norte, do Oceano Glacial e do mar Branco, sobresahindo nos seus pittorescos trajes nacionaes as fortes mulheres da Escossia, da Normandia, da Bretanha, da Zelandia, da Frisa, da Christiania, da Jutlandia e da Finlandia.

Em extensissimas vitrines figuravam todos os productos extrahidos do oceano: as substancias therapeuticas, os estrumes, ás esponjas, os coraes, as perolas desde a sua formação nas conchas do archipelago indiano ou nas costas da Oceania até o seu engaste nas joias do ourives Hancock, e a collecção mais completa que se póde reunir de conchas, d'algas marinhas e d'aves aquaticas.

*

Na serie das pequenas embarcações de recreio, desde a galeota de gala da rainha, esculpida de ouro e almofadada de purpura, até a guiga de passeio, de regata ou de partida de pesca, desenvolvia-se o mais fecundo talento inventivo de conforto e de elegancia nas fórmas e no feitio dos utensilios de bordo, nos tapetes, nas almofadas, nos toldos pittorescamente listrados de seda, nos estojos de linhas e d'anzoes, e nos appetitosissimos cestos recheados de engenhos de cozinha, de serviços de *lunch,* de provisões de enxovas, de caviar e de stilton, de garrafas de Sherry e de frascos de Potass e de Seltzer.

Reproducções em gesso pintado, perfeitamente coloridas, representavam todos os peixes que se conhecem além dos que figuravam vivos n'um aquarium incomparavel.

Apparelhos de piscicultura mostravam, através da agua crystallina dos pequenos reservatorios, todas as transformações por

que passam as trutas e os salmões, desde o ovo fecundado até o peixe desenvolvido á sua maxima grandeza.

Entre montanhas de cordame, de pannos de velas, de cabos para a telegraphia submarina, achava-se a exposição tão commovente das embarcações que foram ao pólo e dos objectos utilisados na vida de bordo e nos trabalhos de exploração nos mares de gelo.

Com os diversos apparelhos de salva-vidas e de sondagem, algumas tocantes recordações de pessoas, sobresahindo o tosco bote de Grace Darling, a joven filha de um faroleiro de Congstone, a qual n'essa pequena embarcação, remando-a sósinha, salvou muitas vidas. Ao lado do bote, um mealheiro destinado a receber as contribuições voluntarias do publico, para o fim de levantar um monumento á memoria de Grace Darling, fallecida em naufragio, victima de sua abnegação heroica. Sobre a caixa d'este mea-

lheiro, n'um caixilho d'ouro, via-se uma madeixa dos cabellos da pobre Grace, uma carta autographa assignada por ella, e um pedaço da sáia que tinha vestida, quando morreu no mar.

Em torno da grande e bella escóla da cozinha nacional, com as bancadas do amphitheatro cheias de discipulos, e como desdobramento d'essa instituição modelo, uma serie de pequenos restaurantes-escólas, em que se aprendia, por meio da culinaria, a tirar para a alimentação o maior partido dos peixes mais baratos.

*

N'este certame Portugal teria tido um logar unico.

A variedade prodigiosa e incomparavel dos seus barcos de pesca, tão pittorescos,

tão originaes, as suas *armações*, tão caracteristicas, o typo tão esbelto, tão espirituoso e tão viril dos seus pescadores varinos, algarvios e poveiros, a belleza tão pura, tão genuinamente meridional das suas formosas pescadeiras d'Ovar e d'Aveiro e das suas remadoras d'Avintes, a pericia dos seus arraes, a inexcedivel elasticidade muscular dos seus catraieiros d'Olhão e de Villa Real de Santo Antonio, a abundancia e a riqueza das pescas da sardinha, do savel, das lampreias e do atum, a alta elegancia artistica dos trajes nacionaes dos varinos, das varinas e das mulheres das margens do Douro, desde o Candal até Avintes, bastariam para dar á exposição portugueza em Londres uma superioridade com a qual nenhuma outra nação poderia competir, porque a verdade é não haver na Europa paiz que seja por natureza, por indole, por tradição, por todos os caracteres physicos, por todos os caracteres physiologicos, por todos os ca-

racteres moraes, por todos os caracteres estheticos, mais profundamente, mais indiscutivelmente maritimo do que aquelle a cujo solo, privilegiado para a attracção do mar, Camões chamou com tanta propriedade geographica a *occidental praia.*

Imagine-se — no meio de uma d'estas galerias, n'um recinto assignalado por esse *pavilhão das quinas,* tão surrado em familia pelas incontinencias da rhetorica mas tão bello ainda entre as demais bandeiras do mundo, quando se trate de saber quem é que pôde levar mais longe a prôa de um navio, — o effeito que produziria, empavezada, com todas as velas, ajoujada de rêdes, uma d'essas admiraveis *muletas* do Seixal, dentro de cuja estructura da Renascença parece ainda hoje palpitar a alma bellicosa e errante dos nossos velhos e aventurosos galeões da India!

Em volta da *muleta* calcule-se a impressão produzida por tantas variedades de em-

barcações de pesca quantos são os kilometros de litoral que mede em toda a sua extensão o paiz, tão originaes algumas, tão singularmente caracteristicas que constituem incomparaveis documentos de raça, como os barcos *rebellos,* como os botes cacilheiros com os dois olhos á prôa, como os *saveiros!* As variadas armações do Algarve, de Cezimbra, da Costa, de Cascaes, de Ovar, de Espinho, da Povoa! Tantas industrias tradicionaes e caseiras emergentes da industria da pesca e da manufactura das rêdes, como as das esteiras, dos tecidos de palma e de pita, e das rendas fabricadas em tantas terras da beira-mar, como Vianna, Villa do Conde e Peniche! Tão especiaes e tão finos productos culinarios, como o atum em conserva de azeite do Algarve, as trutas do rio Ave, as lampreias de Coimbra e de Vianna, os mexilhões de Aveiro, e a caldeirada á moda do Ribatejo, acepipe unico no mundo! Com isto, as mais lindas mulheres; os mais

pittorescos e elegantes costumes; as mais notaveis aptidões manuaes e musculares; o remador algarvio e o remador poveiro; a rendilheira de Peniche movendo á almofada 800 bilros, sentando-se encruzada no chão como os turcos, e erguendo-se ligeiramente sem auxilio das mãos; as barqueiras de Avintes, que fariam o encanto e a admiração do Tamisa, regatando n'elle como no rio Douro, e remando em pé com os seus longos remos, semelhantes aos das gondolas venezianas, tão pesados, tão difficeis de manobrar! Em symetria moral com o bote de Grace Darling, o cahique do velho capitão Joaquim Lopes, o uniforme do cabo Simão, a camisola de branqueta, coberta de medalhas d'ouro, do poveiro Maio; porque é n'esta especie d'apotheose, d'epopêa maritima, que esses bellos documentos da coragem e da bravura têm o seu verdadeiro logar, e não entre os artificios de fogo preso do Palacio de Crystal do Porto, como trophéo

theatral das festas de provincia aos principes em viagem. E como remate decorativo, no compartimento portuguez d'essa exposição assombrosa, o mesmo sino de bordo e a mesma imagem do archanjo S. Miguel, da nau em que foi á India Vasco da Gama!

No catalogo magnifico, comparavel á mais completa e perfeita monographia, havia o nome de Portugal, e na respectiva planta achava-se indicado o espaço occupado pela exposição portugueza. Tive, porém, grande difficuldade em achar esse logar, e foi depois de longas pesquizas que afinal o descobri.

Era um grande pedaço de muro, meio encoberto pelo orgão, pela exposição de Tunis, que lhe ficava fronteira, e pela barraca de Heligoland. N'esse muro, completamente vasio, uma enorme taboleta continha em grandes letras brancas, sobre fundo cinzento, a palavra *Portugal*. Absolutamente mais nada!

Como as trazeiras do orgão e da barraca faziam n'este sitio um recanto escuso, os visitantes que desejavam achar-se sós por um momento entravam, como nós, na secção da «exposição portugueza». Encontramos lá dois individuos: um d'elles estava aparando com uma tesoura de algibeira um pedacinho de tafetá que tinha collado n'um dedo; o outro desabotoára o collete e achava-se afivelando um suspensorio.

A Hollanda, não obstante estar celebrando a sua grande exposição colonial em Amsterdam, fizera-se representar brilhantemente na exposição de Londres.

O governo sueco, apesar de todo o ministerio se achar n'esse momento processado pelos tribunaes e sentado no respectivo banco dos réos, tinha em Londres uma exposição deslumbrante.

O governo portuguez, que não fizera representar a nação na exposição colonial da Hollanda, nem na de Marselha, nem na de

Chicago, nem em nenhuma outra das demais exposições que n'este anno se celebraram no mundo, tambem não compareceu na de Londres, nem me consta, por emquanto, que houvesse comparecido, ao menos, para honra da civilisação, como o governo sueco, perante os tribunaes do paiz!

Um inglez nosso conhecido nos explicou que Portugal figurava no catalogo e tinha um logar marcado na exposição de Londres, porque, até á ultima hora, a commissão presidida pelo principe de Galles não quizera acreditar, apesar das affirmações do ministro portuguez em Londres, que o paiz persistisse na resolução de não brilhar senão pela ausencia n'este concurso internacional.

Não conheço as razões d'esta abstenção; mas devo crêr que sejam ponderosas, tanto mais que, pelo que respeita á exposição das pescarias, as despezas de representação —além dos gastos do carvão necessario

para conduzir até o Tamisa n'um navio do Estado alguns barcos de pesca, algumas rêdes, uma duzia de pescadores e duas rendilheiras com as suas almofadas e os seus respectivos bilros — não excederiam decerto as forças de qualquer dos cofres das nossas innumeras casas de penhores.

Deixando de comparecer de todo em todo nas exposições internacionaes, receio que a figura de Portugal venha a confundir-se na opinião dos estrangeiros com a dos individuos que não vão á sociedade porque não sabem estar diante de gente, ou porque não têm com que mandar lavar uma gravata branca.

*

E durante uma longa e entristecida hora eu pensei então no Terreiro do Paço, nas

secretarias que o rodeiam, nos cavalheiros que as habitam, e nos *coupés* da Companhia que representam o giro do poder rodando com os respectivos correios atraz, ás quintas-feiras, entre essa localidade e o real paço da Ajuda. E occorreu-me que não fomos talvez tão felizes em descobrir o caminho da boa governação como em descobrir o da India.

Emfim, não se póde descobrir tudo!

*

Temos ainda os absorventes attractivos da rua, das lojas, dos passeios publicos; porque a verdade é que Londres, apesar de tudo quanto se costuma dizer da sua spleenatica tristeza, é talvez a cidade em que mais bellas coisas especiaes ha que vêr, de graça, deixando-se ir a gente ao acaso por ahi

fóra, dentro de um *cab,* ou a pé, fumando um charuto de *vitrine* em *vitrine,* desde Charing-Cross até Hyde-Park.

Em nenhuma outra parte ha melhor relva, nem melhores arvores, nem melhores carruagens, nem melhores cocheiros, nem melhores cavallos, nem melhores cães, nem mais deslumbrantes *babys,* nem mais lindas mulheres.

*

Nada direi da belleza famosa das senhoras da alta aristocracia britanica, porque não tenho certeza alguma de haver glorificado os meus olhos no contacto optico d'esses sagrados enxertos da perna de Jupiter.

As damas que vi em Hyde-Park, mollemente balouçadas nas molas das mais ricas e elegantes berlindas, devo dizer que pelo aspecto da sua carnação me fizeram o effei-

to de procederem antes de pernas de vitella cozida do que de membros locomotores de divindades olympicas: *toilettes* graves, olho morto, narizes sufficientemente principescos e sorrisos acidos, deixando-me convencer de que tres ou quatro d'estas *ladies* seriam capazes de avinagrar todo o Tamisa associando-se para lhe cuspirem em cima, ao mesmo tempo, do alto de *London Brigde.*

*

Onde vi as mulheres lindas foi á noite nos theatros, em alguns camarotes, e sobretudo no palco, entre as actrizes e as figurantes; foi nos *bars* a darem á bomba da *pale-ale;* e de manhã na rua á hora de abrir os armazens de luxo em Regent-Street, em Pall Mall, em Old Bond e em Oxford-Street.

Creio que todas ou quasi todas são cai-

xeiras ou escripturarias, ou vendedoras de balcão.

Não ha cabecinhas mais pequenas, mais bem feitas, de cabellos mais luminosamente louros, mais simplesmente e mais gentilmente penteados. Finas sem debilidade, solidamente esbeltas, de uma pelle rija, densa, marmorea, parecendo vibrar e cantar sempre sob o effeito dos adstringentes contactos da grande esponja embebida em agua desnevada; com bellos olhos singelamente profundos mas não exaltados, sem se immobilisarem na pasmaceira de si mesmos como tantas vezes succede aos olhos grandes, sem rebolirem constantemente quaes grillos ás turras contra a gaiola como costumam fazer os olhos pequenos, — estas creaturas de focinhinho tão fresco, tão amorangado, parece-me realmente serem, como conjuncto, uma das mais perfeitas coisas que a natureza se tem dignado de submetter á apreciação da critica.

Devo conscienciosamente acrescentar que teem em geral bonitos pés. Os meus compatriotas acham-os grandes. Supponho eu que preferem a inconveniencia do curto pé hispanhol, em fórma de papo de rôla ou de torta do Porto, — coisa que tudo póde parecer menos pé de gente, nem para mim tenho que o seja. Pé de hispanhola!... Por amor de Deus, meus senhores! Fallem-me em tudo que quizerem, mas, por quem são, não me fallem em tolices!

A mãozota da burguezinha ingleza é que alguma coisa lá deixa talvez a desejar... Mas tambem — coitadinhas! — ellas não podiam ser perfeitas em tudo. Nem a religião da sua patria lh'o consentiria. Quando se pergunta a um sacerdote anglicano como passou, elle responde: *Um pouco bem;* ou: *Sufficientemente bem;* nunca diz que passou *bem de todo,* porque isso seria offender o Senhor por meio de uma peccaminosa ostentação de soberba. Assim tambem na belleza.

*

Um defeitosinho do corpo é bom para não comprometter a salvação da alma.

Nas lojas onde se empregam como vendedoras, estas meninas são de uma simplicidade de *toilette,* de uma gravidade de maneiras, de uma graça de porte verdadeiramente superior.

Conversam pouco em geral, ao que pude vêr. Ás senhoras contentam-se em dizer sempre e invariavelmente: — *Que mau tempo!* — *Que tempo lindo!* — ou — *Que « glorioso » tempo!*

Com os homens é preciso solicital-as á ponta de perguntas, a fortes golpes de olho devidamente monoculisado. Mas quando se dignam de corresponder a esse jogo d'optica, tão essencialmente lusitano, ninguem sabe melhor — como dizia o odioso Iago — tanger n'um olhar o rebate provocador.

Em negocios são do laconismo caracteristico de todo o mercador inglez, bem cruel para estrangeiros que, como eu, não possuem

para os seus gastos mais que uma tenue e rudimentarissima porção do vocabulario indigena. Quando a alguma d'ellas se pergunta, por exemplo, o preço de um par de luvas:

— Dois seis.

Esta indicação obriga-me a reflectir e a consultar o meu diccionario d'algibeira. Que demonio de quantia podem ser *Dois seis!* Ouso repetir a minha pergunta. Ella então articula mais nitidamente a resposta. É indubitavelmente *Dois seis.* Que devo pois concluir: que o preço é *oito,* que é *doze* ou que é *sessenta e seis?* Para encurtar quanto possivel debates, passo á caixa uma libra. Fazem-me o troco a 2 shillings e 6 pences. *Dois seis* quer dizer 2 shillings e 6 pences. Outras vezes porém o que quer dizer é 2 libras e 6 shillings. Em summa, é conforme!

*

O que é preciso ir a Hyde-Park para vêr, do *Row,* é a amazona.

Aqui em Lisboa ha algumas meninas que julgam *andar a cavallo.* Pura illusão! Em Lisboa o que ha é cavallos que *andam a menina,* — o que faz differença! Em Inglaterra existe a *horse woman,* em Portugal não existe a *mulher de cavallo;* e todavia vendem-se, compram-se e annunciam-se muitas vezes *cavallos de senhora.* Comprehendem a distincção...

A portugueza tem medo. Creio que lhe sou agradavel repetindo-o, porque a portugueza tem medo, e gosta d'isso, chegando muitas vezes a fazer-se ainda mais assustada do que é. A ingleza bem educada, assim como o inglez correcto, não sabe o que é o medo. A differença principal das duas educações é essa.

O cavallo, que é um intelligente e nobre animal, detesta os fracos assim como detes-

ta o ridiculo. Vejam como elle olha nos circos para os palhaços! reparem como elle entristece quando o monta um medroso, que lhe afasta da barriga o mais que póde os calcanhares, e que se lhe agarra á clina! Com uma joven ingleza no sellim, sentindo no freio a generosa confiança de uma delicada mão, debil mas nervosa, energica e resoluta, um cavallo de raça parece mais que nunca orgulhoso, feliz e bello. Não ha esporas de cavalleiro que lhe dêem o impeto, o rasgo, o alto fôlego, que parece communicar-lhe o leve roçar de um vestido, uma ponta de véo ao vento e um gritinho rapido, convicto, de uma destemida rapariga que lhe diz quasi á orelha: — Hip! hip!

Para isso vale a pena de atravessar o estreito uma vez ao menos: para ir a Londres vêr tremular os véos e ouvir bufar os cavallos e ranger as sellas através da relva, por entre a neblina côr de perola das avenidas de Hyde-Park.

Vista a alguma distancia, a amazona londrina parece um homem: hombros fortes, peito chato, vestido abotoado como um *veston,* collarinho liso, cabello escondido na copa do chapéo posto em cheio na cabeça e inclinado para traz, uma bengala atravessada sobre o pescoço do cavallo e segura pelo meio na mão da redea. O que, mais de perto, impressiona é o *perfect fit* do *riding-habit,* o magistral manejo do cavallo, a firmeza de minotauro que prende á sella do animal o corpo da amazona, o genuino cunho de *sport,* a mais experimentada força emfim e a mais perfeita pericia na bella e nobre arte de cavalgar.

*

Além do que, come-se bem em Londres e come-se barato.

O chá da familia ingleza é uma coisa in-

teiramente nova para o paladar de um latino; e ás cinco horas da tarde, no verão, n'uma *garden-party,* debaixo d'esses maravilhosos castanheiros dos arredores de Londres, ou no inverno com os pés no *fender,* junto de um bom lume a lêr o *Punch,* é bom não o provar mais de uma vez, porque ha o perigo de contrahir o vicio d'essa bebida dispendiosa e completamente inutil nas relações physiologicas do homem com o mundo exterior.

Nos novos restaurantes francezes, no *Criterion,* por exemplo, ou no *Royal,* a sabia combinação da cozinha parisiense com o *grill-room* dá resultados especiaes de uma succulencia inesperada e de um contraste digno de apreço.

O jantar leve é sempre caro, porque se digere logo. O jantar economico, o jantar do verdadeiro trabalhador, é o jantar pesado; em muitos casos direi mesmo: é o jantar indigesto. Ora a estimavel funcção do *grill-*

room combinado com a cozinha de Paris é a de dar ao jantar francez a justa graduação de peso que uma sabia economia reclame para a conveniente alimentação do individuo.

Aqui temos um fino jantarinho do *Bignon* ou da *Maison Dorée* cujos effeitos alimentares me não impedirão de ir cear com appetite ás duas horas da noite. Como porém os meus recursos orçamentaes me não aconselham o luxo de uma ceia, que faço eu no *Royal* ou no *Criterion?* Substituo severamente o *consommé* e o assado francez por uma *ox-tail,* por uma *mock-turtle soup,* por um *rump-steak,* e fico tendo com que me entreter até ámanhã por estas horas.

Commodissimo, como vêem!

*

Na arte do limonadeiro a não ser talvez o americano do Norte, não ha quem se compare ao inglez.

Todo o *bar* regularmente fornecido e manipulado offerece ao consumidor uma lista de 50 ou 60 diversas combinações alcoolicas unicamente na especialidade *refrescos* — *summer-drinks.* Fóra as bebidas de inverno. Ha em forte e em fraco, *long-drinks* e *short-drinks.*

Apparecem individuos que se refrescam com todas as cincoenta preparações de *sherry,* de *claret,* de *brandy,* de *gin,* de *rum,* de *champagne,* de *cider,* de *Port-wine,* etc., em uma unica sessão.

No dia seguinte bebem-lhe em jejum um copo de oleo de ricino, uma ou duas garrafas de qualquer agua medicinal em seguida; e doze horas depois acham-se em estado de recomeçar novas e mais decisivas experiencias sobre as *long-drinks.*

O inglez não usa unicamente de bebidas espirituosas, usa tambem em identico grau de drogas medicinaes, e bebe oleo de ricino como ninguem mais o bebe no mundo. A ingleza acompanha o seu compatriota n'este predicado de *toilette* gastrica, havendo meninas que todas as manhãs engolem uma capsula da benefica substancia de mamona, especialmente destinada a subtilisar-lhes a transparencia da pelle.

*

De resto nada mais agradavel aos olhos do que o jantar de lista ou de mesa redonda no *dining-room* de um grande restaurante do West End em Londres, entre as 7 e as 9 horas da noite, ao clarão dos lustres e al-

gumas vezes mesmo, como em *Holborn* e em *St. James,* ao som de uma orchestra.

Todas as senhoras, retirados os seus agasalhos, apparecem em *petite tenue de soirée* com o pequeno decote triangular, decote *arrependido,* o bem conhecido decote em losango, que é a mais linda e a mais picante coisa com que a moda ingleza dotou a arte do vestido durante este derradeiro quarteirão do seculo.

Os homens — bem entendido — estão todos de gravata branca, atada com essa especial correcção que é o impenetravel sigillo de guerra dos camiseiros inglezes, e vestem a casaca de baile rigorosamente florida de uma bella rosa ou de uma gardenia fresca. São todos direitos, graves, bem postos, e jantam na taberna com todo o ceremonial austero que teriam em Buckingham-Palace ou em Windsor-Castle, a um banquete da rainha, em grande uniforme de côrte.

É talvez um pouco duro, um pouco auto-

matico, um pouco *madame Tussaud's exhibition,* se assim o quizerem, mas respira indubitavelmente esse delicado perfume artistico, que é um dos encantos da existencia civilisada, e a que se chama *a boa educação.*

CAPITULO IV

Inteiramente *shocking*, porém notavel. N'elle se applaude o auctor da admiravel facilidade com que maneja o estylo figurado, sem que todavia isto o impeça de passar, tão modestamente como qualquer outro, ao capitulo seguinte.

Foi descendo a pé e só Regent-Street na direcção de Hyde-Park, depois de ter jantado em *Royal* no primeiro dia que passei em Londres, que eu tive occasião de observar o phenomeno fundamental sobre que versam todos os pormenores expostos pela *Pall Mall Gazette*. Eram 9 horas. Estava um tempo dôce, dois graus acima de zero, e um céo quasi limpo prateado pelo luar inglez. As lan-

ternas dos *cabs* e dos *omnibus* reluziam a toda a profundidade da rua como um enxame de pyrilampos. As *vitrines* dos armazens fechavam-se correndo com estrondo os stores de ferro. Quando cheguei a St. James estavam quasi todas as portas trancadas.

Durante este percurso successivas mulheres, de *ulster* abotoado e de chapéos de plumas, me acotovelaram, me dirigiram a palavra, enfiaram o braço no meu. Uma d'ellas puxou entre os dedos o charuto que eu tinha nos beiços e proseguiu voltando-se para traz e mostrando-m'o a reluzir entre os dentes. Para além de St. James esta importunação tornou-se mais grave. Tres damas *cahiram* sobre mim simultaneamente com uma sinistra avidez de corvos sobre um corpo morto. Tive de me desembaraçar aos empurrões e, involuntariamente, molestei uma d'ellas. Pedi-lhe perdão, e dei-lhe um florim. As outras duas fizeram-me então saber que levariam empurrões por um *penny*. Dei-lhes o troco

de meio *shilling* que tinha em cobre na algibeira. Agradeceram-me com reconhecimento. Todas tres traziam plumas no chapéo e vestido de sêda.

Não reparei na idade das mais velhas. A mais nova não representava mais de dezeseis annos. Tinha quebrados os dois dentes superiores da frente. A rir mostrava no meio da boca um quadradinho preto, que me ficou de lembrança, que d'ahi por diante vejo ainda vagamente, como no fundo da minha compaixão, todas as vezes que na minha presença sorri a boca virginal e pura das meninas d'essa mesma idade.

Entrei em Hyde-Park pela primeira porta e fui até um dos primeiros bancos de uma das avenidas tomando á esquerda.

D'ahi voltei para traz, arrependido da audacia que tinha tido. Comprehendi que desbastassem tanto o arvoredo, abrindo enormes clareiras desafogadas ao luar. No escu-

ro das arvores eu recearia um golpe de *box* com que aprendesse a ser discreto.

O que escreveu o redactor da *Pall Mall Gazette* póde convir mais ou menos a um jornal como escolha de texto, mas póde-se escrever e póde-se publicar sem offender o que legalmente se chama o pudor. E isso produziu o enorme escandalo da moral ingleza. Pois bem: o que eu vi n'um parque de Londres, aberto ao publico, vigiado pela policia, no centro do mais rico e do mais aristocratico bairro da cidade, o que todo o inglez, o que todo o viajante, o que todo o mundo póde ver como eu vi, não se póde imprimir e não se póde escrever. Não ha circumlocução, não ha periphrases, não ha rhetorica que torne viavel semelhante narrativa. Demais, que necessidade ha de o dizer? O facto que eu teria de narrar é do dominio publico, não foi uma dadiva especial que Londres me offerecesse para experimentar a for-

ça da minha resistencia ao amor facil; o que eu vi, viu-o toda a gente que esteve em Londres um dia, que passou á noite em Regent-Street, no Strand ou em Piccadilly, e que alongou um passeio de digestão, depois de jantar, até ao primeiro banco de Hyde-Park em noite de lua.

Diz-nos a *Pall Mall* que ha em certo bairro da metropole um estabelecimento de Madame Jeffryes e que a policia o tolera... Boa novidade! Pois não sabe a policia ha muito tempo que existe Hyde-Park, que Hyde-Park tem bancos, e que de quando em quando apparece a lua em Londres! Desde que se admitte Hyde-Park — salão, é indipensavel admittir a casa de Madame Jeffryes — vestibulo. O grande lupanar não pertence a essa dama, hoje excessivamente celebre; o grande lupanar pertence a sua graça o Lord-Maire, e chama-se a cidade de Londres.

Madame Jeffryes, empregada na officina de sua graça, tem uma camara dos horro-

res, de paredes almofadadas, de duplos tapetes no chão, de espessos reposteiros nas portas para não deixar misturar os gritos das suas tiples com as « oratorias » dedilhadas nos pianos da visinhança. N'essa camara ha tirantes de couro munidos das respectivas fivelas e dos competentes furos para ajustar as bestinhas de todos os tamanhos á lança do *mail* em que o alto *sport* britanico bate para o Derby de Babylonia. Ouso affirmar que tudo isso é um detalhe, um puro e simples detalhe.

*

Ha na cidade de Londres CENTO E VINTE MIL mulheres (cento e vinte mil é a cifra que vem nos guias juntamente com as tábuas das moedas e dos pesos e medidas e com a re-

lação dos monumentos e dos edificios publicos) as quaes mulheres offerecem publicamente a quem passa nas ruas e nos parques desde as oito horas da noite até ás duas da madrugada, mais ou menos avariada a mesma mercadoria que a *Pall Mall* denuncía como escandalosa. Este é que é o grande facto capital.

Que nos importa a nós que d'essas cento e vinte mil mulheres meia duzia tivessem passado pelas correias de Madame Jeffryes afiveladas para esse effeito por tres *lords* e tres *esquires,* cujos nomes o reporter da *Pall Mall* conseguiu descobrir?

Cuidará por acaso esta illustre gazeta que, exceptuadas essas seis raparigas, as dezenove mil novecentas e noventa e quatro restantes sobre a lama de Piccadilly não tiveram nunca a pequena prenda que recommendou as hospedas de Madame Jeffryes á attenção d'alguns dos legisladores das duas camaras? Imaginará a *Pall Mall* que as so-

breditas cento e dezenove mil novecentas e noventa e quatro creaturas vieram ao mundo no estado em que presentemente se acham? Conjecturará que ellas nasceram assim, crescidas e já cheirando a *gin,* com plumas no chapéo, cabello tingido, tacões cambados e lama do Strand pegada ás botinas?

Não! a indubitavel, a terrivel verdade é que estas cento e dezenove mil novecentas e noventa e quatro subditas de sua graciosa e imperial magestade a rainha Victoria foram todas a seu devido tempo aquillo que eram ao entrar no laboratorio de Madame Jeffryes as seis jovens cuja historia nos foi narrada com eloquencia digna de melhor causa pelo reporter da *Pall Mall.*

*

Recapitulemos. Ha um trafico infame que o reporter da *Pall Mall* julga dever assignalar á maldição do mundo. Tal trafico exerce-se sobre uma mercadoria que cento e dezenove mil novecentos e noventa e quatro pessoas *offerecem,* e que seis sujeitos, descobertos pela *Pall Mall, procuram.*

Onde está o opprobrio, segundo o reporter de que se trata?

Está nas cento e dezenove mil novecentas e noventa e quatro vendas?

Não! Está nas seis compras!

Estranho e inexplicavel contrasenso economico no cerebro mercantil de um estimavel cidadão britanico!

O que eu vejo no lastimavel desvario d'este escriptor, é o effeito funesto das más companhias no juizo de um bom rapaz. Se em vez de ter passado dois mezes da sua preciosa existencia mettido com gente do mau estofo de Madame Jeffryes, este escriptor

houvesse dirigido os seus passos sobre a senda da vida na direcção do *University College, Grower Street, London W. C.*, elle teria ahi aprendido nas sabias lições do snr. Stanley Jevons que a lei da *offerta e da procura* é a base fundamental do destino de toda a industria, quer esta se exerça na esphera da moral, quer sobre as ruas de Londres.

Eis os termos em que Mr. Jevons se exprime em em dos capitulos da sua Economia Politica:

« As leis principaes que governam o valor chamam-se as leis da *offérta e da procura* e são mui importantes. Representa a offerta a quantidade de mercadorias que as pessoas consentem em trocar por um certo valor, e representa a procura e quantidade de mercadorias que as pessoas consentem em receber por troca. Antes porém que uma pes-

soa possa julgar de quanto deseja comprar de uma especie particular de mercadoria cumpre que lhe conheça o preço, isto é, a sua proporção com a moeda. Se o preço do pão em vez de ser de tres pences sobe a quatro pences o arratel, o pobre decidir-se-ha talvez a comer menos pão e a comprar mais batata. Se a carne, em vez de nove pences, sobe a um shilling ou a quatorze pences o arratel, certas pessoas se recusarão inteiramente a comer carne, e outras comerão menos do que anteriormente comiam. A offerta das coisas varía pelo mesmo modo: Se o preço da carne augmenta, os rendeiros que têm gado trazem-no á feira com o fim de realisar um bom lucro vendendo-o; se os preços descem, o criador guarda as suas rezes para as vender mais tarde. »

Ora no *Meiden market of modern Babylon* o que vemos é: *offerta* enorme; *procura* ex-

tremamente debil; baixa horrorosa no valor da moralidade, que é a mercadoria.

*

Exemplifiquemos com factos extrahidos do relatorio da *Pall Mall* e postos em face da theoria de Mr. Jevons.

Os clientes de Madame Jeffryes pedem pão, e offerecem 20 libras. Madame Jeffryes vai aos padeiros e encontra pão muito bom por duas libras, encontra-o até por menos, encontra-o quasi de graça, porque ha padeiros que preferem dal-o a vel-o abolorecer em casa ou a terem de o deitar ao Tamisa embrulhado no *Times*.

N'esta situação parece-me inteiramente insensato que a *Pall Mall* exija de Madame Jeffryes que ella procure desafazer de pão

os altos personagens que a honram com a sua confiança, e que os aconselhe, como diz o professor Jevons, a preferir a batata.

Mr. Bradlaugh prégando aos padeiros, em nome do Evangelho de S. Malthus, que cessem de amassar farinha, parece-me mais indecente, mas tambem mais logico, do que o redactor da *Pall Mall* querendo metter as batatas pela boca dentro do principe de Galles, pela do alto clero e pela dos principaes membros da camara dos lords e da camara dos communs, á força.

CAPITULO V

A miseria em Londres. — Ginx's baby, seu nascimento e mais desastres. — O Tamisa e o nevoeiro. — Um filho de Ginx através da lama de Piccadilly. — Manhã de violetas. — *Cabs, mail-coachs, jerseys* e *avercoats*.

JÁ disse, mas não opponho a minima resistencia a dizer outra vez, que não fui aos bairros terriveis. Mas li o meu Dickens, traduzi mesmo em tempo para uma bibliotheca do Porto *Ginx Baby*, e, no fim de tudo, conheço as estatisticas.

Quem seguiu com Charles Dickens a angustia da pobre pequenina Nell, perdida

nas ruas de Londres, alguma coisa sabe do que é a desgraça da infancia desvalida, sem ter necessidade de ir á feira dos andrajos na Cova do Cão, *Houndsditch,* olhar para os enxergões apodrecidos em que ellas veem á luz, se por um arrojado abuso da metaphora podemos chamar *luz* á porção de claridade que o sol distribue no interior dos habitaculos de *Clerkenwell* ou de *Bethnalgreen.*

O baby Ginx é o typo desenvolvido e perfeito do miseravel de Londres, requintado e acrisolado aqui, mais do que em nenhuma outra parte, pela colossal e complicada retorta da assistencia publica, pelo cadinho burocratico da desembargatoria e pedantesca philantropia nacional.

A mãe de Ginx era uma d'essas grandes e ossudas aldeãs inglezas, amplas e rijas como indestructiveis capoeiras de meninos, carpinteiradas a machado e a enxó em pau ferro. Em tão beneficas condições, Mistress Ginx jámais se esquecia de encommendar de

França tres pequenos Ginx, pelo menos, de cada vez que deliberava enriquecer seu esposo com mais vergonteas e attrahir sobre o seu privilegiado tugurio a renovação das bençãos promettidas pela Providencia ás grandes familias patriarchaes.

De cada uma d'essas occasiões *Times*, o formidavel grande polvo da informação ingleza, botava de fóra um dos seus infinitos tentaculos e por meio de tres linhas em corpo 7 indigitava o apreciavel caso da fecundidade da senhora Ginx á attenção não só da *city* mas das dependencias subalternas da *city* conhecidas fóra da Inglaterra pelo pretencioso nome continental de *nações da Europa*.

Na mesma manhã em que *Times* santificava por meio do baptismo da sua tinta o nome de Ginx, sua graciosa e liberalissima magestade a rainha, baixando a conferenciar com o seu mordomo-mór ácerca da contagem dos cotos de vela sobreviventes á pre-

cedente recepção de Windsor Castle, passava a este funccionario o numero do *Times* com o trecho concernente a Mistress Ginx assignalado a lapis azul, e encarregava-o de levar á adresse indicada dois soberanos em dinheiro e duas camisolas de flanella de qualidade intermédia, como testemunho da real munificencia.

Uma visinha dos Ginx, que tinha adoptado como modo de vida assistir a Mistress Ginx nos seus periodicos momentos de liberalidade para com o recenseamento da população de Londres, mostrando por sua conta os tenros objectos do estylo noticioso de *Times* á razão de dois pences por cada espectador, incumbia-se igualmente de receber e agradecer a regia dadiva, completando esta série de favores com vestir ella mesma as camisolas destinadas á parturiente e com beber em gin, até o ultimo penny, a quantia das duas libras em successivas saudes á continuação das venturas tão abundantemen-

te cahidas do alto do céo, do throno e do *Times,* sobre a familia Ginx.

Quando o numero das camisolas de flanella intermédia da assistente officiosa de Mistress Ginx chegou a vinte e quatro, e que o numero rigorosamente contrabalançado dos filhos d'esta tocou as raias de doze, Mister Ginx — a quem é tempo de consagrarmos um instante de attenção — declarou peremptoriamente que os seus recursos pecuniarios, os quaes elle jámais pudera elevar a somma superior a 1 shilling 6 pence por dia, lhe não permittiam dar alimentos nem a mais *um* ou *uma, uns* ou *umas* filhos ou filhas com que a Providencia continuasse a distinguil-o, ficando sua mulher prevenida para todos os effeitos de que, se tornasse a ministrar-lhe descendencia, quer esta fosse de rapaz, quer de rapariga, em numero de um, de dois, de tres ou de mais de tres, elle estava inabalavelmente deliberado a *o* ou a *a,* a *os* ou a *as* botar a afogar.

Foi nove mezes e meio depois de articulado este expressivo e substancioso manifesto do pae Ginx que o Ginx's Baby de que reza o livro abriu pela primeira vez os olhos para uma das camisolas a que acima me referi.

Ginx pae, firme no cumprimento da promessa feita, mette o novo apparelho digestivo destinado a ajudar a consumir o pão da sua familia dentro de um antigo sacco de batatas, e parte com elle para o Tamisa, entre os gritos chorosos da mãi e as exclamações admirativas da comadre, a qual esperava ainda pelas suas camisolas d'esse anno quando o ultimo dos Ginx teria já tempo de haver começado a ministrar aos peixes o pabulo que lhes estava promettido.

A policia intervem, o bairro amotina-se, uma onda de povo envolve Ginx pae, o qual no meio do espanto, das recriminações, dos conselhos e das ameaças que o envolvem, acha um meio feliz de se desfazer de Ginx filho, dando-o de presente a duas irmãs da

carídade que percorriam as ruas em busca de assumpto.

Do recolhimento das irmãs da caridade onde o baptisaram solemnemente segundo o rito catholico, vestindo-lhe um vestido cheio de cruzes e cantando em sua honra um *Te Deum* em que elle estragou por meio de suas incontinencias duas casulas novas e esteve para morrer nos braços dos padres suffocado pelo incenso, é Ginx transferido á posse de uma associação protestante; outra associação o reclama; a parochia intervem; ha questões; ha bulhas; leva-se o caso aos tribunaes; fazem-se manifestos de parte a parte; abrem-se subscripções; publicam-se artigos nos periodicos; imprimem-se brochuras debaixo de varios titulos e todas concernentes a Ginx's Baby: *Rapto sacrilego de um menino; Baptismo de um joven cidadão protestante no interior de um convento; Basta de papismo, ou o ultraje á nação; Intrigas catholicas; O menino das cruzes (medonhas revela-*

ções); *O filho do proletario* (*conto moral*), etc. etc.

Depois de empregados todos os meios de que podem dispôr as communhões religiosas, as associações de philantropia, a eloquencia parlamentar, os partidos politicos, os clubs de recreio, o jornalismo e a litteratura amena, para o fim de fazerem de Ginx's Baby o mais honesto, o mais prospero e o mais feliz de todos os sêres humanos, o mesmo Ginx, tendo cortido quanta fome podia cortir sem estalar, tendo passado successivamente pelos bancos dos tribunaes e pelas cadeias, como bebado, como gatuno e como vadio, acaba finalmente aos vinte e quatro annos de idade, atirando-se por si proprio ao Tamisa do alto da mesma ponte em que seu pae fôra detido com elle no sacco pelas duas religiosas desprovidas a esse momento da materia offertavel ao instituto de S. Vicente de Paulo.

*

Não desejo sensibilisar ninguem mais do é preciso, e por isso me contento em trasladar das estatisticas alguns numeros relativos á riqueza e á moral do povo de Londres.

Durante o decurso de um anno perderam-se nas ruas da cidade 12:000 crianças.

Nas mesmas ruas e no mesmo anno desappareceram, sem se saber que destino tivessem, 130 pessoas adultas.

No congresso das sciencias moraes em Manchester averiguou-se que na Inglaterra morrem por anno em resultado da intemperança 120 mil pessoas.

Comquanto, segundo recentes disposições legislativas, a embriaguez seja permittida nas ruas de Londres, não capturando a policia senão os ebrios de caracter feroz, 10:487 pessoas embriagadas n'essas condições foram presas em 1883.

Em um só anno o numero dos ebrios

seguros e encarcerados pela policia foi de 29:868.

6:597 damas foram capturadas no mesmo espaço de tempo a instancias de cavalheiros a quem importunavam nas ruas por modo excessivamente insistente. Cerca de 13 frageis damas por dia, convictas de haverem feito córar de pejo outros tantos individuos tirados ao acaso d'entre o sexo forte!

*

Em um dos dias que passei em Londres, tendo concluido o trabalho da minha papelada pelas onze horas da manhã, principiava a barbear-me ao pequeno espelho suspenso no caixilho da janella. Através dos vidros orvalhados, por cima da estreita cortina horisontal bordada de côr de rosa, via-se fóra por entre as chaminés fumegantes um

lindo dia humido, vívido, picante, benefico para violetas, convidando a grandes marchas, a uma sortida á lebre ou aos patos bravos e a um farto almoço de caça n'uma cozinha de herdade, entre os perdigueiros, com as solas ferradas dos sapatos voltadas para o lume, fumegantes ao brazeiro de pinho bravo. E eu, satisfeito com o aspecto d'essa bella manhã creadora, dizia commigo: Tambem aqui se está barbeando e aformoseando (dentro dos limites das suas posses) quem d'aqui a nada se ha de achar em Kensington deante de umas ostrinhas frescas de Ostende e de meia garrafa de um vinhinho branco que certa pessoa conhece mas cujo nome se não diz nem mesmo ao espelho para se não espalhar que elle existe!... N'isto, de repente, na occasião de enxugar a navalha, observo que o céo trocou o seu lindo branco-perola tão frescamente prateado, por um basso e espesso amarello d'ocre. Desconfiei. Não que eu me deixe levar pela

repugnancia geral, infundada a meu ver, pelo amarello. Bem lindos acho eu os xadrezes pretos e brancos para jaquetas, e no emtanto, se a minha propria pelle subitamente me apparecesse aos quadradinhos pretos e brancos, desconfiava tambem como desconfiei com o céo ao vêl-o da côr das laranjas. O meu sobresalto foi pouco duradouro, porque ao fim de cinco minutos estava tudo negro, negro como pez, e eu tinha que accender duas velas para me acabar de vestir.

Era o nevoeiro.

Não um ligeiro nevoeirito para rheumatismos de estrangeiros, que a amavel hospitalidade de Londres confere ás vezes durante a *season* a quem vai do Chiado por Paris, a Sackville-Street unicamente para ter uma *suit* cortada no Poole, — tudo quanto se possa ter em *suit* de mais *horsey* para o fim de inflammar as imaginações no *turf* de Pedroiços ou no tiro aos pombos da Ajuda; mas

sim um legitimo e authentico nevoeiro londrino, um garantido e afiançado *London-fog*.

Fui para Piccadilly vêr o phenomeno. Por toda a parte nos corredores e nas escadas do meu hotel, em todas as ruas, em todas as lojas, estava acceso o gaz, e no Strand, além das lanternas dos cabs e dos omnibus, varias outras lanternas tremeluziam, e chammas de archotes oscillavam em penachadas de fumo alumiando de clarões rubros cabeças de cavallos e capacetes de *policemen*.

O Tamisa é um largo e profundo rio de margens de lama com uma agua glauca, denegrida, espessa, sinistra; através de Londres tem a vastidão de um estuario de tinta gordurenta, vasta lagôa tenebrosa e revolta, que parece formada da suppuração estagnada de uma enorme fistula pela qual se tivesse dessorado a força mecanica de toda a industria a vapor d'este mundo, fazendo uma pôça immensa do vomito denegrido das valvulas, do pó do carvão, do

sebo derretido dos eixos, do azeite, do verdete das rodas e dos parafusos, e do suor da gente.

Sabido isto, o aspecto do nevoeiro de Londres pinta-se em duas palavras:

É a pulverisação da corrente do Tamisa inhalada juntamente com as trevas da noite na garganta da Inglaterra.

A cerração, que não durára mais de duas horas, começava já a adelgaçar e a esvaír-se, quando vi passar por mim, de relampago, mas em carne e osso, vivo, a bolir, a mexer, andando pelo seu pé em pleno Piccadilly, um dos irmãos de Ginx's Baby; e um terrivel calafrio me correu n'esse instante ao longo da espinha, adstringindo glacialmente toda a minha substancia medullar.

Era um homem novo, alto, magro, de pelle sardenta, cabello ruivo e crespo, em configuração de turbante. Trajava unicamente umas calças largas muito curtas, despegando-se em farrapos, e um collete de baile pre-

so por um só botão, velho, sujo, nojentamente ensebado. Não tinha camisa nem camisola. Espalmava a lama do passeio, como um palmipede, debaixo dos seus grandes pés descarnados, ossudos, molles e brancos, caminhando encolhido, rente do muro, com os cotovêlos cingidos ao corpo, as duas mãos sobrepostas no peito, olhando fixamente em frente e repetindo um expressivo movimento de espadoas, como se quizesse atabafar-se do frio e esconder-se da gente levantando para cima das orelhas como a golla de um casaco os seus pobres hombros nús.

Que elle procurasse agasalhar-se comprehendo: eu mesmo, que sou pouco medroso ao frio, tinha posto flanella por baixo do meu *veston* de pano piloto; mas esconder-se para quê, se ninguem mais em Piccadilly parecia vel-o senão eu?

Segui-o longamente com a vista, até que elle se perdeu de todo aos meus olhos, confrangido, alcachinado, sacudido pelo seu ges-

to predilecto, turrando para diante com a sua grossa cabeça intonsa em turbante ruivo.

Ninguem mais pareceu notar essa exotica flôr de desgraça levada por não sei que estranha brisa, como um detrito de immundicie ao vento, através d'este elegante bairro.

Os homens passavam indifferentes por elle, roçando-o quasi hombro a hombro, abotoados até ao pescoço nos seus curtos e elegantes *avercoats* côr de mostarda, com as mãos nos bolsos, o indispensavel cachimbo de espuma e ambar nos dentes, o *stick* de galho de laranjeira debaixo do braço, o inflexivel collarinho de fustão alvejando alto acima da gravata clara, e o ramalhete de violetas de Nice emmoldurado de hera na respectiva botoeira.

E o descendente de Ginx, esqueletico, semi-nú, cheirando mal, lá ia indo sempre, silencioso, espectral, passando como uma som-

bra ao longo do muro, mysterioso, indecifravel, dando-me pelle de gallinha, arrefecendo-me a raiz do cabello, como um phantasma que só eu via.

Por algum tempo mesmo cheguei a ficar duvidoso sobre se essa figura correspondia a um sêr real, ou se era uma simples visão pathologica da minha nevrose litteraria; e a todas as pessoas que conhecia perguntei n'esse dia descrevendo a apparencia do representante dos Ginx:

— Passam effectivamente por Piccadilly, passam no Strand, ou passam em Regent-Street homens d'este feitio?

E todos os que por algum tempo habitaram essas ruas me tranquillisaram nas minhas apprehensões doentias, respondendo-me:

— Passam.

*

O nevoeiro passára tambem de todo.

Dois *mail-coachs,* a quatro soltas, um após outro, rodavam na direcção de Hyde-Park. No da frente um criado de libré, no ultimo banco do tejadilho á direita, trombeteava de quando em quando uma breve chamada de caça na sua longa tuba de prata desembainhada do estojo suspenso ao varandim. A imperial do segundo *mail* ia cheia de lindas mulheres novas, de camisolas Jersey desenhando-lhes o peito em plastron liso, ou de *vestons* escossezes, o pequeno foulard em nó ao pescoço, luvas de mosqueteiro e chapéos tirolezes, de feltro liso, descobrindo o louro assetinado do cabello sobre a nuca pequenina, avivada pela luz de um reflexo d'ouro á Paulo Veronez.

Uma jovial transparencia matutina, tocada de côr de rosa, vinha vindo do horisonte azulado e varria a rua como se a trouxes-

se e espargisse de si o rodar dos trens e o galopar dos cavallos.

D'esta alegria orchestral, de segunda aurora, destaca-se emfim, avançando de um humido fundo de musselina, não o vôo de uma cotovia pipilante como o pediria a nossa comprehensão esthetica do idyllio, mas o simples trotar de um cavallo de cab, cujo cocheiro de praça, quasi em pé na almofada, agitando o chapéo em largos gestos, procura attrahir com ardor a nossa attenção para alguma prodigiosa occorrencia de que é theatro o ambito do seu vehiculo.

Dentro d'esse cab, ao centro da almofada, de perna commodamente traçada como no conforto de uma poltrona, vê-se um bello homem louro, de forte busto, olhos brandos, leve sorriso ironico entreaberto na barba rutilante aparada em ponta, com chapéo alto côr de café com leite, luvas amarellas, e uma rosa vermelha na casa da sobrecasaca azul. Reconheço sua alteza o princi-

pe de Galles e saúdo-o, como toda a gente, levantando o meu chapéo o competente palmo e meio acima da cabeça.

*

E assim foi que eu tive a dita de vêr, quasi ao mesmo tempo, o Alpha e o Omega da especie humana na grande civilisação britanica, o primeiro e o ultimo cavalheiro de Londres, — o filho de Mistress Ginx, e o filho de sua mui graciosa magestade Victoria Alexandrina, rainha do Reino-Unido da Grã-Bretanha e da Irlanda e das suas colonias e dependencias na Europa, Asia, Africa, America e Oceania, imperatriz das Indias e protectora da fé.

CAPITULO VI

O museu de South Kensington, sua historia, suas collecções e seu orçamento. — A arte na Inglaterra. — O ensino artistico elementar e os seus resultados no progresso das industrias. — Comparações dolorosas, posto que breves.

O MUSEU de Kensington é pela sua historia uma das mais caracteristicas instituições da Inglaterra, e é pela sua influencia a mais importante escóla d'arte que hoje existe no mundo, e sobre a qual se moldaram os grandes institutos modernos de Vienna, de Berlim e de outras cidades da Europa. É portanto indispensavel dar uma vista d'olhos a Kensington-Museum.

*

Por occasião da exposição universal celebrada em Londres no anno de 1851, evidenciou-se que as industrias inglezas de caracter artistico estavam longe de poder competir não só com as da França, mas com as da Italia, da Suissa, da Belgica. A critica ingleza foi a primeira a reconhecer o revez e a investigar as causas da inferioridade da Inglaterra entre as nações artisticas. Este problema commoveu tão profundamente a opinião publica como se se tratasse de uma amputação na integridade do sólo ou nas franquias da Magna Charta.

Apontou-se geralmente como causa principal da esterilidade inventiva dos industriaes inglezes a deficiencia da educação publica nas artes do desenho.

Procedeu-se então a uma rigorosa syndicancia ás vinte escólas d'arte que desde 1837 se tinham creado no Reino-Unido, á escóla central de *Somerset-house* e ás que d'ella se derivaram. O resultado d'este inquerito foi que a instituição nacional da *School of design* era perfeitamente inutil á educação technica superior, em consequencia da falta de educação preparatoria elementar.

Os poderes publicos intervieram naturalmente n'esse debate da pedagogia e da critica. De tal intervenção nasceu a nova repartição publica da sciencia e da arte — *Department of science and art.*

No discurso da rainha, por occasião da abertura do parlamento em 1853, annunciava-se que á attenção patriotica das camaras seria submettido um desenvolvido projecto relativo á reforma fundamental do ensino scientifico e artistico das classes industriaes.

No mesmo anno da exposição universal, ainda em 1851, estavam assentadas as se-

guintes bases para a reorganisação do ensino artistico:

1.º Creação de escólas elementares de desenho para o fim de completar a educação nacional com a instrucção artistica indispensável a todo o cidadão inglez.

2.º Habilitação de um vasto corpo profissional para a regencia das escólas d'arte applicada, e immediata fundação d'estas em número proporcionado ás necessidades do paiz.

3.º Educação geral das faculdades artisticas da Inglaterra por meio de museus publicos em que cada um possa de dia e de noite comparar productos, e formar o discernimento e o gosto.

Em junho do anno seguinte (1852) inaugurava-se em Westminster com a mais pomposa solemnidade a primeira escóla elementar de desenho.

Em 1853 achava-se estabelecido o museu de Kensington, seminario central, foco pe-

dagogico de que irradia toda a educação elementar artistica da Grã-Bretanha.

Este monumental estabelecimento comprehende:

1.º Um museu das artes decorativas abrangendo uma preciosa collecção de cerca de 30:000 objectos de arte antiga e de arte moderna desde a edade média até os nossos dias.

2.º Uma vasta galeria de pintura — *National Gallery of British Art.*

3.º Uma bibliotheca especial de livros de arte, composta de 50 mil volumes, 18 mil desenhos, cerca de 50 mil gravuras e 60 mil photographias.

4.º Uma escóla d'artes em que se formam professores e se ensina o desenho, a pintura e a modelagem.

Para fazer face a esses encargos o museu de Kensington dispõe de um fundo de 5:000 contos de reis, e dispende cerca de 1:400 contos por anno.

Com mercadores d'este pulso é difficil competir. De modo que o museu de Londres tem adquirido em poucos annos a maior parte de quantas preciosidades artisticas se teem posto em praça no mundo. Diz-se, e com razão, que se um cataclysmo destruisse hoje todos os museus do continente europeu, só pelas collecções proprias ou de emprestimo no South Kensington se poderia reconstituir toda a historia da arte antiga e moderna.

Depois do triumpho romano de Fulvio Nobilior, em que figuraram 515 estatuas de bronze e de marmore trazidas por elle do Epiro e da Etolia, depois da entrada em Roma do consul Paulo Emilio, precedido de 250 carros carregados de estatuas e de quadros gregos, e depois da tomada de Corintho por Mummius, nunca mais saque de guerra desapossou nação vencida de riquezas d'arte comparaveis em numero e em valor ás que o dinheiro inglez tem arre-

batado por compra ás cathedraes e aos palacios latinos, á China, ao Japão, á Abyssinia.

Na collecção de Kensington encontram-se gabinetes francezes da grande época de Versailles e de Trianon; o boudoir completo da marqueza de Serilly, dama de honor de Maria Antoinette, — bronzes de Gouthiere, pinturas de Natoire e de Fragonard, chaminé de Clodion; o grande medalhão com o retrato do rei Renato de Anjou feito por Luca della Robbia para a Loggia dei Pazzi, com mais quarenta ou cincoenta peças do mesmo artista; o bronze Martelli e o Christo no tumulo, de Donatello; o altar-mór da collegiada de Santa Clara em Florença, por Del Tasso; um tabernaculo da egreja de S. Thiago em Fiesole, por Andrea Ferrucci; os famosos desenhos de Raphael feitos por encommenda de Leão X para serem reproduzidos em tapetes d'Arras; centenares emfim dos documentos mais raros e mais preciosos de

todos os grandes periodos da arte na Italia, na França, na Hispanha.

Os monumentos que ainda não foi possivel adquirir, figuram em reproducções primorosas, como a da columna de Trajano com as 2:500 figuras dos seus baixos-relevos, representando os episodios da guerra contra os dacios; um canto do claustro de S. João dos Reys em Toledo; a porta da Gloria de S. João de Compostella; uma parte do côro de S. Miguel em Hildesheim, etc.

Além dos objectos adquiridos por compra e dos objectos reproduzidos em *fac-simile*, ha ainda os objectos apresados pela marinha ingleza, como, por exemplo, os modelos das aldeias chinezas offerecidos pelo imperador da China á imperatriz Josephina, e os thesouros reaes da Abyssinia, entre os quaes figuram os vestidos do proprio rei Theodoro.

Teria de encher cem ou duzentas paginas para dar, ainda que pela enumeração mais

breve e mais sêcca, uma idéa das preciosidades que se encontram nas diversas secções d'esta prodigiosa galeria.

Algumas das collecções, como a da ceramica, a dos instrumentos de musica, a dos artefactos da India, são unicas e incomparaveis.

Entre os instrumentos musicaes vemos o orgão de Luthero, o cravo de Hædel e a espineta de Isabel do Palatinado, ao lado de uma outra de De Rossi, em ébano, marfim e lapis-lazuli.

Na *Keramic Gallery* além da collecção das louças inglezas de Wedgwood, de Derby, de Chelsea, dos valiosos especimens da olaria grega, etrusca, persa e hispano-mourisca, além das magnificas collecções de Bernardo Palissy, dos Sèvres, dos Saxes, dos Delft, dos Rouen, dos Moustiers, dos Nevers, das porcelanas do Japão e da China, dos *grés* da Allemanha e da Flandres, ha não menos de cinco peças da famosa faian-

ça de Oiron, Henrique II e Diana de Poitiers, cujo valor se póde computar em 50 ou 60 contos de reis.

Na collecção indiana ha as interessantes esculpturas e as moedas greco-budhistas descobertas pelo doutor Leitner, grutas de Elephanta, o Ghosola-Chât do Ganges, feito de marfim e bronze, o tumulo de Runjit, o palacio do Maharajah de Lahora, o pavilhão do rei da Birmania, os chailes, os brocados, os turbantes, as armas cravejadas de pedrarias e os tapetes veneraveis do Afghanistan, de Cachemira e de Madrasta.

Na collecção dos autographos, entre os manuscriptos das obras de Dickens, de Addison, de Cromwell, vê-se o caderno de esboços que Leonardo da Vinci costumava trazer á cinta.

Não fallarei da galeria das invenções, *Patent office museum*, tão interessante para a historia da mecanica, nem da collecção historica dos apparelhos telegraphicos, nem da

galeria da piscicultura, nem das secções das machinas, das armas e dos projectis, da anthropologia, da educação, das joias antigas e modernas, dos esmaltes e dos marfins, das alfaias ecclesiasticas, dos crystaes e da vidraria polychroma, das ferragens, das rendas, das caixas de pastilhas e de rapé, dos mosaicos, dos leques, das rendas, dos bordados, etc.

Todos estes objectos de uma variedade e de uma multiplicidade estonteadora, se acham rigorosamente inventariados, catalogados, coordenados nas vitrines, correspondendo a cada um uma legenda com o resumo da sua historia, a sua origem, a sua proveniencia e o seu custo.

Além das collecções que a administração comprou e das que lhe foram doadas por muitos individuos, como o principe Alberto, a rainha, o principe de Galles, os snrs. Farster, Smith, Persons, etc., ha as collecções de emprestimo, *loan collection*, cedidas pelos

respectivos proprietarios para serem expostas ao publico temporariamente. Assim tanto em Kensington como na sua succursal de Bethnal Green, teem successivamente figurado todas ou quasi todas as grandes galerias particulares da Inglaterra.

*

Com a creação do grande museu de Londres coincidiu harmonicamente a instituição do *Department of science and art*, adjunto ao *Commitee of education*. A repartição da arte tomou a seu cargo a organisação e manutenção permanente dos seguintes elementos de ensino publico:

A escóla nacional de South Kensington, instituto normal e central de ensino do desenho;

Os museus e as collecções de Kensington;

A creação de escólas sucursaes d'arte;

A distribuição de subsidios para a construcção de escólas d'arte, para as associações tendo por objecto a vulgarisação do ensino artistico, e para os professores e alumnos da escóla normal;

Inspecções locaes e exames com distribuição de premios;

Fundação de concursos nacionaes;

Doações de livros e de objectos d'arte a todas as escólas;

Distribuição de premios pecuniarios aos professores que mais resultados obtenham no ensino do desenho;

Circulação regular de todos os elementos de estudo por meio de museus ambulantes;

Facilitação da permutação ou da compra de todos os modelos de estudo;

Exposições consecutivas de todos os objectos d'arte que se possam obter por em-

prestimo dos colleccionadores particulares, etc.

O numero dos estudiosos que frequentaram as galerias e as bibliothecas de Kensington foi em 1853 de cerca de 50 mil. Desde então este numero augmentou successiva e regularmente, subindo hoje a perto de dois milhões de individuos.

As escólas de desenho sob inspecção official emergentes da escóla central de Londres multiplicaram-se rapidamente por todos os pontos da provincia, attingindo hoje o numero dos alumnos cerca de um milhão.

A especie de desenho que se tinha em vista vulgarisar em toda a população da Inglaterra não era o desenho linear e geometrico ao compasso e regoa, mas sim o desenho puramente artistico, o desenho a ôlho, directamente do natural, a detalhe minucioso, stylisado, e improvisadamente, de impressão, a tempo fixo, para adestrar simultanea-

mente a penetração e a rapidez da vista, a subtileza e a agilidade da mão.

Para o fim de habilitar rapidamente tantos professores quantos eram precisos para dirigir as novas escólas, confeccionaram-se pequenos manuaes simplicissimos, consagrados a *ensinar a ensinar* o desenho. As séries de objectos de uso vulgar e domestico — um martello, um gancho, um annel, um funil, uma garrafa, um copo, um saca-rolhas, uma cafeteira, uma flôr, um fructo, uma folha, etc. — destinadas a servir de modelos ao desenho dos alumnos e sendo as mesmas em todas as escólas, achavam-se desenhadas rigorosamente em papel quadrilado n'um album servindo de guia ao professor. Além d'este auxilio o mestre seguia na escóla normal de Kensington um breve curso de quinze dias ou um mez para aprender elle mesmo a desenhar a ôlho, pelos mais perfeitos e mais rapidos methodos, os objectos da collecção da sua aula. O exercicio quotidia-

no das correcções feitas á margem no desenho dos discipulos levava-o em pouco tempo á perfeição nos trabalhos comprehendidos n'essa primeira parte do curso. Ao passar do primeiro ao segundo periodo o professor voltava á escóla de Kensington a receber novos desenvolvimentos de instrucção technica, e por este modo a par e passo com as successivas necessidades do ensino se foram progressivamente formando os mestres cada vez mais habilitados e perfeitos, sem perda alguma de tempo, distribuindo de anno para anno aos discipulos o grau progressivo de aptidões que elles mesmos attingiam.

A unidade perfeita de methodo e de systema em todas as escólas, as inspecções frequentes e rigorosas, a série successiva de compendios, de manuaes, de instrucções praticas, o interesse pecuniario estreitamente ligado ao progresso no aproveitamento de cada professor, fizeram o resto.

Graças a estas medidas tão sabiamente coordenadas, a Inglaterra era em poucos annos d'entre todos os paizes da Europa aquelle em que a grande massa dos cidadãos sahidos da escóla primaria desenhavam com mais facilidade, com mais nitidez e com mais correcção.

Ministrada a posse d'esse precioso instrumento, não houve recanto da Inglaterra a que não fossem levadas por meio de um museu ambulante as obras d'arte mais escrupulosamente escolhidas para determinar a educação da vista e a formação do gosto.

No primeiro giro pelas provincias o museu ambulante, *travelling museum,* percorreu 41 cidades em 16 mezes. Não se quebrou um unico objecto durante esta excursão! As receitas produziram 20:000 libras.

Além das obras exhibidas pelo museu ambulante, Kensington empresta ás diversas escólas d'arte milhares d'objectos em cada

anno, e concorre a quantas exposições artisticas se celebram na Inglaterra.

Todas as peças importantes da grande collecção central se acham reproduzidas pela photographia ou pela galvanoplastia, e para occorrer ao custeio d'estas reproducções em officinas suas o museu dispende cerca de 3:000 libras por anno.

As photographias permutam-se constantemente com as de todos os colleccionadores do mundo e vendem-se aos operarios e aos estudiosos pelos infimos preços.

Tanto as collecções como a bibliotheca d'arte estão patentes ao publico durante algumas horas da noite.

A bibliotheca, incomparavel, é acrescentada successivamente com novas publicações, a que o museu applica 3:000 libras por anno.

O custeio annual do museu, comprehendendo unicamente os vencimentos dos empregados, a reparação e a renovação da

mobilia, a illuminação e a calorificação, importa em cerca de duzentos contos de reis.

Estes simples algarismos bastam para dar uma idéa da importancia monumental do instituto de South Kensington.

*

Vejamos agora qual foi no breve decurso de trinta e quatro annos, desde 1852 até 1886, a influencia do ensino artistico, fundado pelo museu de Londres, sobre a evolução da industria ingleza.

Durante a primeira metade do seculo XIX a Inglaterra era geralmente considerada na Europa como o paiz absolutamente anti-artistico, como o paiz inesthetico por excellencia. Veneravel pelas altas tradições litterarias do cyclo shakspeareano, pela obra scientifica dos seus grandes sabios do se-

culo XVII como Bacon e Newton, e bem assim pela sua precedencia sobre todos os povos occidentaes na conquista e na systematisação constitucional dos direitos e das liberdades modernas, o inglez, no ponto de vista particularmente plastico, era o eterno grutesco da farça e da caricatura contemporanea.

Desprovido do bigode, que desde 1830 começou a caracterisar a independencia physionomica dos romanticos, adornado das grandes suissas côr de cenoira, com dentes rompantes e enormes, como se trouxesse armado nas gengivas um jogo de dominós, de farripas ruivas anediadas em gancho sobre cada fonte, trajando o inseparavel chale *plaid* enrolado em abraço ao pescoço e á cinta, como se tivessem enlaçado o sujeito n'um recado escripto n'um papel de quadradinhos, coberto pelo não menos inamovivel boné escossez, o *bife* (assim lhe chamavamos em Portugal desde 1826) era o

chulo mas genuino representante d'essa raça anglo-saxonia, refractaria a toda a flexibilidade da invenção e do gosto na selecção das fórmas.

O chale e o barrete escossez resumiam tudo aquillo com que a espessa e arrastada imaginação d'esse bisonho povo contribuira para a historia do pittoresco no vestuario.

Nos monumentos da Inglaterra não se descobria mais originalidade inventiva do que nos seus trajes nacionaes.

Na architectura ogival geralmente adoptada como a unica fórma do stylo na edificação das suas cathedraes e das suas abbadias, a Inglaterra não só não inventou nenhuma nova modificação, mas foi dos ultimos paizes que introduziram na arte de edificar os desenvolvimentos do gothico oriundos da Italia, da França, da Allemanha e das Flandres.

As grandes cathedraes de Westminster, de York, de Lincoln, de Worcester, etc.,

não teem de original senão leves variações locaes que compromettem a pura e logica harmonia de conjunto, caracteristica dos perfeitos edificios originaes, como as cathedraes de Strasburgo, de Colonia, de Amiens, de Ratisbonne, de Milão, de Ulm ou de Vienna.

Um dos modernos historiadores da architectura, o inglez e portanto insuspeito architecto Hope, acrescenta que, desde que o monge italiano Santo Agostinho transportou para a Inglaterra a architectura romana com a religião de Roma, até os ultimos tempos da decadencia do stylo ogival, foram sempre estrangeiros os nomes que passaram á posteridade, — Masericius, Lanfranc, Robert de Blois, Remy de Fecamp, Guillaume de Sens, Robert de Losenge, e muitos outros francezes que reconstruiram as maiores e as mais bellas egrejas inglezas.

A crypta da cathedral de Canterbury é de Grymbaud.

O gosto e o stylo de Westminster importou-o de França, onde residia antes da sua elevação ao throno, Eduardo o Confessor.

O ultimo e o mais notavel dos monumentos gothicos da Inglaterra, a capella de King's College em Cambridge, é attribuida por Hope ao allemão Klaus.

O unico grande architecto da Inglaterra é Christovam Wren. A elle se deve o plano de grande parte da reedificação dos bairros destruidos pelo terrivel incendio que em 1666 devorou 13:200 casas e 89 egrejas na cidade de Londres, cujo moderno aspecto elle, se póde dizer, concebeu e determinou. Mas em toda esta obra de tão consideravel vastidão Wren, com Inigo Jones em S. Paulo e em Covent Garden, não fez mais do que transportar da Italia, exagerando-o pelas mais emphaticas superfetações, o stylo composito e decadente das cinco ordens resuscitadas pela Renascença.

Na esculptura a Inglaterra nunca teve

até Jorge III um só artista cujo nome entrasse na historia.

Ainda hoje os numerosos monumentos de Londres não conseguem obter da critica mais do que uma estimação extremamente condicional.

A famosa columna de Nelson, em granito macisso, é imitada de uma das columnas do templo corinthio de Marte Ultor existente em Roma, e em cima d'ella o bravo almirante tem o aspecto, pouco invejavel para heroes, do pavio em morrão de um dos nossos cirios da Atalaya, espetado entre quatro leões no meio de Trafalgar-Square.

O monumento do principe Alberto, que dizem não ter custado menos de 100:000 libras, serve apenas para demonstrar que se póde fazer coisa peor do que o monumento da Crimeia e a columna do duque d'York.

O chamado por excellencia o *monumento*, em Fish-Street-hill, perto do logar onde esteve no seculo XV a taberna de Falstaff tão

conhecida de Henrique V, é a secca e triste columna dorica, com 61 metros de altura, forrada de uma escada e terminada por um varandim, da qual dizia Dickens que se paga tres pence para subir lá acima, mas que vale bem seis pence o prazer de não subir.

Os mausoleus de Elisabeth e de Maria de Escossia, na abbadia de Westminster, são de uma mediocridade consternadora.

A estatua da rainha Anna, em S. Paulo, tem aos pés nada menos do que a Inglaterra, a França, a Irlanda e a America, e — singular constraste — não tem nariz. Tanto em que governe, e tão pouco por onde tome o cheiro á grandeza dos seus dominios!

No côro da magestatica abbadia é muito bella a obra de talha, mas o auctor d'essas esculpturas em madeira, Grinling Gibbons, era hollandez.

As estatuas de Havelock, de Napier e de

Jorge IV em Trafalgar-Square, a de Shakspeare nos jardins Hamilton, a da rainha Victoria no pateo da Bolsa, as de Lord Palmerston, de Canning e de Sir Robert Peel em Parliament-Square, assim como todas as demais que povoam os squares, as ruas ou os edificios de Londres, nada offerecem que particularmente as recommende á lembrança dos viajantes.

Na pintura a Inglaterra não teve tão pouco aquillo a que n'outros paizes se chamou uma *escóla nacional*, isto é, um fundo de tradições locaes orientando em determinado sentido a maneira de inquirir a natureza e a sociedade, creando uma especie de emotividade hereditaria, transmittindo os processos technicos, e formando por esse conjunto de influencias o stylo proprio ao temperamento de cada raça e a cada phase historica de uma civilisação.

Pelos fins do seculo XVII a liberalidade da aristocracia britannica attrahiu a Londres

um certo numero de pintores estrangeiros: Lely e Kneller, ambos de Westphalia; o napolitano Verrio e o francez Laguerre, os quaes introduziram o gosto da pintura allegorica, as musas, as nymphas, os satyros, as figurações dos vicios e das virtudes, que cobrem os tectos e os muros do castello de Windsor e de muitos outros palacios, de cujo stylo á Le Brun e á Jouvenet se inspirou Sir James Thornhill para a decoração mural de Greenwich e de S. Paulo; os retratistas flamengos Rubens e Van Dyck; os dois hollandezes Vandevelde, que pintaram para o rei e para a côrte as mais bellas marinhas que se conhecem; e finalmente Varelst, egualmente hollandez, pintor de flôres.

Foi d'esses elementos exoticos, foi principalmente da influencia de Rubens e de Van Dyck sobre os retratistas, e dos Vandevelde sobre os pintores de marinhas e de paizagem, que surgiu a verdadeiramente nacio-

nal e admiravel pintura ingleza do seculo XVIII e do presente seculo. É das grandes e incomparaveis escólas do norte, da Flandres e da Hollanda, que procedem os gloriosos nomes de William Hogarth, de Reynolds, de Gainsboroug, de Beechey, de Lawrence, de Raeburn, de Leslie, do grande Turner, de Constable, Bonington, Morland, Crome, etc.

No retrato inglez, que desde o seculo XVIII attingiu a mais completa perfeição, actuaram todos os grandes exemplos da arte continental, Rembrandt, Hals, Rubens, Ticiano, Greuze, Velasquez. A paizagem, a marinha, a pintura familiar, chamada de genero ou de interior, é na Inglaterra, um desenvolvimento directo da escóla hollandeza, genuinamente filiado na impulsão de Ruysdael, de Van Ostade, de Vandevelde, de Brawer, de Steen, de Hobbema, de Terburg, de Poter.

A mesma arte dos jardins, uma das mais

authenticas conquistas do gosto inglez, data apenas, como a pintura, do seculo XVIII. Foi por volta de 1720 que, regressando de uma viagem á França e á Italia — depois de haver decorado varios palacios, de ter construido o do conde de Yarborough e o dos Horseguards, e restaurado Stowe, Haugton e Hokham, — William Kent, proseguindo a obra do ornamentista Bridgam, destituiu a *esculptura verde* dos decoradores italianos e de Le Notre para iniciar o typo do moderno jardim.

Não ha portanto fórma alguma das artes plasticas que tenha origem nativa, espontanea, independente, insular, na terra ingleza.

Até o fim do seculo XVII, dentro de uma tão sólida constituição scientifica, ao cabo de uma já tão longa vida historica, com uma tão intensa vitalidade civil, a Inglaterra conservou-se esteril para a producção artistica. «Não é facil explicar — diz Macaulay — como a nação que nas sciencias se

achava tanto adiante das suas visinhas, tanto para traz de todas ellas tivesse ficado nas artes. » Até Jorge II os mesmos cunhos das moedas eram feitos pelo estrangeiro, por não haver quem os gravasse na Inglaterra. Notando que a côrte e a nobreza ingleza pagavam com uma liberalidade magnanima as obras d'arte, cobrindo de riquezas, de honras, de distincções nobiliarias os artistas estrangeiros, Macaulay considera tão mysteriosa quanto manifesta a esterilidade nacional.

*

Demonstrado como está que a Inglaterra é de todos os paizes da Europa o mais comprovadamente destituido de sensibilidade esthetica e de engenho creativo, não tendo jámais assignalado a sua originalidade ethni-

ca em qualquer ramo que seja da producção artistica; e sabendo-se mais que, ao tempo da exposição universal de 1851, a Inglaterra se encontrou alheia a todo o movimento das modernas artes industriaes, é-nos facil determinar pelos phenomenos subsequentes a importancia que cabe na historia da industria ingleza á data da fundação do museu de Kensington e á influencia do vasto systema de instrucção artistica de que este instituto foi o nucleo.

Desde o concurso internacional em que a propria Inglaterra pelo voto unanime de todos os seus criticos se declarou humilhantemente derrotada pela productividade da França, da Belgica e da Italia em todas as industrias mais ou menos directamente relacionadas com a cultura das faculdades estheticas, eis o que se passou:

O grande eixo da producção em todos os artefactos de alto luxo deslocou-se da officina de Paris para a officina de Londres.

O inglez burlesco das cançonetas do Alcázar e dos vaudevilles do Palays-Royal transformou-se no figurino padrão de todos os *jeunes premiers* da Comédie Française e do Odéon.

Poole revolucionou completamente o stylo do vestuario burguez, pondo em uso em toda a Europa uma infinita variedade de fazendas dos gostos mais novos e mais imprevistos.

As casacas inglezas, as camisas inglezas, as gravatas inglezas, as luvas inglezas, as bengalas inglezas, as joias inglezas tornaram-se as unicas dignas de serem usadas pelos homens á moda em Paris, em Vienna, em Roma, em S. Petersburgo, em Madrid, em Lisboa.

As senhoras mais elegantes principiaram a adoptar o typo inglez para as *toilettes* de manhã, de passeio, de viagem e de caça, e as proprias parisienses, com grande surpreza sua, se acharam lindissimas nos

seus vestidos de panno caseiro de lã da Escossia, justos ao busto, abotoados até o pescoço, abrindo em estreitas lapellas, como as jaquetas dos homens, e descobrindo o collarinho liso e a gravata clara picada por um alfinete de ouro fôsco representando uma ferradura de cavallo ou um crescente de lua cravejado de turquezas. O genero *old England* d'estes vestidos, tão simples, tão commodos, tão confortaveis, tão proprios para andar a pé fazendo compras, para ir para o campo ou para a beira do mar, para embarcar, para tomar logar n'um tramway ou n'um wagon, no alto de um break ou de um mail-coach, completou-se com o chapeu de feltro liso, com as luvas de pelle de cão, com os largos sapatos rasos solidamente pespontados e nitidamente polidos.

Todos os famosos alfaiates e costureiros de Londres estabeleceram correspondentes em Paris. A rua Aubert encheu-se de alfaia-

tes inglezes. No vocabulario da moda penetraram muitos neologismos de origem ingleza, que Littré consagrou dando-lhes entrada no supplemento do seu grande diccionario historico.

Pela perfeita educação e systematisação geral do gosto publico, a Inglaterra conseguiu ainda, em poucos annos, formar senão completamente um *stylo* de decoração nacional, um *partido* decorativo pelo menos, partido independente, caracteristico, harmonico, abrangendo, correlacionando, subordinando a uma série de motivos fundamentaes, sob preceitos communs, todas as fórmas artisticas da producção industrial.

Por meio de engenhosos desenvolvimentos do stylo japonez combinado com o que permaneceu da tradição Tudor, a moderna marcenaria ingleza creou um interessante typo de mobilia, de fórmas francamente definidas, decisivamente angulares, reagindo com vigor sobre as contorsões e as desar-

ticulações tão pedantescas quanto banaes da *rocaille* e do *rococó*, e dando ao mobiliario do seculo XIX o mais original talvez e o mais caracteristico de todos os seus systemas de contorno e de ornamentação.

A ceramica attingiu um desenvolvimento technico e um caracter artistico singularmente correcto, invadindo todos os mercados do mundo, fazendo estremecer o prestigio e decahir a moda de Sèvres e de Saxe, e competindo com as mais pittorescas producções da França, da Italia e da Hispanha.

A ourivesaria accentuou mais energicamente a simplicidade das suas fórmas, conseguindo dar um cunho especial e dominante, universalisado pela moda, a um certo numero de joias, e principalmente ao collar inglez, ao bracelete inglez, ao alfinete inglez, ao annel inglez.

Todas as industrias, emfim, susceptiveis de ser influenciadas pelo desenvolvimento

do gosto artistico se transformaram do modo mais notavel, assumindo um aspecto harmonico com a distincção e com a elegancia dos vestidos e dos moveis, como as rendas, os bordados, a composição typographica, as encadernações, as cartonagens, a quinquilheria, a serralheria, a marroquineria, a papelaria, a cutelaria, etc.

Taes são em resumo os phenomenos a que deu origem a fundação da escóla artistica de South-Kensington.

Na pintura de quadros, na architectura monumental assim como na alta esculptura não é sensivel a influencia do novo instituto. Nem esse era o fim que se tinha em vista. Ao inaugurar-se em Westminster em 1852 a primeira *escóla elementar de desenho*, o snr. Cole, mais tarde director do museu de Kensington, caracterisou em poucas palavras a idéa fundamental d'esta reforma do ensino inglez: Quando o publico é insensivel aos bellos productos industriaes da

arte é inutil educar especialmente artistas industriaes desviando as suas forças para um caminho deserto. Este é o grande principio que o snr. Cole enunciou e sobre o qual tem de versar tudo quanto se faça para a creação ou para o desenvolvimento do trabalho industrial de uma nação.

Bastantes operarios portuguezes de consideravel talento, habilitados com um curso technico, aperfeiçoados em viagens de estudo em paizes estrangeiros, recahem na rotina apenas regressam a Lisboa ou ao Porto e não criam uma unica fórma original nos artefactos que fabricam. Porquê? Porque o publico não acceitaria qualquer especie de padrão que não fosse egual aos que está habituado a vêr. O publico acharia *feio*. É preciso — dizia-se no discurso inaugural da primeira escóla elementar de desenho na Inglaterra — que na grande massa do publico se tenha acordado o senso artistico, é preciso que o publico se ache á altura de

comprehender e apreciar a belleza da fórma, a symetria das proporções, a simplicidade da natureza, a expressão da arte, para que o fabricante, levado pelo interesse, se aproxime tanto mais da perfeição quanto mais se aproximar do gosto publico.

O gosto artistico, que na raça anglo-saxonia estava longe de ser, como já vimos, um dom nativo, creou-o a Inglaterra pelos processos scientificos da educação, pela estreita familiaridade do povo com as mais delicadas e as mais preciosas fórmas da arte, postas debaixo de todas as vistas pela creação colossal do museu de Kensington e pelo vasto bracejamento d'elle em todos os sentidos, dilatando-se aos museus provinciaes, aos museus escolares, ás exposições successivas e aos museus ambulantes, e pela adaptação visual á comprehensão d'essas fórmas por via do ensino universal do desenho.

Com estes sabios methodos, que são a

mais bella, a mais pura, a mais indiscutivel gloria moderna da intelligencia ingleza, creou a Inglaterra os seus artistas industriaes no meio do seculo XIX, por um simples acto do saber administrativo similhante áquelle com que no principio do seculo passado creou os seus inexcediveis cavallos e os seus phenomenaes carneiros. N'um e no outro caso a fórmula empregada foi precisamente a mesma — o aperfeiçoamento da raça pela selecção artificial em vista da concorrencia na lucta pela vida. Assim como não tinha artistas de nascença, assim a Inglaterra não tinha senão carneiros de insignificante corpulencia e cavallos sem valor. Ainda no fim do seculo XVII os ginetes de Hispanha eram considerados em Londres como os melhores cavallos de luxo e de guerra, e as bestas de tiro para as carruagens da aristocracia vinham da Friza, assim como vinham da Andaluzia os cavallos de sella.

*

Os resultados da instituição de Kensington, manifestos em todas as exposições universaes subsequentes á de 1851 foram de tal modo eloquentes que todos os paizes da Europa se apressaram a tomar analogas medidas para o desenvolvimento da sua industria.

O museu de Vienna, fundado em 1863, tornou-se um modelo tão importante como o museu de Londres. Toda a gente conhece os progressos que teem feito nos ultimos annos as artes industriaes na Austria. O *artigo de Vienna* compete em todos os mercados com o *artigo de Paris* e em alguns d'elles o tem submettido e ultrapassado. Quando no parlamento austriaco uma voz da opposição se levantou para fazer cercear o

orçamento do museu de Vienna, o governo demonstrou que eram os progressos da industria, provenientes da generalisação do conhecimento do desenho, que tinham restituido ao imperio os milhões de florins desfalcados pelo *krach* financeiro de 1873.

A exemplo da Inglaterra e da Austria foi reformado o ensino artistico em muitas cidades da Allemanha, em Berlim, em Munich, em Dresde, em Stuttgart, na Russia, na Suecia, na Dinamarca, na Suissa e na propria Italia, que se tinha pelo paiz da pura inspiração divina, independente de cultura e de disciplina, cahindo do ceu no cerebro do homem como a luz do azul nos golfos do Mediterraneo, e onde presentemente os museus industriaes e as escólas de desenho e d'arte applicada á industria se acham diffundidas por mais de cincoenta cidades. O instituto de Veneza tomou por divisa esta sentença de Leonardo da Vinci: *Sempre la pratica dev'essere edificata sopre la buona teorica, e*

senza quella niente se fa bene, cosi di pittura come in ogni altra professione.

Em França, onde os homens da Revolução haviam instituido os primeiros museus publicos e as primeiras escólas d'artes e officios, reconheceu-se pelos progressos da Inglaterra que o ensino artistico carecia de muito maiores desenvolvimentos, e em 1881 creou-se o museu do Trocadero e estabeleceu-se o ministerio das bellas-artes.

Em Portugal, onde a dotação das academias de Bellas-Artes de Lisboa e do Porto custa ao estado menos alguns contos de reis do que o subsidio ao theatro de S. Carlos, os methodos modernos do ensino artistico iniciado pela Inglaterra com a fundação do Museu de Londres são conhecidos em todas as suas particularidades pelos excellentes estudos do snr. Joaquim de Vasconcellos, compendiados, emquanto a esta materia, na sua obra intitulada *A reforma do ensino de Bellas-Artes*. Nas regiões officiaes,

onde parece que ainda ninguem leu o livro do snr. Joaquim de Vasconcellos, publicado ha oito annos, a profunda reforma pedagogica por que passou na Europa a educação artistica e industrial depois da instituição de South-Kensington não exerceu influencia alguma. A ignorancia e a inercia do governo tem-nos conservado tão alheios ao moderno movimento escolar como se habitassemos a Cafraria. O ensino elementar do desenho, tal como elle existe, por exemplo, no Japão desde o seculo XVI, póde-se dizer nullo em Portugal. O desenho linear geometrico dos nossos lyceus é quanto se tem inventado de mais perfeito para atrophiar a aptidão artistica. Ensinar a desenhar começando por dar ao alumno um compasso e uma regoa é o mesmo que ensinar a correr começando por obrigar o andarilho a caminhar de muletas.

O modo perfeitamente anarchico, no que respeita ao systema pedagogico, como re-

centemente se fundaram algumas escólas de desenho nas regiões mais industriaes do paiz, a ausencia absoluta de plano centralisador na constituição dos novos museus industriaes, a estupida leviandade com que se perdeu o museu de Fradesso da Silveira e com que foi dissolvida a excellente officina photographica montada por José Julio Rodrigues, a falta de um cadastro geral das preciosidades artisticas existentes no paiz e de uma historia completa da arte nacional, a indifferença por todas as nossas pequenas industrias caseiras, algumas tão bellas e tão originaes, a incuria, emfim, o desleixo crasso, a incompetencia e a ignorancia que preside por parte do Estado ao abandono, á ruina ou á obliteração dos nossos monumentos architectonicos — templos, castellos, solares, tumulos, pelourinhos, cruzeiros — são outras tantas provas indiscutiveis de que o protectorado inglez, tendo-nos dado, desde o tratado de alliança com

D. João I até o recente tratado de Lourenço Marques, tantos e tão maus habitos de sujeição, de obediencia, de servilismo, só não conseguiu ainda incutir em nós o exemplo d'essa administração tão sabia e tão laboriosa com que a civilisação ingleza compensa para o respeito e para a sympathia humana os vicios de uma politica sem idealidade e sem nobreza, baseada no mercantilismo mais vil e mais chato.

CAPITULO VII

Trava-se conhecimento com um alumno de *Eton-College* e verifica-se que elle faz differença do nosso menino de collegio. — A educação physica. — O *cricket*, o *foot-ball*, o *racing*, a *regatta*. — Os costumes escolares em Cambridge, em Oxford e em Coimbra. — Demonstra-se que para o fim de dar suavemente cabo de um povo o mais perfeito dos systemas pedagogicos é o nosso.

SAHINDO de Paddington-Station para dar um passeio a Windsor, encontro-me em wagon com um alumno do lyceu, o que chamamos em Lisboa o *menino de collegio*. É um estudante de Eton. Treze annos de idade, collarinho redondo voltado sobre a gola de uma jaleca preta, e chapeu de copa alta posto ao meio da cabeça, gravemente, como

o poria um austero banqueiro da *city*. Vem só. Entra no compartimento em que eu estou, senta-se no banco fronteiro, tira da algibeira das calças um mólho de chaves, abre a chapeleira de couro que tem ao lado, tira de dentro um boné de quadrados escossezes e um numero da *Revista de Edimburgo,* recolhe o chapeu tubo, fecha o estojo, guarda as chaves, calça umas luvas, consulta o relogio, abre a revista na pagina marcada por uma tira de papel, traça a perna, aconchega-se no angulo da carruagem, e engolfa-se na leitura.

Além da caixa de chapeu a sua bagagem de mão, deposta na rede da carruagem, consta de um guarda-chuva jungido por duas correias a uma grossa bengala de tojo, e de uma raquette de *lawn-tennis.*

Tanto a minha presença como a dos seus demais companheiros de viagem me pareceu ser para elle a coisa mais indifferente. Esse adolescente, louro como um pintainho,

de fina pelle avelludada, dourada ao sol como a de um bom pecego maduro, tinha no fundo transparente dos seus olhos garços a serenidade pura e altiva do *self-command*. Via-se na isenção do seu porte, na autonomia de todo o seu aspecto que elle era bem o senhor e o dono de si mesmo, possuindo-se, dirigindo-se, governando-se, abastecido e equilibrado nos seus proprios e exclusivos recursos, só, independente, forte e livre na sua personalidade como Robinson na sua ilha.

Contemplei-o com respeito, — não sem uma ponta de inveja patriotica — comparando mentalmente este rebento humano, tão fino, tão bello, tão saudavel, tão vigoroso, tão ricamente brotado, com o alumno typico do lyceu de Lisboa, de cabeça casposa e mãos suadas, magricella, cuspinhento, apedantado mas pusillanime, vestido como um fadista, e cheirando a roupa suja.

Esta differença fundamental, que se ac-

centua ainda mais na mocidade do que na adolescencia, provém de que em todas as escólas inglezas, desde o primeiro anno do lyceu até o ultimo anno da universidade, o que principalmente se tem em vista é formar, como diz Emerson, o «perfeito animal». O doutorato, que cada um o atamanque como puder! A responsabilidade da familia e a responsabilidade da patria limita-se verdadeiramente á formação physica do homem. Para fazer um bacharel a todo o tempo ha tempo; para fazer uns rins sólidos, um espinhaço rijo e um pulso vigoroso, perdidos os annos em que se fórma o esqueleto e a musculatura humana, perdeu-se tudo, estragou-se o animal, e da massa com que se poderia ter fabricado um homem sae um sêr degenerado, para sempre pervertido, destinado a perturbar irremediavelmente, pela anomalia do seu contacto, o movimento da sociedade e o destino da especie.

*

Eton é o collegio da aristocracia e da burguezia rica. O estudante que não tem para dispender um conto de reis por anno faz má figura e prefere ir para outra parte.

Os alumnos são hospedados em grupos de dez a vinte nas casas dos professores, que habitam em torno do lyceu. A familia do lente não altera nem os habitos de interior nem o pé em que está montada a casa qualquer que seja o numero ou a jerarchia dos seus hospedes. Por via de regra ha uma criada unica. O alumno, quem quer que seja, faz a cama, varre o quarto, escova o fato, engraxa o calçado, reprega os botões que lhe cahiram, e cozinha o seu almoço — tres ovos ou uma costelleta e um bule de chá — na trempe collocada sobre um bico

*

de gaz. Aprendizado excellente para a pratica do *self-help*, em que se resume toda a moral da vida pratica na Inglaterra: *Cada um que se governe!*

*

Os jogos athleticos constituem a secção culminante no programma de todos os estabelecimentos de instrucção elementar, de instrucção secundaria e de instrucção superior. Os jardins, os prados, os parques, os rios ou os lagos que rodeiam todos os grandes edificios de lyceus ou de universidades não são unicamente um aformoseamento de paizagem, são como as proprias aulas uma necessidade de installação pedagogica para a larga vida muscular, a todo o tempo, ao sol, ao frio, á chuva e á neve. O *cricket*, o

lawn-tennis, o *foot-ball,* o *racing,* o *hares-and-hounds,* o *skating,* o *sparring,* a *regatta* são outros tantos exercicios severamente e zelosamente regulados e coordenados para o fim de elevar a agilidade e a força da raça ao maximo desenvolvimento que ella póde attingir.

No *cricket* a bola acaba por ser rejeitada com um tal impeto que estatela de pernas ao ar qualquer que tente aparal-a sem a firmeza e a elasticidade que dá o habito de tal jogo.

No *tennis,* em que os movimentos destinados a alcançar a pella põem em jogo harmonico, perfeitamente compensado, todo o systema muscular, ha jogadores que persistem no terreno horas consecutivas, uma tarde inteira, pulando para diante e para traz, para a direita e para a esquerda, curvando-se, acocorando-se, dobrando-se pelos rins, rompendo a fundo como na esgrima, encolhendo-se como a nado, guinando como na

patinagem, pranchando-se e distendendo-se á maxima elasticidade que comportam as molas do machinismo humano forçadas pela maior pressão que lhes possa imprimir a energia da vontade. A transpiração mana abundantemente por todos os poros da pelle. No fim da partida podem-se torcer as flanellas do uniforme, e os jogadores teem de submetter-se a uma douche, ensaboando-se e esponjando-se a agua fria no *tub*, antes de se vestirem de novo para ir jantar, correcta e ceremoniosamente, em *full-dresse*.

Nas corridas a pé acaba-se por perder o fôlego, e ao chegar á meta cae-se inteiramente exhausto de fadiga, as pernas inutilisadas e os braços pendidos como no toureiro desmaiado, os pulmões á bôca supitando a voz, as costellas, as fontes e os ouvidos latejantes, n'um paroxismo de cansaço, em que todo o apparelho respiratorio parece prestes a rebentar aos coices do coração desenfreado.

Para as grandes regatas de Oxford e de Cambridge, o *training* dietetico a que se submettem os remadores é tão rigoroso como o dos jejuns de trespasse com que no gremio da Egreja Catholica se ganham pela mortificação da carne as indulgencias plenarias para o resgate das mais grandes culpas. Quasi se não bebe vinho e não se bebe cerveja, não se comem pasteis nem gelados, a carne é arraçoada á balança, o pão fresco é substituido pelo pão torrado ou pela bolacha secca, de agua e sal. Nada que por algum modo excite os nervos. Convém não passar as noites fóra e deitar cedo.

Os candidatos á inscripção na equipagem dos grandes torneios habilitam-se com longa antecipação desde os primeiros annos de curso nas escólas de instrucção secundaria, remando de seis até vinte milhas em cada dia, callejando systematicamente as mãos, lubrificando a agilidade dos tendões e a elasticidade vertebral, endurecendo os jar-

retes, os peitoraes e os biceps, coordenando os movimentos pelo compasso da voga, ôlho no remo do que vai adiante e no proprio remo, ôlho no timoneiro, segurança no tolete, força no pulso, — certo e forte, balanceado e rijo! O minimo descuido na justeza chronometrica do conjunto, na distribuição exacta e progressiva da força, no impulso e no golpe da remada, compromette e perturba tudo.

Nos primeiros tempos de manobra a fadiga produz o effeito d'uma desarticulação geral. A sêde desde o meio de cada corrida constringe a garganta, resecca a bôca, é um tormento.

A tripulação de cada guiga acaba por adquirir a unidade do mais perfeito apparelho mecanico.

No grande dia, desde que o tiro de peça dá o signal da abalada, emquanto estrondeiam as musicas e as acclamações do povo, e Londres inteiro, por sobre as duas mar-

gens do Tamisa, róla com a regata como um turbilhão de folhas ao vento, atropellando-se a gente, saltando uns por cima dos outros, resvalando ao rio, dando berros, dando vivas, agitando no ar os lenços, os chapeus e os guarda-chuvas, n'um medonho e progressivo trovão de avidez e de enthusiasmo, é entre os remadores tão profunda a absorpção que nenhum d'elles vê nem ouve o que se passa fóra da sua guiga, hypnotisados, de olhos fitos, dentes cerrados, pescoço estendido, tendo todos uma só alma — a mysteriosa alma do barco, que arfa para ávante n'uma palpitação magnetica emquanto os tripulantes parecem desfrechados com os remos, como peças de uma só machina, em successivos arrancos de uma suprema força e de uma rapidez hallucinante.

De tempos a tempos ha um ou outro que succumbe, ao chegar, pela ruptura de algum vaso essencial á vida. Esta especie de solu-

ção acha-se prevista na lei geral da educação ingleza e faz parte das preciosas liberdades de que goza todo o cidadão britannico. Quem não póde, rebenta. Ninguem lh'o prohibe.

*

Além dos jogos athleticos — do *foot-ball* no inverno e do *cricket* no verão — ha nas escólas da Inglaterra o velho uso conhecido pelo nome de *fagging*, segundo o qual os alumnos mais pequenos são empregados pelos grandes como moços de serviço. Quando o pequeno reage, o grande espanca-o. A policia da escóla rara e difficilmente intervem, porque não ha estudante que ouse queixar-se de que alguem lhe bateu. A sua dignidade aconselha-o a despicar-se por si mesmo, a emancipar-se o mais breve possi-

vel; e é o que elle faz, fortalecendo-se, para resistir e para mandar por seu turno, no exercicio quotidiano da lucta e do pugilato. Nos recontros, não raros, entre futricas e academicos, *town and gown,* os effeitos da vantajosa arte do sôco manifestam-se, no dominio das universidades inglezas como no das universidades allemãs, pelos vestigios que deixam nas costellas dos burguezes e pelo impulso com que favorecem o commercio da arnica.

*

A educação physica estabelecida em taes bases póde ter para o individuo que se lhe submette inconvenientes que não busco subtrahir aos olhos do leitor pio. O recurso de estourar, que mencionei já, como me cumpria, poderá não parecer ás mães de fami-

lia uma compensação satisfactoria para a falta de exito na cultura da muscularidade, e não serei eu que o conteste. O que unicamente tomo a liberdade de dizer é que, para o aperfeiçoamento physiologico da especie, não ha methodo mais sabio nem mais proficuo.

A absorvente vida gymnastica tem sobre a mocidade ingleza a dupla vantagem de fortalecer a saude e de pacificar a imaginação, no periodo tão grave da vida em que a psychose da puberdade inflamma na mais perigosa e decisiva crise toda a evolução physica e moral da personalidade humana. Taine, que estudou muito desenvolvidamente este assumpto, diz poder-se calcular que metade dos estudantes da universidade de Oxford são puros.

Já Virgilio o dissera alludindo á castidade proveniente do exercicio da caça:

..... Manet sub Jove frigido
Venator, teneræ conjugis immemor.....

Em Portugal, na universidade de Coimbra — unica das nossas escólas superiores comparavel ás das cidades universitarias da Inglaterra — Cambridge e Oxford — o abandono absoluto do que se chama a educação complexa, integral e harmonica, é o facto mais lastimavel e mais funesto da civilisação portugueza.

O emprego dado pela academia de Coimbra ao tempo de um dia feriado é uma coisa desastrosa.

Deixámos perder a tradição dos nossos antigos jogos athleticos — a *pella*, a *bola*, a *barra*, as *canas*, a *argolinha*, o *pato*, a *malha*, a *carreira* — e não os substituimos por nenhum exercicio correspondente. Não ha uma carreira de tiro, nem uma sala d'armas, nem um parque de gymnastica. Os estudantes não cultivam a equitação nem a natação. Não fazem excursões a pé de moxila ás costas, o *alpenstock* em punho, herborisando. Não remam, não caçam, não pescam,

não esgrimem, não atiram ao alvo. Nos dias feriados ficam na cama até o meio dia, ou até á noite. Fumam, lêem romances ou livros de versos; alguns fazem musica; em duas ou tres casas ha um piano; n'outras canta-se apenas á guitarra, ou arma-se uma partida de *monte* ou de *baccarat*.

Nos conflictos entre os estudantes e os futricas a lei academica procede considerando innocente e illibado o estudante convicto de ter sido o alvo passivo dos murros ou dos pontapés da população indigena. O que bate, sujeita-se a uma pena disciplinar, e arrisca-se a ser suspenso ou riscado. É a cobardia e a pusillanimidade organisadas em systema de legislação. De resto representa-se de quando em quando no Theatro Academico, e dança-se quando a occasião se offerece nas *sauteries* organisadas pelas familias dos lentes ou pelos proceres burguezes da cidade. É inteiramente a orientação da antiga pedagogia jesuitica; e esta persisten-

cia em pleno seculo XIX do enervante e desarticulante regimen da dominação clerical é a vergonha da civilisação e a deshonra da liberdade moderna.

No periodo da vida em que a tyrannia do temperamento mais despoticamente se exerce sobre as nascentes paixões, como succede na mocidade, o sedentarismo cultivado por tal modo acorrenta a animalidade, inteiramente desarmada para a resistencia, ao prazer exclusivo da sexualidade, d'antemão abastardado e corrompido pela perigosa interferencia litteraria da imaginação no preconcebimento de phenomenos criticados antes de conhecidos.

Chegado a esta phase quasi fatal, irremissivel, na educação portugueza, o desenvolvimento normal do homem está para sempre prejudicado e pervertido.

Da preoccupação vesanica da feminilidade, morbidamente alimentada pelas suggestões mais subtis e mais requintadas do ro-

mance e da poesia moderna, e dos habitos secretos que essa preoccupação determina e a cujo conjunto Schopenhauer chamava a *embriaguez d'Aphrodite,* resulta o empobrecimento das gerações e a decadencia das raças, determinada pelo cansaço quasi permanente do systema nervoso, deploravelmente revelado n'essa especie de chronico fastio da existencia — *tædium vitæ,* na preguiça cerebral, no quebramento nostalgico da expressão physionomica, na tristeza consumptiva e apathica, na difficuldade de acção, no atrophiamento da coragem, na diminuição da vontade, na perturbação, emfim, de todos os elementos da capacidade para a vida militante e pratica, para a rude peleja da concorrencia social, em que a victoria vai sempre, mais cedo ou mais tarde, ao homem ou ao povo que primeiro se determina, que mais depressa resolve e mais fortemente persiste.

CAPITULO VIII

O «athleticismo» na sociedade ingleza e a espinhela cahida na burguezia de Lisboa. — O sedentarismo burocratico e a vida rural. — Acção do espiritualismo dos governos sobre a musculatura das raças.

Ao ser nomeado juiz de primeira instancia, o respeitavel magistrado snr. Chetty demittiu-se do cargo que a esse tempo exercia de presidente do Lawn-tennis-Club, de Highclere-Park. Por essa occasião, n'um discurso proferido perante a assembléa geral da sociedade a que presidia, o snr. Chetty disse que, em vista do pesado encargo judicial de que se incumbira, findavam para elle os

bellos dias de *lawn-tennis,* por cuja prosperidade fazia votos, e em que seus filhos continuariam a desenvolver o vigor de que já tinham dado provas.

Esta noticia, publicada com todos os pormenores da allocução presidencial por uma revista de *sport,* levou o grave e circumspecto jornal conservador *The Standard* a publicar um circumstanciado artigo em que o novo e respeitavel juiz é severamente accusado de haver renunciado, por um acto publico, a um jogo nacional em que era eminente, e que sua senhoria expõe a uma especie de descredito parecendo consideral-o incompativel com a gravidade das mais altas e nobres funcções da magistratura.

Com difficuldade se encontraria um documento mais expressivo que esse artigo sobre a importancia ligada aos exercicios athleticos pela opinião ingleza.

The Standard começa pela enumeração dos titulos que o illustre snr. Chetty tem

ao respeito e á consideração do publico:

« Lançando os olhos aos *Annaes* das regatas universitarias vemos que o snr. juiz Chetty era segundo rêmo nos *oito* de Oxford em 1849. Poucos mezes depois era promovido ao quarto banco, sendo chefe de voga o dr. Hornby, hoje *head master* (reitor) de Eton-College. Em 1852 foi sua senhoria elevado a chefe de voga, tendo atraz de si por essa occasião uma das melhores tripolações que se tem visto. Não obstante esse ardor pelos exercicios nauticos, sua senhoria alcançava a primeira classificação nos exercios classicos e obtinha um *fellowship* em Exeter-College. D'ahi a tres annos estreiava-se no fôro onde a sua carreira tem sido uma ininterrompida série de triumphos. Entre os seus contemporaneos, remadores em Oxford, contam-se o snr. Roundell, o fallecido dr. Rolleston, o snr. Falcon, de Queen's-College, que foi talvez o mais brilhante humanista do seu tempo, o dr. Ridding, hoje *head-mas-*

ter da escóla de Winchester, o snr. Peter Medd, de University-College, e o snr. Kitchin, de Christchurch-College. Com taes competidores não era certamente facil figurar por tres vezes consecutivas entre os *oito* da universidade, nem tão pouco ter no seu curso uma primeira classificação litteraria. O snr. Chetty alcançou todavia essa honra, merecendo assim que se lhe applicasse o elogio antigo: *Doctrina insignis et armis,* devendo nós completar o hexametro com as palavras que precedem essas: *Vir pietate gravis,* visto que o snr. Chetty acaba de tomar logar na ala pacifica dos immortaes.»

Feito este elogio, o *Standard* continúa:

«Que razões podem pois levar o veneravel snr. juiz a renunciar ao *lawn-tennis?* Conhecemos outr'ora um ministro da fazenda (*chancellor of the exchequer*) que percorria o campo n'um velocipede com uma rapidez até então sem exemplo e com o mais desenfadado desdem por todas as consequen-

cias d'esse acto. O nosso First (presidente do conselho de ministros, então Gladstone) não tem maior prazer que o de brandir e manejar um machado de rachador. O snr. John Brigth, sempre mais ou menos impressionavel, nunca, segundo os seus mais intimos confidentes, se commove tão profundamente como quando harpôa um salmão ou quando faz ao bilhar uma longa e brilhante série de carambolas.»

O critico do snr. Chetty enumera em seguida e refuta successivamente uma a uma todas as razões que o digno juiz poderia allegar em justificação do modo como procedeu demittindo-se da presidencia de um *lawn-tennis-club*. Depois, fazendo a apologia dos exercicios athleticos em que se robustece a compleição da mocidade ingleza, acrescenta:

«Recentemente o professor Owen, em Lancastre, sua cidade natal, esboçou o quadro da vida escolar do seu tempo. D'essa

pintura resulta, sem penetrar em minucias, que no tempo do snr. Owen a principal recreação que se lhe permittia, a elle como aos seus camaradas, era a de cantar no côro. Estudava n'uma d'essas numerosas escólas a principio dependentes de uma cathedral, de um mosteiro ou de um seminario, e nas quaes o primeiro dever dos estudantes era o serviço da Egreja. Os tempos mudaram, e o estudante inglez recebe hoje pouco mais ou menos a mesma educação que fez outr'ora os Drake, os Raleigh e os demais heroes que illustraram essa época. Aprende sem cahir no pedantismo tudo quanto um *gentleman* precisa de saber; mas aprende igualmente a tirar o maximo partido possivel de toda a força, de toda a energia nervosa e muscular com que a natureza o dotou. Ninguem ignora que os homens que se distinguem em Oxford ou em Cambridge, n'essa concorrencia sem tregoas em que hoje se disputam os ricos benefi-

cios, os *fellowships* das universidades, ou os mais modestos empregos, são igualmente, em regra geral, aquelles que se fizeram inscrever no quadro dos campeões victoriosos no terreno do *cricket,* na pista das corridas a pé ou no concurso das regatas. Começamos a pôr em pratica na vida real as lições que nos deu Platão na *Republica,* e a comprehender que sem a saude do corpo é impossivel a do espirito... A nação ingleza — é preciso não o esquecermos — deve immenso ao seu amor pelos jogos viris. Esses jogos a distinguem por tal modo de todas as outras nações, são um traço tão particular da vida e do caracter nacional, contribuiram n'uma tão consideravel parte para edificar a sua grandeza e para augmentar a sua força, que nós não podemos deixar de exprimir um pezar profundo ao saber da intenção manifestada pelo snr. juiz Chetty de renunciar ao jogo do *lawn-tennis,* essa bella fórma do *athleticism* mitigado de que o nos-

so paiz é devedor ao benemerito major Wingfield. »

Dos periodos que acabo de transcrever se deduz claramente que a pratica dos exercicios musculares não é um facto espontaneo na sociedade ingleza, resultando da indole e do temperamento nacional. Os jogos mais ou menos athleticos, tão vulgarisados hoje em todas as classes sociaes da Inglaterra, são um fructo da civilisação, uma conquista perfeitamente raciocinada da pedagogia publica e da hygiene social, e os homens incumbidos de dirigir a opinião teem a mais consciente e a mais elevada comprehensão de todas as vantagens que de tal methodo resultam para o ennobrecimento da raça e para a prosperidade da nação.

Uma d'essas vantagens, a que o *Standard* se não esquece de alludir, é o pé de benevolente e fraterna igualdade que a pratica dos jogos nacionaes estabelece — n'uma es-

pecie de territorio neutro e pacifico, quando tantos conflictos de interesses separam os homens — entre os cidadãos não só de todas as opiniões e de todas as idéas, mas de *todas as idades.*

Nós não reflectimos em geral sufficientemente nos inconvenientes que resultam para a sociedade da separação de convivencia que em Portugal se dá entre os homens de vinte annos e os homens de cincoenta. A geração dos paes e a geração dos filhos acham-se em Lisboa tão apartadas uma da outra para a intimidade do trato commum como se cada uma d'ellas habitasse um continente diverso. Nos bailes, nos theatros, nos jantares de convite, no club, no café, na curta vida de campo ou de praia durante os dois ou tres mezes da villegiatura lisbonense os homens de cabello grisalho e os homens de cabello preto constituem grupos de individuos que pelas suas idéas, pelos seus habitos, pelas suas aspira-

ções, pelos seus interesses gravitam em orbitas absolutamente distinctas e independentes. D'este simples facto, a mais deploravel amputação de força no conjunto dos sentimentos e das convcições que formam a base da opinião, o criterio collectivo, a sancção moral, o justo equilibrio psychologico da sociedade.

Depois de ultrapassar os quarenta annos o portuguez começa a tornar-se desconfiado, maldizente, teimoso, caturra, e acaba por via de regra convertendo-se na volta dos sessenta aos setenta annos n'um sêr absolutamente intratavel, inaccessivel, inutil ou prejudicial ao progresso, inapto para toda e qualquer coisa proveitosa que não seja morrer e desatrancar o bêco para fazer circular as idéas, a que pela simples razão de existir punha um empeço inerte ou um obstaculo hostil.

Desprovida da experiencia inutilisada dos mais velhos, a mocidade torna-se proporcio-

nalmente mais presunçosa, mais descomedida, mais desordenada, sendo de notar como phenomeno invariavel que em toda a parte onde mais mundano é o velho menos extravagante é o moço.

*

Se meditarmos nas rasões porque não se desenvolvem em Portugal nem as explorações agricolas nem as empresas industriaes comprehenderemos melhor do que por qualquer outro argumento a funesta importancia que tem no empobrecimento da nação a debilidade da raça estiolada pela falta de uma educação athletica analoga á educação ingleza.

Escasseiam os industriaes e escasseiam os agricultores porque não ha em Portugal homens intelligentes e instruidos com a musculatura precisa para assumir a respon-

sabilidade e supportar as fadigas da direcção de uma grande fabrica ou de uma grande lavoura. Não temos quem mande. Emquanto tão grandes áreas de terra inculta e feracissima se vendem ao desbarato no coração do paiz, nas formosas provincias da Extremadura e do Alemtejo, emquanto tão remunerativas industrias emergentes da productividade do sólo esperam quem as exerça, como a dos lacticinios, a do enxofre, a dos acidos extrahidos do sarro do vinho, a dos vernizes, a dos perfumes, etc., vemos em Lisboa dezenas de centenares de individuos ou ociosos, mendicantes de empregos publicos, ou burocratas emmagrecidos e famelicos desgastando joelheiras de calças e cotovêlos de jaquetões no sedentarismo putrido das repartições do Estado, dos cafés da Baixa e dos clubs politicos, lentamente dessorados na saude, na alegria e na dignidade, pela intriga, pela maledicencia, pela inveja e pelo servilismo.

Esses desgraçados, combalidos nas fontes nervosas da energia, incapazes de lucta na concorrencia do livre trabalho braço a braço, ou intelligencia por intelligencia, fazem do que lhes resta d'espirito o lamentavel chocalho que suspendem do pescoço para não tresmalharem do rebanho de Panurgio, attrahindo ao mesmo tempo sobre os seus respectivos ventres a attenção dos que espostejam a publica pitança. São já oradores, já jornalistas, e é da sua obra que vem á publicidade da capital esse fundo de banalidade chata, posto que maligna, cujo rumor monotono e perenne lembra o de bugalhos velhos sacudidos em pucaros rachados.

Abram repentinamente aos olhos de um lisboeta com oitocentos mil reis de ordenado e com os encargos de uma familia, muitas vezes numerosa e sempre em apparato, as perspectivas inverosimeis de abundancia da grande casa rural: Dez porcos na sal-

gadeira, duzentos paios e quarenta presuntos ao fumeiro na cozinha; os rebanhos de patos, de perús, de gallinhas e de leitões; a pipa do vinho velho bem amadurecido e avelludado para o consumo da familia no recinto particular da adega reservado á garrafeira do patrão; as *purées* de lebre, as canjas de perdiz, os assados de gallinhola, de cabrito, ou de lombo de javardo envolto em colorau e cozinhado na grelha, durante o inverno, na estação da caça; as frutas mais saborosas e mais sasonadas no verão — os perfumados melões das castas de Cantalou e da Villariça, os melhores pecegos oriundos do Alto-Douro ou dos coutos de Alcobaça, e os mais frescos e mais dourados cachos da uva moscatel ou diagalves; na cocheira a carreta ingleza para duas pessoas e o grande break da familia ou dos convidados da quinta; seis ou oito cavallos de sella e de tiro na cavallariça, e dez ou doze criados ás ordens. O lisboeta arrega-

lará olhos ardentes da mais justificada cubiça para esse quadro, tão estranho que lhe parecerá fabuloso. Acrescentae porém que para gosar essa fortuna elle tem de ter o trabalho de ser o dono: erguer-se com o dia, montar a cavallo ao pino do sol ou debaixo de chuva para percorrer a lavoura, assistir ao empilhar das estrumeiras, ao levantar das medas e ao enfeixar das pavêas, presidir ás podas, ás empas, aos enxoframentos, ás vindimas, ás cavas, ás mondas, ás malhas, ás regas, ás espadelladas, ás ceifas; ter a serenidade da direcção e a energia do mando; estar a bordo, emfim, com alma para resistir, para se oppôr, para governar; ser homem para outro homem, capaz de fazer frente e de dominar as grèves dos moços quando estiver o milho na eira, a cebola ao sol ou a uva no lagar; não empallidecer nem trepidar deante de uma navalha aberta ou de um varapau em riste; ter habitos de lucta, amar a familiaridade

com o perigo, não desconhecer a victoriosa e decisiva arte de desmandibular um insolente com o aceno de um murro, e desenfadar-se alegremente nos dias de repouso caçando a tiro, picando touros, correndo lebres, ferrando novilhos, montando poldros. Com taes clausulas, o burguez de Lisboa — a menos que não tenha tido a iniciação de toureiro, tão nacional, tão util, e tão menoscabada! — preferirá a todas as magnificencias da vida rural a misera estreiteza do seu quarto andar, com onze casas, das quaes tres sem luz e duas com janella para o saguão, na socega da obediencia automatica, com as costas quentes pela policia, pela guarda municipal e pelo guarda nocturno, o relogio regulado pelo da repartição, uma assignatura do *Diario de Noticias,* uma caixa de phosphoros de escada e um apito no bolso, e o luxo de uma boquilha d'ambar e de uns punhos postiços para passar ás quatro horas na Avenida e ir á noite

namorar as hispanholas para o Coliseu, sempre sob a egide providencial dos poderes constituidos.

Ha equivoco em referir esta debilidade geral á degeneração definitiva e irremediavel da população de Lisboa. O lisboeta não nasce consideravelmente mais debil do que qualquer outro europeu da sua raça. O atrophiamento da força physica, a que corresponde physiologicamente o da energia moral, é n'este caso o mero producto occasional d'um erro de pedagogia. Os mais sólidos trabalhadores do caminho de ferro, da alfandega e da fabrica do gaz são em grande parte expostos da Santa Casa da Misericordia, e, filhos de Lisboa, são todavia musculosos e robustos porque, creados no campo por amas aldeãs, receberam do acaso uma forte educação physica.

Tão erroneos são os nossos methodos de educar que, para a constituição da saude e para o desenvolvimento da força, é muito

peor ser menino d'estimação do que ser engeitado!

*

Apesar de definitivamente estabelecidos em Inglaterra os jogos athleticos, a questão da gymnastica nacional continúa a ser objecto de constantes estudos, porque se não trata sómente para a hygiene publica de vulgarisar um exercicio physico, trata-se tambem, como ponto essencial para o desenvolvimento da saude, que esse exercicio seja para quem o pratica o mais interessante, o mais alegre, o mais agradavel dos jogos.

Nas escólas de rapazes os exercicios gymnasticos intercortam os estudos e as classes quatro a cinco vezes por dia.

O snr. Herbert Spencer acha insufficientissimo o tempo que as meninas passam ao

ar livre nas escólas do sexo feminino, e insta por uma prompta reforma n'este ponto, porque na educação da mulher moderna a gymnastica é ainda mais indispensavel que na educação do homem.

Sob a influencia dos escriptos do reverendo snr. Charles Kingsley creou-se um partido religioso, conhecido pela caracteristica designação de «christianismo muscular» — *muscular christianity*.

É raro o dia em que os jornaes inglezes se não referem a algum d'esses desafios de natação, de carreira, de *lawn-tennis* ou de *foot-ball*, tão frequentemente celebrados de escóla para escóla, de club para club, de cidade para cidade, de condado para condado, sem fallar nas regatas das universidades e nas famosas partidas de *cricket* que os jogadores da Australia veem em cada anno propôr aos seus antipodas da metropole.

É muito curioso notar que no meio de tão grande ardor posto ao serviço de um

principio pedagogico, o snr. Spencer, no seu tratado de educação, accusa ainda a Inglaterra de *pensar mais em produzir um cavallo de corridas do que em formar um athleta moderno!*

*

Todos os paizes em progresso teem recentemente procurado seguir o exemplo da Inglaterra nos methodos de educação physica, assim como nos do ensino artistico.

A Allemanha, que não tem jogos athleticos de tradição popular, acaba de enviar á Inglaterra uma commissão pedagogica encarregada de estudar os jogos em voga nas escólas inglezas para o fim de os estabelecer nos gymnasios e nas universidades do imperio.

Na Suecia e na Noruega sabe-se que as sociedades de gymnastica são, como as so-

ciedades orpheonicas, as primeiras do mundo.

Na Suissa, o paiz classico do athleticismo, a perfeita organisação do serviço militar corresponde só de per si para todos os habitantes a uma verdadeira instituição de muscularidade publica.

Outro tanto succede em França depois das ultimas reformas na organisação do exercito, sem que todavia isso obste a que muitos esforços tenham sido empregados pelo governo da Republica para desenvolver nos estabelecimentos de instrucção publica a pratica dos exercicios athleticos.

Mais perto de nós, em Hispanha, o illustre professor snr. Giner de los Rios tem feito os mais interessantes estudos sobre os jogos gymnasticos tradicionaes nas diversas provincias hispanholas para o fim de promover a adopção d'elles como elementos de educação physica nos estabelecimentos de ensino.

Na Italia tem recentemente tomado o maior incremento o gosto e a moda dos exercicios musculares. O *Club-Alpino,* composto de fortes caminheiros e destinado a promover as grandes excursões pela região dos Alpes, conta cerca de 5:000 membros, e é presidido por um notavel homem d'estado, o snr. Quintino Sella, antigo ministro de Victor Manoel. Este velho parlamentar, acompanhado dos seus dois filhos, compete com os mais intrepidos alpinistas, tendo escalado as alturas mais asperas e mais inaccessiveis.

Em Lisboa existe ha pouco tempo o *Real Club Gymnastico,* cujos serviços prestados á educação physica da mocidade portugueza são já relevantes. Mas o *Real Club Gymnastico* é uma fundação de iniciativa puramente particular. O Estado, no ponto de vista do desenvolvimento physiologico da raça, é contemplativo, asceta e inanicionista. O corpo humano é para elle «o monte d'esterco»

de que fallavam os antigos padres da Egreja: *omnia ut stercora.* E nada me admirará que, emquanto o governo cogita, os ratos lhe façam ninhos no cabello e lhe nasçam tortulhos do nariz.

CAPITULO IX

Um domingo em Clifton. — O aspecto dos campos. — Bristol á noite. — A nossa religião e a religião d'elles. — A Biblia. — Na patria. — O arraial minhoto. — A egreja. — O adro. — As queijadeiras. — O peixe frito. — A philarmonica. — O fogo preso.

NÃO me foi dada a ventura de saborear em Londres as doçuras ineffaveis da contemplação mystica no dia do domingo, consagrado á glorificação do Eterno.

Queiram vêr que, se é consideravel a importancia das lacunas que tristemente esburacam o texto d'esta narrativa, não é menos para considerar o escrupuloso zelo com que o auctor pontualmente as enumera e escriptura!

O meu grande amigo Eça de Queiroz, interpretando confraternalmente, isto é, segundo a religião da arte, as conveniencias espirituaes da minha salvação, telegraphou-me de Bristol para orarmos juntos na provincia. Parti pois de Londres no sabbado pelo Great Western Railway em direcção á residencia hospitaleira do meu confrade em Clifton.

Em casa de Queiroz esperava-me o fogão accêso, o meu talher á mesa, a minha cama aberta no tradicional quarto de dormir inglez, sem estofos, n'uma só côr, nitidamente envernizado nas portas e no parquet, mobilia clara, enorme lavatorio, uma prateleira de livros, uma prateleira de botas no quartinho de *toilette* ao lado, a cortininha risonha e ingenua na vidraça, e um galho d'arvore pela janella dentro.

*

Não sei ao certo que distancia nós andámos a pé n'esse memoravel domingo. Supponho não exagerar computando-a em mais de vinte milhas.

Fomos ao longo dos campos, pelo meio dos trevos, através dos prados, percorremos uma infinidade de aldeias encantadoras, com os seus pequenos *cottages* envolvidos em hera, de janellinhas alvejantes e lustrosas; ao lado de cada *cottage* o curral coberto de colmo, em frente, o jardim ou a horta. Todas as portas fechadas, todas as vidraças descidas, todas as cortinas cerradas. Subimos outeiros, descemos collinas, atravessámos valles, passámos pontes, trepámos cancellas, embrenhámo-nos em mattas, embebemo-nos em caminhos concavos cobertos de

carvalhos, surgimos á estrada larga, mettemo-nos por atalhos; vimos parques, vimos pomares, vimos alfobres e sementeiras, talhões de couves, geiras de legumes, canteiros de resedas, de groselhas, de framboezas, de rosas e de saladas, pastios, lameiros e batataes, restolhos e terras lavradas, varzeas e veigas, terras de producção e terras de luxo, fontes de jardim e tanques de granja, terrenos de picadeiro, terrenos de *cricket* e terrenos de *lawn-tennis;* mas, a não ser na estrada algum raro viandante, não vimos um homem, não vimos uma mulher, não vimos uma creança, nem uma vacca, nem um poney, nem um carneiro!

No vasto circulo de toda esta campina não ouvi grasnar um pato, nem ornear um burro, nem grunhir um porco!

As mesmas plantas, envoltas no véo esfumado da neblina, como se as tivessem guardado até o outro dia sob a tampa concava do céo, n'uma tenue substancia de algodão

em rama, parecia terem uma estranha immobilidade phantastica como nas decorações da *Belle au bois dormant.*

Nem zoavam as carvalheiras, nem tremeluziam as hervas, nem cantavam os passaros, nem zumbiam as moscas, como em outras partes.

Dir-se-hia que na humida e profunda paizagem ingleza tudo se recolhera e concentrára para poder ouvir cá fóra, através da vidraçaria polychroma e das arcadas ogivaes das gothicas abbadias, recortadas em renda musgosa de tijolo, entre velhos e magestosos platanos, a prosa tão especialmente grave, concisa, penetrante, elegiaca e vibrante das paginas da Biblia; e que tudo quanto respirava na terra, a todo o alcance dos nossos olhos, emmudecera e se immobilisára a meditar os psalmos.

As nossas passadas sobre a terra endurecida pelas primeiras geadas tinham um echo estranho, que ás vezes me obrigava a olhar

para traz, como quando se caminha só, de noite, n'uma grànde casa deserta.

Ao regressar d'esta longa marcha atravessámos Bristol.

Era ao cahir da noite. Eu nutria a secreta esperança de que Bristol houvesse afinal adormecido sobre o seu livro de horas, e que me fosse dada a satisfação peccaminosa de reentrar por um momento nos ruidos da alegre convivencia humana ouvindo resonar a cidade.

Os candieiros tinham-se começado a accender, a luz amarellada do gaz soprava lugubremente pelas fendas dos bicos, virgulando a clarões de cirio a cava tristeza crepuscular das ruas e das praças desertas. E a cidade velava ainda, pois que se não ouvia um unico rumor!

A minha derradeira esperança cahia desfolhada ao sopro inhospito d'essa cruel realidade: Bristol nem sequer dorme ao domingo, para não quebrar o preceito!

Cahia a noite. Deixal-a cahir! Bristol inteiro, como um só homem, permanecia a pé, terrivel e inabalavel, — para a alegria como um cypreste, para o somno como um alho!

Era medonho.

*

Nunca a remota, a esmorecida, a quasi apagada lembrança de um repicado, de um solheiro, de um poeirento, de um suado e aturdido arraial minhoto mordeu mais rijo e mais fundo o meu saudoso coração de expatriado montanhez!

Fallem-me na religião d'esses domingos e d'esses dias santificados em honra e louvor dos santos mais rispidos e mais ascetas, como S. João e S. Christovão, e das virgens mais lacrimosas e mais tragicas, como a Senhora das Dôres e a Senhora da Agonia, na

pequena egreja amoiriscada de qualquer das nossas parochias ruraes, branca e ridente nas nogueiras do valle, como uma camisa lavada a enxugar na corda, pendurada ao sol entre macieiras em flôr!

Falla-me tu, irmão Queiroz — já que só tu, debaixo das brumas frias e alvacentas d'esta deslavada e hirta Inglaterra, me pódes fallar na lingua que Nosso Senhor dos Afflictos nos deu, em compensação de tantas outras coisas com que se abotoou, lingua que nem a gente a merece, e que emquanto os avós de Spencer, de Shakspeare e de Marlow coaxavam apenas pedindo a Jupiter o arrocho com que depois nos alanharam, se estava já curando e aloirando nos tepidos golfos do Mediterraneo, d'onde veio para nós com a litteratura de Roma e com a poesia dos arabes, saturada de sol, perfumada a amendoa e a flôr de laranja, dôce e vermelha, espumosa e picante, amassada em mosto d'uvas e de romãs, envolta n'um can-

tante marulhar de rega e n'um vago zumbido de doiradas e reluzentes abelhas! Falla-me tu, carinhoso amigo, no tilintar, desde o romper da aurora, do sino grande e das duas sinetas no campanario da nossa aldeia; no rebentar pavoroso dos morteiros ao romper do sol; no grande arco de murta na volta da estrada; no adro tapetado de espadanas e de funcho; nas queijadeiras que amanheceram nos seus logares do costume debaixo dos guarda-soes de linho, com as canastras burriqueiras cheias de pão-de-ló e de cavacas; falla-me no padre prégador, que chega de longe em pompa, já de barba feita e botas engraxadas, trazendo no alforge da egoa o embrulho da batina e do roquete, o caderno com o panegyrico do santo, e os dois lenços para o suor da peroração; falla-me no rabecão e nos timbales que vão subindo para o côro; no peixe frito que principia a chiar em azeite nas barracas de lona entre a rima do pão e a rima das al-

faces, com a pipa ao fundo nos fueiros do carro ao pé dos bois deitados no chão a remoerem ao lado um do outro, emquanto os clarinetes bufam a chula ás cruzes da via-sacra, e os foguetes escarafuncham o azul do espaço rebentando no céo em estalos e em borrões de fumo.

Ás 4 horas da tarde, terminado o instrumental na egreja, procedia-se á inevitavel tentativa, sempre frustrada, de fazer subir um balão de papel, e ás 5, ainda com tres horas de sol para cada um tornar para casa, rompia o *fogo preso.*

Fogo preso dizemos com orgulho, e não *fogo de vistas,* especialidade mais particularmente ingleza, aperfeiçoada pelos pyrotechnicos de Londres para ridiculo espanto de sombrios e tenebrosos basbaques.

Para *vista* nas festas minhotas lá estavamos nós. *Vista* fazia-a a gente, de cravo ao peito da jaqueta, braça e meia de chibata de marmeleiro rompendo por traz das cos-

tas acima do hombro, esporas de prata de rosetas tilintantes nos tacões de prateleira, desengano nas unhas para rapar de um pau, e ôlho pisco, amortecendo na palpebra, damnado no fundo, para as cachopas!

Perante o arraial, suspenso e ancioso, na presença solemne dos mordomos e do juiz da festa, vestidos de opas vermelhas, o fogueteiro afiançado dos nossos sitios avançava elle mesmo, de murrão em punho, e por sua propria mão deitava fogo á peça famosa representando o *Barbeiro a amolar a navalha.*

A coisa principiava de baixo pela peanha de uma roda de fogo... Ffu! ffu! ffu! ffu!... e entrava a peça toda a andar de redor...

Aqui, o primeiro estoiro, obra tremenda, de empinar para traz as orelhas a todas as egoas da feira e de rebentar muitas retrancas d'albarda pelos coices de burros espantados. Em seguida, tres espirros de polvora ao longo do rastilho em trepadeira á

volta da figura, e desandava a girar o rebôlo.

Quatro voltas freneticas de um rabeio surdo e encanzinado, e, ao estrondo formidavel de tres bombas de oito vintens de polvora bombardeira cada uma, saltava aos ares, por cima do gallo de lata da ventoinha da torre, a navalha do barbeiro.

Sem mais pausa, aproveitando para o effeito a geral commoção do publico, o rastilho enfiava de uma só guinada para dentro do ventre da figura...

Pum! pum! pum pum! Fre... fre... fre... Pum!... pum!... pum!...

E todo o barbeiro estoirava consecutivamente pelo corpo todo, como se rebentasse de ter comido todas as peças da artilheria do exercito.

Ao cabo de meia hora, quando nada mais restava do que fôra a notavel peça do *barbeiro a amolar a navalha* além de uma densa nuvem de fumo a cheirar a guerra, e uma

vara denegrida de pinheiro, com um arco de pipa no alto, a oscillar no espaço, passava-se á peça não menos importante do *homem a matar o boi.*

Os cobres da fanfarra reluzindo ao sol, o pau de buxo canoro dos clarinetes férvidamente dedilhados, o agudo ébano do pifano, a pelle de burro do grande bombo, o cordame e as vaquetas da caixa de rufo, tudo vibrava n'uma commoção igual e unisona fazendo retumbar os echos com a mais estrondeante e bellicosa mazurka.

As bandeiras e os galhardetes que decoravam o palanque tremulavam desfraldados ao vento n'uma palpitação victoriosa e invencivel; o vinho verde pulava d'alegre nas tigelas vermelhas ou nos copos d'alcance; as ramagens amarellas dos lenços das raparigas, as filigranas d'oiro das joias, e os guarda-soes vermelhos repentinamente immobilisados, abertos como enormes papoulas desabrochadas sobre a seara de gente,

salpicam a luz de clarões jubilosos, como lanternas de sol a arder.

No emtanto, á porta do templo aberta de par em par, com os jarrões de dhalias ao fundo florindo o altar-mór, o fogueteiro é abraçado pelo juiz da festa, elle mesmo o abraça tambem n'um amplexo herculeo, levantando-o do chão, quasi de pernas para o ar, n'um balanço de sino; e do ôlho rubido do pyrotechnico, escandecido pelos fogachos da polvora e do vinho maduro, róla sobre a opa do juiz a mais dôce lagrima que póde derramar o homem — a lagrima enternecida e grata do artista que triumpha na ovação do povo.

CAPITULO X

De como o protestantismo anima a incontinencia. — A casa de Eça de Queiroz. — Um jantar de catholicos em terra de herejes. — O domingo dos que não jantam. — « Gin! gin! »

NUNCA tambem em dias da minha vida, tanto como n'essa noite me tocou o amoravel e delicado conforto de uma linda casa de jantar!

Nunca poltrona estendeu para mim tão affectuosamente e tão convidativamente os seus braços como aquella que me esperava em Clifton, n'esse domingo, em cima da pelle

d'urso, no canto do biombo, ao bafo consolador do fogão atulhado de carvão de Cardiff. Nunca toalha posta na mesa com o cabaz de flôres no centro, a luz do candieiro cahindo nos pratos, nos copos, no crystal das garrafas cheias, alvejou aos meus olhos com mais dôce e mais terna alegria. Nunca o fumosinho appetitoso de uma bem condimentada sôpa me pareceu elevar-se para o céo do interior de uma terrina destapada com mais interpretativa expressão de um estado d'alma...

Assim! assim mesmo, minha boa *mock-turtle!...* Trepa-me a esse fôlho do *abat-jour,* rompe esse tecto, fura-me as lousas d'esse telhado, e vae até ás alturas dizer lá em cima aos rechonchudos anjinhos de Murillo, de Fra Angelico, de Sequeira e de Vieira Portuense, que aqui estão dois catholicos, um pouco fóra do effectivo serviço, que hoje retomam as armas para se baterem pela fé dos seus maiores, em terra de gentios,

n'uma jantaroca festiva e dominical, com o fervor orthodoxo de dois ardentes e barrigudos conegos!

Comemos e bebemos alli sósinhos, os dois, frente a frente, no meio do sepulchral silencio de um domingo protestante, com a mesma devoção íntima com que o fariamos na vigilia de um dos nossos santos mais populares, ou depois de havermos andado um dia inteiro a entoar lôas, a rezar ladainhas, a gargantear motetos e a jogar o pau atraz de um cirio, por cima da areia encarnada e das cascas de melancia de uma romagem nacional.

Ás 10 horas da noite haviamos encerrado os debates, por falta de materia, na questão relativa á verba viandas. D'aquillo que fôra o carneiro, a vitella e o pato restavam apenas os andaimes dispersos de todo o prato de jantar inglez: o môlho adocicado de licôr de hortelã, a papa anodyna de miolo de pão e leite que nós applicamos aos unhei-

ros e que elles applicam ao porco frito, e varios galhos d'essa graminea innominada e incomestivel, gôrda e crespa, inodora e verde, que junto dos assados britannicos invariavelmente exerce as mesmas funcções platonicas que tem o papel almasso recortado á tesoura nas nossas bem conhecidas bocetas de ameixa coberta. Além d'isto, apenas, perdido e errante no ar, um cheiro de cominhos e de noz muscada.

Démos graças á Senhora da Boa Hora por haver permittido que chegasse até ás 10, podendo muito bem não ter passado, quando muito, das 8 horas e meia, aquella importante parte do unico passatempo lícito que a grande Inglaterra nos permittia gozar no dia consagrado ao Senhor.

E depois de nos congratularmos reciprocamente por tão fausto quanto miraculoso successo, passámos a esfuracar no Stilton, firmemente deliberados a não nos deixarmos esmagar pelo ponto final da torta de maçãs

emquanto o cantar do gallo na capoeira ou o da cotovia no arvoredo do parque nos não annunciasse que o domingo finalisára e que resurgira a Inglaterra.

Tres vezes, armados da lanterna do sicario, descemos da casa de jantar á adega, Queiroz adiante, eu atraz, levados pelo pretexto de que ainda não era aquelle que acabára de ser o Bourgogne de que se tratava; tres vezes subimos da adega á casa de jantar, Queiroz atraz, eu adiante, trazidos pela necessidade de vir discutir mais um Bourgogne novo.

Recolhido ao leito por volta da madrugada, e entrando n'essa grave ordem de cogitações que de ordinario assaltam o espirito do homem enconchado n'uma cama á hora de soprar á vela, perante a sua propria imagem reposta pela imaginação sobre a base das suas chinelas vazias, e fazendo um calculo mental por meio da sabia regra da multiplicação ao numero de vezes que vim

da adega e ao numero de *pontos de discussão* engarrafados que de cada vez trouxe commigo para tratar na casa de jantar, deduzido em seguida o volume da lanterna de salteador, e não deduzindo os pontos que não entraram em discussão porque se discutiram todos até a mais irrefragavel evidencia, cheguei á conclusão fatal de que jámais, em todo o decurso de minha já não breve e não de todo abstemia existencia, eu engorgitára tanto Bourgogne como nas diversas assentadas d'esse unico e inolvidavel *pass-wine!*

Depois do quê, apaguei a luz e me benzi tres vezes de admiração por tanta sêde, sómente explicavel por obra do demonio a tentar para a bebida as almas christãs, n'uma terra onde o peccador carece de todos os recursos para esconjurar a tentação, bastando dizer-se que é tal a escassez da agua benta que, ao comparar similhante serviço com o de Portugal, o fiel lisboeta sente

em sua escandecida phantasia que o snr. Pinto Coelho se remonta da sua ordinaria e parcimoniosa condição de conta-gotas ás proporções do grande diluvio.

Cruzes! cruzes!

*

Agora pergunto eu:

Se o domingo na Inglaterra, encerrando uma vez por semana entre quatro paredes e por vinte e quatro horas cada um dos viventes, emborca sobre a cabeça de um artista em viagem uma tão longa, tão espessa, tão pesada, tão intraduzivel tristeza, apesar da espirituosa e affectiva companhia do seu melhor amigo, apesar do conforto e da graça de uma casa quente, abundante, bem provida de víveres, de flôres, de litteratura, d'arte e de racionalismo, o que não succe-

derá ao miserrimo operario de Londres, habitando um covil denegrido, infecto e putrido, no interior de um bairro lamacento, susurrado como uma colmeia de todos os grunhidos da miseria, sombrio, tenebroso e tragico como uma catacumba?

A mulher e a numerosa prole — porque o operario inglez proliféra como o microbio — espojam-se em agglomeração bestial nos andrajos fétidos do *home,* do *sweet home* da canalha. Não ha livros; não ha jornaes; não ha as bellas revistas, os *weekly papers* de cada sabbado; não ha flôres nas jardineiras; não ha fogo na chaminé; não ha panella ao lume, nem espeto com assado; não ha mesa posta, nem ha mesa, nem espeto, nem panella, nem lume.

As vezes, para passar o tempo, questiona-se, e n'estes casos a scena íntima torna-se entretida de mais. O homem quebra os dentes da mulher com um murro ou acachapa a cabeça do filho com um martello; a mu-

lher fura o ventre da filha com um pontapé ou separa da cara o nariz do esposo por meio de uma dentada. É consideravel, segundo as estatisticas, o numero de narizes que por este modo se consomem na Inglaterra aos domingos.

De modo que, sabiamente, prudentemente, como bom subdito, bom marido, bom pae e bom filho da Egreja Ingleza, o operario de Londres não póde fazer ao domingo senão unicamente e precisamente aquillo que elle de ordinario faz: ir para o *gin-palace* ou para o *public-house,* unicos monumentos da Inglaterra que além das egrejas nunca fecham de todo as portas ao domingo, e ahi, com o ultimo dinheiro da feria ou com o producto do derradeiro trapo afundido na casa de penhores, atestar-se de *gin,* embebedar-se em cheio, até baquear no chão empoçado no vomito ou até lhe vir a furia alcoolica, horrivel e pavorosa, levando-o a matar gente á facada, aos murros, á mor-

dedura, á marrada, aos coices, emquanto a policia o não manieta e o não atira açamado, peiado, acorrentado, amordaçado, passivo e pesado como um porco morto, para o fundo do carro forte de levantar os bebados e de os levar em cargas para a cadeia.

Abaixo dos operarios ha ainda uma classe social em Londres para a qual o domingo me não parece offerecer attractivos mais delicados e mais superfinos do que aquelles a que venho de me referir. Essa classe é a dos pobres.

Além dos 40:000 desvalidos escorridos nos depositos da mendicidade londrina; além dos reclusos; além das *harlots,* muitas das quaes sustentam seus filhos e — o que é mais — seus irmãos e seus maridos com o producto da venda de si mesmas; além das costureiras que, trabalhando todo o dia, não chegam a ganhar dez tostões por semana; além das raparigas que abrem e cosem ca-

sas de casacos a pataco a duzia; além d'estes e d'outros muitos representantes, classificados ou inclassificados, da miseria social ingleza, ha em Londres 15:000 *pobres* sem albergue, devidamente arrolados como puros e simples pobres, os quaes se occupam em *ter fome* como unico officio, em ter immundicie como unico agasalho.

A porcaria é a flanella providencial das classes baixas londrinas: assim o decidiram por meio de uma jocunda theoria sobre os effeitos beneficos da sujidade nos póros da pelle, os doutos areopagos de muitas sociedades sabias. D'este modo fica singularmente simplificado o problema do vestuario para essa ordem de individuos.

Emquanto a alimentação foi tambem demonstrado que não podendo digerir outra coisa a gente se digere a si mesma e vive assim muito tempo, horas e horas, dias inteiros até! dias que equivalem ás mais longas existencias das barrigas repletas, por-

que os dias do ventre vazio levam annos a passar.

Leio no meu guia esta instructiva informação:

« Comquanto não faltem em Londres os albergues onde se póde dormir por 2 dinheiros, encontram-se por vezes milhares de pessoas sem meios para recorrerem a esse abrigo. Debaixo da arcada da praça de *Covent-Garden* passeiam todas as noites pobres famelicos esperando com anciedade o romper do dia. Nos periodos de miseria, tão frequentes pelas *chomages* das diversas industrias, vêem-se desde as 4 ou 5 horas da tarde os desgraçados que procuram logar nos bancos de Mall e de Bird-cage-walk, em volta de St. James Park. Por vezes ha empurrão para ter logar. É melhor ficar sentado n'um banco de madeira do que dormir no chão ao pé de uma arvore. Á noite o policeman, fiel á senha, acorda os adormeci-

dos, advertindo-os de que é prohibido dormir nos bancos dos passeios. — « Não estou a dormir, estou a passear », respondem os livres cidadãos; e o policeman prosegue o seu giro. Nas noites do sabbado para o domingo, são mais raros os hospedes dos bancos de St. James e da arcada de Covent-Garden: os miseraveis preferem ir passear para as proximidades dos *gin-palaces* na esperança de encontrarem pelo chão dinheiro cahido dos bolsos dos ébrios. »

Não são por certo estes homens os que frequentam as alcovas de Madame Jeffryes, não são elles os que compram e consomem virgindades. A unica coisa que elles compram é genebra. São elles porém que produzem, são elles que segregam, são elles que suam, são elles que desassimilam a substancia prima de toda a especie de manjar clandestino atirado em cada dia pela população de Londres ao minotauro da luxuria.

*

CAPITULO XI

A Divindade dos *noblemen* e a do *common people*. — As varias seitas religiosas. — *The Salvation Army*

De todas as complexas causas que explicam a brutalidade do vicio na Inglaterra — a distribuição feudal da riqueza, as crises do trabalho, o clima, o temperamento, a alimentação, etc. — a mais evidente aos olhos de um estrangeiro é a religião nacional. Aqui menos do que em qualquer outra parte é a religião o *freio* em que fallava esse

bom snr. Guizot. Para os effeitos da devassidão, pelo menos, a Egreja, obrigando a guardar o domingo como elle ainda se guarda na Inglaterra, em vez de estabelecer um freio organisa um aguilhão.

O culto divino propriamente dito é aqui um privilegio, uma elegancia, um *chic* de casta.

Um dia, achando-me em Westminster á hora de principiar a predica, vi o templo encher-se quasi repentinamente de gente. Ao contrario do que succede nas egrejas de Lisboa, de Hispanha e de Italia, todas as pessoas que entravam pertenciam ás mais ricas classes sociaes. O mendigo da cathedral de Sevilha, o bello mendigo typo da egreja catholica, o mendigo de quem o meu amigo principe de Reuss Henrique XX me encommendou de uma vez em Paris um casal de piolhos, de alta raça pura, como só no mendigo de Sevilha se encontram, para o fim de introduzir no Jockey esse genero de

sport, — o mendigo sevilhano, digo, seria no templo anglicano uma nodoa que acabaria com a religião por ser impossivel lavar-lh'a com todos os sabões de Gosnell, de Pears e de Atkinson.

Deus em Inglaterra, como muito bem observou creio que o snr. Taine, é um personagem official, é, primeiro que tudo, um *gentleman,* um cavalheiro *select,* com o qual se acham mais ou menos aparentados todos os membros da camara alta, e que sua magestade a rainha cita nos discursos da corôa precisamente com o mesmo acatamento profundo com que os deputados de uma maioria parlamentar citam o seu chefe.

O *common people* jámais ousaria desconsiderar, dirigindo-se-lhe para o que quer que seja, a um sêr tão supremamente relacionado na alta sociedade. A rude imaginação da plebe poderá talvez conceber ao contemplar a polvilhação luminosa da Via Lactea (pos-

to que tão raramente se vejam estrellas no céo inglez!) que para lá d'esses turbilhões de mundos rutilantes exista porventura um ignorado canto do infinito universo onde a distribuição *pro rata* das *mutton cutlets* e das batatas se faça um pouco mais equitativamente do que nos dominios de sua graça o Lord Maire. Mas a *nobility* não conhece nem ouviu fallar nunca na existencia hypothetica de tal sitio.

D'estas oppostas maneiras de considerar a Divindade procedem as innumeras seitas em que se divide na Inglaterra a opinião religiosa.

Por coisa nenhuma do mundo um verdadeiro e garantido lord consentiria, não digo já em arrebanhar-se ao divino com o populacho, mas em dar a um calça de couro da *city* a confiança de sentar-se com elle debaixo das mesmas telhas n'um banco de abbadia para ouvir uma interpretação commum da palavra de Deus. O proprio Deus cessa-

ria de existir desde que não fosse elle mesmo o primeiro a comprehender que entre o delicado orgão auditivo de um membro da camara alta e a mazorral e á arrieiratica tromba d'Eustachio de um estupido e bronco mercador de piugas d'algodão ha um abysmo que nem os Evangelhos, nem a Magna Charta, nem o Antigo Testamento, nem papelada nenhuma d'este mundo preencheram nunca nem hão de preencher jámais.

O livre exame, a directa interpretação da Biblia, que tão vastos horisontes abriu á independencia do espirito abolindo o estreito dogmatismo da Egreja romana, deu origem no tempo presente á mais miuda, á mais impertinente distincção metaphysica dos textos sagrados, á mais desengonçadora, á mais desfibrante e á mais ridicula phase da casuistica a que podia chegar o espirito theologico.

Por causa de uma syllaba, de uma virgu-

la, de um accento, levanta-se todo um tremendo debate de consistorio ou de concilio e rebentam cinco ou seis novas seitas: os accentistas e os anti-accentistas, os virgulophilos e os virgulophobos, os syllabistas e os asyllabos.

E cada um dos grupos dissidentes sobre a genuina interpretação da letra sagrada faz Egreja propria, faz propaganda, faz catechese, publica Biblias por sua conta (com ou sem accento, com ou sem virgula), abre subscripções, tem a sua junta de administração e de caridade, compra fundos publicos para a dotação do seu culto, edita *tracts* pittorescos e alphabetos illustrados para os jovens pelles-vermelhas trazidos pelo doutrinamento das missões á crença da virgula, ou expede para além dos mares innumeros fardos de piugas remunerativas da adhesão dos pequenos proselytos chinas á extirpação radical da mesma virgula.

Ha duas religiões do Estado, duas Egrejas officiaes: a Egreja anglicana na Inglaterra e no paiz de Galles, e a Egreja presbyteriana na Escossia.

As principaes egrejas dissidentes são: os anabaptistas, os methodistas, os unitarios, os wesleyanos, e os congregacionalistas ou independentes.

Existem, além d'isso, perto de duzentas seitas diversas, todas devidamente definidas e registadas.

Não se faz uma idéa da porção de jocosidade, de pura facecia, de boa galhofa, que a breve historia d'estas differentes seitas derrama sobre o espirito do leitor desinteressado e attento.

Temos, por exemplo, a seita dos Bruyanistas, cujo objecto é tomar a communhão sentado e não de joelhos ou a pé, porque os apostolos tambem estavam sentados á ceia, e a particula consagrada não póde ter effeito remissor senão engulida n'essa bem

conhecida posição, a todos os respeitos interessante e comica.

Temos os Glassistas, que se absteem de sangue, e por conseguinte não comem carne de animal algum que não houvesse sido sangrado. Imagine-se o tragico effeito da passagem de um dos nossos chouriços mouros por baixo do nariz d'esta religião!

Ha mais os do Bando da Alleluia que adoptaram a medida geral de dar infinitas graças a Deus Nosso Senhor por tudo quanto elle se lembre de mandar ao mundo, seja o que fôr: guerras, fomes, pestes, dôres de dentes, panaricios, callos, picadas lancinantes no ventre, constipações, e toda a demais especie de experiencias feitas pela sempre obsequiosa Providencia, quer sobre a força aspirante das cartilagens nasaes do individuo, como no defluxo, quer sobre outra qualquer peça do organismo que para fins secretos a Divindade tenha por conveniente desatarrachar, retorcer ou escarafunchar,

tudo para nosso licito gozo e honesto recreio.

Na seita dos *Ranters* o culto consiste em dar pulos e palmadas.

Os Trementes, *Shakers,* teem a convicção de que a carnalidade é a causa de toda a depravação humana e fazem consistir os seus exercicios religiosos em estorcer-se, bracejar e pular até cahir de fadiga.

Os *anabaptistas,* os *velhos anabaptistas,* os *anabaptistas particulares,* os *anabaptistas declarados,* os *anabaptistas geraes,* os *anabaptistas strictos,* os *anabaptistas presbyterianos,* os *anabaptistas unitarios,* os *anabaptistas escossezes* e os *novos anabaptistas* são outros tantos grupos de hydrotherapistas amadores, inteiramente irreconciliaveis entre si sobre os diversos methodos de tratamento que importa seguir na cura das almas por meio da balneação baptismal.

Ha ainda os *theistas,* convencidos de que entre as pessoas da Santissima Trindade só

o Deus Padre é digno de adoração; Jesus Christo não passa de um simples filho-familia sem categoria social; e com relação ao Espirito Santo é como se semelhante pessoa jámais houvesse existido nem na qualidade de deus nem na fórma symbolica de volatil!

Mas de todas essas congregações, cujo fim é estreitar o mais possivel as relações do homem com a Divindade estabelecendo da terra para a bemaventurança companhias rivaes de transportes de recreio aos mais reduzidos preços, a mais importante é, sem questão alguma, o famoso Exercito da Salvação, — *The Salvation Army*.

A orthodoxia evangelica da Baixa Egreja anglicana considera a Biblia uma especie de desaggregação celeste, em que o espirito do Redemptor se esparge palpitante em cada letra, e attribue a salvação da alma á incidencia repentina, instantanea, imprevista, de um raio da graça divina sobre o espirito da

creatura errante nas trevas da culpa. A salvação cae por este modo sobre a cabeça do sujeito, sem antecedencia de lucta moral, sem esforço do espirito, sem sacrificio da vontade, em virtude de um phenomeno objectivo, como do golpe de um ferro e de um silex póde cahir um incendio sobre um mólho de palha. É d'essa theoria, a mais propria para desenvolver o principio das conversões subitas e fulminantes, que procede, com mais ou menos tortuosidades, a organisação e o programma da *Salvation Army*.

Considerando que as propagandas existentes eram insufficientes para ferir o espirito superficial e desattento dos individuos rebeldes ás fórmas doutrinarias da catechese, os salvacionistas imaginaram surprehender abruptamente as multidões fulminando a alma de cada peccador e determinando por meios quasi exclusivamente mecanicos, de acção magnetica sobre os sentidos e sobre o systema nervoso, uma especie de hypno-

tismo da consciencia. Para esse fim os da nova seita constituiram materialmente um exercito com todas as exterioridades mais salientes e mais ruidosas do apparato militar: uniformes encarnados, bandeiras, bandas de musica, formaturas e evoluções espectaculosas com marchas, contra-marchas e uma especie de danças pyrrhicas, chorêas de convulsionarios, denominadas *rondas da alleluia*. Este exercito compõe-se de soldados de um e de outro sexo ajuramentados em companhias e em batalhões sob as ordens de sargentos, de capitães e de coroneis, tendo por general em chefe o patriarcha da seita, o famoso Mr. Booth, que na politica britanica representa o radicalismo fanatico em concorrencia com o radicalismo atheu de Mr. Bradlaug.

Computam a força numerica da *Salvation Army* em quatrocentas mil pessoas divididas pelos diversos batalhões espalhados pelo Reino-Unido, pelas Indias, pela Califor-

nia, pelo Canadá, pela Australia, e pela Nova Zelandia.

Em toda a parte onde os admittem os salvacionistas penetram fazendo rufar os tambores e desfraldando ao vento as bandeiras assignaladas pela divisa « Sangue e fôgo » — *Blood and fire!*

Distribuem-se proclamações e affixam-se cartazes em todas as esquinas: « Ámanhã, tantos de tal, os soldados de sangue e de fôgo, guerreiros d'um e d'outro sexo, marcharão sobre o parque A, sobre a villa B ou sobre a aldeia C, commandados pelo coronel ou pela coronela F. Os escravos do demonio serão batidos com balas explosivas do Evangelho. Immediatamente depois da chegada do Espirito Santo, o commandante da força de sangue e de fôgo fallará aos rebeldes em nome do rei Jesus Christo. Incendiados os arraiaes inimigos as tropas entoarão e dançarão o galope da acção de graças. »

Depois, no percurso da força em campanha, o peccador que segue tranquillamente o caminho dos seus peccados, dirigindo-se a tratar dos seus negocios ou a recolher ao seio da sua familia, é cercado no meio da rua pelos soldados de sangue e fôgo, e despertado do entorpecimento da culpa a guinchos de clarinete, a berros de fagote, a roncos de trompa, a pancadaria de pratos e de zabumba, ao mesmo tempo que a parte vocal do assedio lhe grita aos ouvidos versetos dos psalmos, maximas da Escriptura ou invocações da ladainha. Se o viandante se rende á eloquencia de um tal proselytismo, a legião prosegue levando comsigo mais um catechumeno. Se pelo contrario elle reage á persuasão dos argumentos e ou arromba a pugilato um dos instrumentos da catechese ou quebra ás bordoadas uma bengala sobre o dorso dos instrumentistas, os salvadores abandonam o reprobo ao peccado em que elle persiste, e vão le-

var a outra parte não só o *sangue e o fôgo* de que rezam os estandartes da corporação, mas tambem o fôgo e o sangue que a bengala maldita do possesso lhes ateou no espinhaço ou lhes fez verter das brechas da cabeça.

A nós outros este systema de converter as almas extraviadas da graça divina póde parecer burlesco; na Inglaterra porém não existe o senso do ridiculo para coisa alguma, e muito menos para actos que mais ou menos directamente se relacionem com uma propaganda de religião.

O Exercito da Salvação, que a França recebeu no meio das mais irreverentes e mais convictas gargalhadas, e que o governo suisso expulsou do seu territorio como incompativel com a dignidade helvetica, é acolhido inteiramente a sério pela critica e pela opinião de Londres. O arcebispo de Cantorbery e a propria rainha deram já aos salvacionistas uma especie de assentimento

e de sancção figurando n'uma das subscripções abertas por essa interessante communidade.

Os interesses da *Salvation Army* são defendidos na imprensa por um importante periodico, orgão official da congregação e intitulado *O grito de guerra* — War cry. Depois do processo da *Pall-Mall Gazette,* em que o general Booth se achou singularmente implicado como auctor de alguns leves attentados ao pudor, o *War cry* baixou um tanto ou quanto na estima publica. Os clubs e varios leitores particulares suspenderam as suas assignaturas, e a folha dos salvacionistas passou a vender-se nos estabelecimentos clandestinos em que se negoceiam os livros pornographicos e as photographias transparentes.

*

No domingo, cuja guarda é ainda agora

fielmente mantida segundo a antiga ordenança de Carlos II, os agentes das diversas seitas a que me refiro enchem as ruas mortas das cidades inglezas de um tenebroso e lugubre ruido de missões ambulantes, de praticas theologicas, de sermões de penitencia, de ululantes psalmos, de grunhideiras ladainhas, de guinchadoras e excruciantes philarmonicas, destinadas a dar ás imaginações uma idéa do que póde ser o inferno fazendo sahir do bufo de cada corneta uma ninhada de diabos, rabejantes e cornudos, engadelhados em semifusas e uns nos outros, de guelas em brasa e linguas de fora, ás cabriolas e ás unhadas no ar, em cata d'almas que chamar aos bandulhos torpes e insaciaveis... E não ter a gente á mão — ó meu rico S. Bernardo! — uma boa bisnaga d'agua benta com que estoirar uma musica dominical na cidade de Londres como quem estòira uma bexiga de entrudo no lombo de um chechè!

No emtanto estão fechados os espectaculos publicos, os concertos populares, as bibliothecas, os museus, as galerias d'arte.

E o pobre povo, que durante seis dias consecutivos trabalhou quartorze ou dezeseis horas por dia, esfalfado, embrutecido, como um boi de nora preso ao calabre depois de despejados os alcatruzes a vêr ao longe verdejar os fenos da pastagem, não tem outra consolação nem outro allivio nem outro refugio que não seja o diabo, a biblia ou a genebra!

CAPITULO XII

Conclusões

QUANDO a sciencia de dirigir as sociedades e de governar os homens sahir da phase empirica, em que até hoje tem estado, para entrar com todas as demais sciencias do nosso seculo na phase definitiva, quando a *politica* ou a *sociologia pratica*, em vez de ser um expediente d'acaso regido por um certo numero de principios arbitrarios que os estadistas arvoraram em axiomas, fôr pelo contrario a applicação das leis que

dirigem a evolução humana tão rigorosamente como as leis physicas dirigem a evolução zoologica, os politicos terão de usar de um methodo para descobrir e para demonstrar as verdades politicas como se estudam e se demontram já hoje as verdades biologicas.

Esse methodo baseado na observação terá de ser o methodo experimental, como o instituiu para o estudo da physiologia o genio de Claude Bernard, abrindo a todas as sciencias modernas o unico caminho philosophico por onde se chega á certeza.

Os livros de viagens, feitos de rigorosos inqueritos ás civilisações estrangeiras, constituirão então preciosos repositorios de factos observados, suggestão scientifica de outras tantas hypotheses sociologicas, as quaes depois de verificadas e de comparadas com hypotheses suggeridas por phenomenos analogos resultantes d'outras observações, permittirão deduzir theorias que,

por seu turno contraprovadas experimentalmente, levarão talvez ao conhecimento e á demonstração de algumas leis mais positivas e mais fecundas do que as que hoje se extraem da eloquencia tribunicia de uma e da outra casa do nosso parlamento.

*

Para esse tempo aquelle que hoje escreve estas linhas repousará no seio de Abrahão, depois de haver pendurado no museu ethnographico do Padre Eterno a dôce guitarra em que, ao perpassar com a sua geração por sobre a superficie do espheroide terraqueo, algumas metaphoras dedilhou para ajudar á consoladora festa da arte risonha e benigna. E não voltará cá abaixo a retocar entre o frenesi da vida terrestre a segunda edição d'esta curiosa obra

porque, segundo todas as probabilidades, lhe será mais grato passear em estado diaphano de sombra com as sombras d'alguns artistas do seu tempo n'uma avenida de transcendente luar nos jardins interstellares do Empyreo do que tornar-se a metter sob a natureza de vertebrado e de escriptor publico na grosseira convivencia dos exploradores, dos traficantes, dos beleguins, dos esbirros e dos almotacés que n'este mundo presidem ao concerto social.

*

Se porém me obrigassem desde já a tirar das poucas observações recolhidas n'este volume algumas immediatas applicações ao estudo da civilisação portugueza comparada com a civilisação da Inglaterra, eis aqui,

pouco mais ou menos, os termos em que eu me dirigiria á minha patria:

Patria! recebe — primeiro que tudo — os meus parabens pelo brilhantissimo atrazo em que te achas sobre a senda das reformas economicas, administrativas e sociaes com relação ao movimento de todos os demais paizes da Europa.

Imagina tu que no presente momento do progresso se constata com assombro que para o fim de realisar o programma que lhe foi legado pela philosophia da Encyclopedia e pela Revolução Franceza o nosso seculo se enganou de rumo. Todas as edificações feitas ao longo do caminho percorrido desde 89 até hoje pelos reconstructores sociaes que se succederam a Turgot vacillam nos alicerces e ameaçam desabar de um dia para o outro n'uma catastrophe tão pavorosa como aquella que no fim do secu-

lo passado subverteu o regimen que precedeu o actual.

A liberdade, considerada como base fundamental da ordem democratica nas sociedades modernas, averigua-se á ultima hora que não passa de uma deploravel ficção rhetorica, de uma entidade metaphysica tão illusoria, tão ôca e tão esteril como a do velho direito divino, e trata-se por tôda a parte de retroceder a um estadio anterior para o fim de deduzir da sciencia fundamentos mais solidos para a democracia como fórma da justiça na confraternidade humana.

No movimento de refluxo que evidentemente caracterisa a orientação actual do pensamento europeu os paizes mais retardados na carreira são talvez os que primeiro attingirão a meta, se comprehendendo a evolução geral d'esta grande regata, tiverem a pericia precisa para virar de prôa e guinar a tempo.

É essa, querida Patria, a manobra a que

tem de obedecr com mais ou menos promptidão este pequeno chaveco outr'ora denominado a Nau do Estado.

Para esse fim aconselharia a previdencia que alguns refrescos começassemos a metter a bordo, e que alijassemos alguma carga que levamos inutilisada e apodrecida no porão da velha barca.

Dando-nos o systema representativo pelo qual nos julgamos governados, a Inglaterra fez-nos presente de uma correcta sobrecasaca burgueza, feita para o corpo e para as maneiras de um anglo-saxonio, a qual nós não conseguimos ainda ajustar á nossa medida.

Basta ter atravessado uma unica vez os campos da Inglaterra para comprehender o seu regimen parlamentar. A cada circulo de humildes habitações ruraes corresponde invariavelmente um grande edificio preponderante e dominativo, ás vezes uma fabrica, quasi sempre um antigo solar

meio palacio, meio castello, rica vivenda senhorial rodeada de grandes arvores, revestida de trepadeiras em flôr, com janellas abertas, chaminés fumegantes, envolta no respiro confortavel, na palpitação elegante da sua existencia interior. É a casa de campo do *lord* ou do simples *gentleman farmer* que n'ella se fixou definitivamente e para todo sempre com a sua familia. Vem a Londres no tempo da legislatura ou nos dois mezes da *season* e viaja periodicamente no continente; mas é na casa de campo que está o foco domestico, o lastro da tradição, o vinculo que o prende á terra, á civilisação e á patria. É na casa de campo que elle collige os seus livros e os seus quadros, é ahi que elle desdobra todo o luxo das suas festas magnificas; ahi, a sua coutada e os seus monteiros, as suas cavallariças de caça e de corridas, as suas carruagens e as suas matilhas; ahi que elle recebe por turmas successivas os seus ami-

gos para as caçadas á raposa, e para as *soirées* com jantares de gala em grande etiqueta e com a *slow-waltz* sob os lustres floridos, entre mulheres decotadas cobertas de turquezas e de brilhantes e homens de calção curto e casaca encarnada. Este proprietario rural é por natureza o amigo, o advogado, o conselheiro, o protector dos pequenos proprietarios e dos rendeiros seus visinhos. Assim, cada circumscripção electiva tem por casco um solido agrupamento material de interesses longamente e estreitamente estabelecidos em torno de um foco de preponderancia local. A eleição em tal caso não é mais que uma raciocinada e convicta delegação de poderes attribuida por procuração collectiva ao *representante natural* de cada circulo.

Em Portugal, onde pela mais flagrante incoherencia o regimen liberal estabeleceu o principio da representação creando o circulo electivo por um lado, e destruiu o

agrupamento natural das opiniões por outro lado, abolindo os vinculos e os morgados, e dissolvendo pela absorção centralista e pela legislação da propriedade os derradeiros elementos sobre que se poderia reconstituir uma aristocracia rural e uma nobreza de provincia, comprehende-se facilmente quanto o suffragio á ingleza deveria rapidamente abastardar-se e corromper-se.

Além da Constituição, dos cavallos de corridas, das modas do alfaiate Poole, da *soda-water,* das descomposturas do snr. Stanley e dos desdens de que habitualmente somos objecto da parte dos periodicos de Londres, póde-se dizer que nada mais devemos ao contacto da Inglaterra.

Esse grande e bello paiz teria comtudo muitas coisas que ensinar-nos se quizessemos aprender.

Como nem sei fazer, nem me proponho fazer um tratado especial sobre as destruições necessarias e sobre as reformas uteis,

comprehendes, ó Patria, que simples *touriste* eu saltasse por cima de muitos phenomenos perante os quaes conviria que meditassem um pouco os teus politicos e os teus legisladores.

Por isso te não citei o grande exemplo memoravel d'esse inclito rachador de carvalhos e d'abusos que se chama o snr. Gladstone, ultimamente derribado do poder pela rejeição do *bill* relativo á independencia politica e nacional da Irlanda, mostrando-te como póde ás vezes convir á gloria de um estadista ter antes o caracter humanitario do que o caracter patriotico, pondo em pratica na politica a maxima moral de Montesquieu: que acima do individuo está a familia, acima da familia a patria, e acima da patria a humanidade.

Por iguaes razões te não fallei do uso cada vez mais em voga entre os legisladores inglezes d'aquillo a que no Reino-Unido se chama a *legislação separada,* principio de alta

philosophia administrativa baseado na consideração de que as leis não podem ter um caracter de these absoluta e sómente são proficuas quando provenientes da hypothese local tendo por alicerce a aspiração e o assentimento d'aquelles que hajam de submetter-se-lhes.

Teria de desdobrar capitulos sobre capitulos, se tivesse de especificar todos os interessantes casos de applicação d'essa regra fundamental, tanto na administração das Ilhas Britanicas como na do vasto imperio colonial inglez, mostrando como a utilidade pratica de uma nova medida se pondera e analysa com tanta maior evidencia e tanta maior facilidade de correcção quanto mais restricta é a zona em que ella se experimenta.

Tres unicos factos — para te não enfadar mais — procurei pôr em algum relevo n'estas paginas fugitivas: o *ensino elementar artistico,* a *educação physica,* a *religião nacional.*

Emquanto aos dois primeiros, levanto o meu braço direito e voto pela opinião ingleza, profundamente convicto de que é da cultura da força em cada individuo que em ultima analyse depende a força collectiva, a energia, a saude, a vida de cada Estado; e de que a educação artistica não é só para cada povo a principal fonte de riqueza correlativa ao successivo desenvolvimento das suas industrias, mas é tambem a unica base solida e consistente de um verdadeiro e positivo progresso moral.

As mais desgraçadas nações são hoje aquellas de cujo coração desappareceu de todo a delicada flôr da aptidão artistica. No medonho derrocamento de tradições e de idéas, de que o nosso seculo tem sido testemunha na esphera da religião, na da politica, na do direito; sobre o montão aterrador de tantas coisas para todo sempre destruidas durante os ultimos cincoenta annos, no meio do revolto e inextricavel conflicto das

contradicções e das incertezas que tão dolorosamente caracterisam a mentalidade do nosso tempo, está a arte destinada a ser o sagrado e inviolavel refugio dos interesses intellectuaes da especie humana.

Tudo mais, na obra da intelligencia do seculo XIX, ou falhou de todo ou deu muito menos do que promettia, e o futuro terá de remanusear a um por um, para chegar a uma verificação positiva, todos os problemas do progresso que a nossa geração foi tão ousada em levantar quanto foi impotente para resolver. A obra d'arte, unicamente ficará intacta como o documento fiel dos sentimentos e das aspirações de cada raça.

Emquanto a religião, é pela tua, bem amada Patria, que eu opto sem hesitar um momento.

O nosso velho catholicismo romano deve ser de todas as religiões a mais verdadeira, porque é indubitavelmente a mais bella, e sendo a mais bella é por esse mesmo fa-

cto a que mais consola e a que mais moralisa.

Foi em nome da intransigencia dos seus canones que a nossa raça foi por muitos annos subjugada ao arbitrio ecclesiastico, e distrahida por elle do seu destino nacional e da sua missão historica. Hoje porém a auctoridade canonica dissolveu-se quasi completamente, o dogma cahiu com a esterilidade do seu morbido idealismo, com a sua intolerancia judaica, com o funebre cortejo dos seus rigores e dos seus castigos, ficando unicamente em pé, sobrevivente á obra especulativa da Egreja caduca, o elemento primitivo do christianismo popular e poetico envolto pela arte na magestosa elegancia das nossas cathedraes e em algumas d'essas dôces e piedosas lendas evocadas pela imaginação do povo, e que, depois de inteiramente finda a theologia, embalarão e acalentarão ainda por muito tempo a dolorida alma do homem.

Foi pela enorme porção d'arte que n'elle se absorveu que o catholicismo se eternisou, e é pela arte que elle vive ainda e viverá por muito tempo consubstanciado pelas forças ethnicas na alma popular.

Das tres ou quatro duzias de deuses a que tenho tido a honra de ser apresentado já em conversação, já em leitura, pelos philosophos do meu conhecimento, o primeiro com quem travei relações, e a quem me apresentou minha mãe, foi o simples e modesto Deus da parochia rural em que nasci e onde elle se achava representado ao vivo n'uma esculptura de madeira de castanho minhoto, com a sua capa bordada em sêda rôxa, a sua cabelleira encanudada e a sua cruz de espinheiro ás costas.

Na idade dos quinze annos alguns livres theistas, meus condiscipulos em rhetorica, foram os primeiros a fazer-me comprehender que o Senhor lá de casa se não achava nos casos de satisfazer com decencia as ne-

cessidades espirituaes de um lapuz do meu tamanho, exornado de um buço e de uma approvação *nemine discrepante* em philosophia racional e moral. Tratei desde então de encontrar outro Deus mais *racional e moral,* mais philosophico, mais scientifico, mais *nos casos* emfim, e dou a minha palavra de honra de que nunca o achei em todo o meu caminho intellectual através d'esse puro espiritualismo nebuloso, transcendental, profundamente dissolvente que fez a confusão, a desordem e a desgraça de toda a litteratura romantica do meu tempo.

Tarde, ai de mim — antes porém tarde que nunca! — retrocedi ao primitivo Deus singelo de meus paes e da minha freguezia, vindo ao convencimento de que a um meridional da minha especie, com os meus atavismos e com as minhas hereditariedades cerebraes, não é com decencia permittido ser senão d'estas duas coisas uma: ou catholico apostolico romano, ou atheu.

Guarda pois, ó Patria, e conserva-a como a mais preciosa das mercês com que a providencia te agraciou, a dôce, a alegre, a carinhosa, a consoladora, a democratica, a fraternisante religião que desfructas...

Ella é, de tudo quanto ainda poderia reconstituir em ti o caracter nacional, a unica coisa verdadeiramente em termos.

INDICE

Pag.

A Sir John Bull v

CAPITULO I

Em que unicamente se trata do donjuanismo e das suas relações com a vaidade 1

CAPITULO II

Very improper! — O escandalo da *Pall Mall Gazette* e o escandalo Dilke. — Mistress Crawford ou « O vicio punido e a virtude recompensada », bello trecho moral para escarmento da perfidia. — Casamento britanico e casamento portuguez. — Descobre-se emfim n'este instructivo capitulo a secreta vantagem de andarem os noivos du-

Pag.

rante um anno a «tratar dos papeis». — Jubiloso caso de polygamia. — Gabinetes reservados, lares domesticos, e velocipedes. 11

CAPITULO III

De como ao chegar a Londres o auctor d'esta obra se viu na obrigação moral de dizer *all rigth*. — O aspecto das ruas. — O respiro do *home*. — O *plum-pudding*. — O *elderberry-wine*. — A *tea-party*. — O *mistletoe*. — O *Christmas log*. — As physionomias. — O *horse-guard*. — O banqueiro da *City*. — *A pious person* 27

CAPITULO IV

No qual o auctor principia por enumerar coisas que não viu e se não atreve a fallar das damas da alta aristocracia britanica. — As lindas mulheres. — A *horse woman* e o nosso cavallo de senhora. — A menina ingleza e a menina de Lisboa. — Hyde-Park. — A verba bebidas. — O Criterion e o Royal. — O *dining-room*. — A boa creação. 47

Pag.

CAPITULO V

Inteiramente *shocking*, porém notavel. N'elle se applaude o auctor da admiravel facilidade com que maneja o estylo figurado, sem que todavia isto o impeça de passar, tão modestamente como qualquer outro, ao capitulo seguinte. 79

CAPITULO VI

A miseria em Londres. — Ginx's baby, seu nascimento e mais desastres. — O Tamisa e o nevoeiro. — Um filho de Ginx através da lama de Piccadilly. — Manhã de violetas. — *Cabs, mail-coachs, jerseys* e *avercoats*. 93

CAPITULO VII

O museu de South Kensington, sua historia, suas collecções e seu orçamento. — A arte na Inglaterra. — O ensino artistico elementar e os seus resultados no progresso das industrias. — Comparações dolorosas, posto que breves 113

CAPITULO VIII

Trava-se conhecimento com um alumno de *Eton-College* e verifica-se que elle faz differença do

Pag.

nosso menino de collegio. — A educação physica. — O *cricket*, o *foot-ball*, o *racing*, a *regatta*. — Os costumes escolares em Cambridge, em Oxford e em Coimbra. — Demonstra-se que, para o fim de dar suavemente cabo de um povo, o mais perfeito dos systemas pedagogicos é o nosso 159

CAPITULO IX

O «athleticismo» na sociedade ingleza e a espinhela cahida na burguezia de Lisboa. — O sedentarismo burocratico e a vida rural. — Acção do espiritualismo dos governos sobre a musculatura das raças. 177

CAPITULO X

Um domingo em Clifton. — O aspecto dos campos. — Bristol á noite. — A nossa religião e a religião d'elles. — A Biblia. — Na patria. — O arraial minhoto. — A egreja. — O adro. — As queijadeiras. — O peixe frito. — A philarmonica. — O fogo preso. 201

CAPITULO XI

De como o protestantismo anima a incontinencia.

Pag.

— A casa de Eça de Queiroz. — Um jantar de catholicos em terra de herejes. — O domingo dos que não jantam. — « Gin! gin! » 215

CAPITULO XII

A Divindade dos *noblemen* e a do *common people*. — As varias seitas religiosas. — *The Salvation Army* 229

CAPITULO XIII

Conclusões 247

Porto: 1887 — Typ. de A. J. da Silva Teixeira

Rua da Cancella Velha, 70